



FACULDADE ANTONIO MENEGHETTI

GUSTAVO HENRIQUE FLORÊNCIO

**A “FABRICAÇÃO” DA ONTOPSICOLOGIA:
COMO APRENDÊ-LA E APLICÁ-LA PARA ENSINÁ-LA
DE MODO EXATO E EFICAZ**

RECANTO MAESTRO
RESTINGA SÊCA, RS

2021

GUSTAVO HENRIQUE FLORÊNCIO

**A “FABRICAÇÃO” DA ONTOPSICOLOGIA:
COMO APRENDÊ-LA E APLICÁ-LA PARA ENSINÁ-LA
DE MODO EXATO E EFICAZ**

Monografia apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Ontopsicologia,
Curso de Graduação em Ontopsicologia, Faculdade
Antonio Meneghetti-AMF.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Schaefer

RECANTO MAESTRO
RESTINGA SÊCA, RS

2021

GUSTAVO HENRIQUE FLORÊNCIO

**A “FABRICAÇÃO” DA ONTOPSICOLOGIA:
COMO APRENDÊ-LA E APLICÁ-LA PARA ENSINÁ-LA
DE MODO EXATO E EFICAZ**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ontopsicologia, Curso de Graduação em Ontopsicologia, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Schaefer

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Schaefer
Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso
Faculdade Antonio Meneghetti

Prof.^a. Dr.^a. Annalisa Cangelosi
Membro da Banca Examinadora
Faculdade Antonio Meneghetti

Prof.^a. Dr.^a. Fernanda Goulart Martins
Membro da Banca Examinadora
Faculdade Antonio Meneghetti

Prof. Ms. Wesley Lacerda
Membro da Banca Examinadora
Faculdade Antonio Meneghetti

Recanto Maestro, 13 de fevereiro de 2021.

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho àqueles que fazem do
melhor de si um instrumento para o melhor de seus alunos:
os professores de Ontopsicologia.*

*Um trabalho que nasce da inquietude particular,
mas que sai das minhas mãos, tomando uma nova forma
para também contribuir com tantas outras pequenas
sementes que poderão se abrir.*

AGRADECIMENTOS

É apenas o início dos primeiros passos... conquistas que dão prazer, dignidade e orgulho de uma decisão: ingressar para a 2ª turma do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia no mundo. Um compromisso e uma prazerosa responsabilidade desse título, que carrega um peso de seriedade que essa ciência nos convoca. Essa formação para mim, é além do “Bacharel em Ontopsicologia”, mas é sinônimo de ser: um mediador da vida e de vidas. Profundamente então agradeço a esses meios da vida que me possibilitaram chegar até aqui:

Agradeço primeiramente a vida, pelo chamado para colaborar. Um sentimento que toma conta – difícil de explicar, mas simples de sentir – que vem surgindo desde pequeno, e vem ganhando forma e mais força na medida em que vou evoluindo. Isso me faz lembrar da primeira vez que contatei a Ontopsicologia através da arte. Em 2013, tive a evidência, ao experienciar o Concerto Metaphisica Sinfonia Coral, com mais de 100 vozes, em homenagem ao Acadêmico Professor Antonio Meneghetti no ano de seu falecimento. Fui tocado em uma outra dimensão, e atribuo esse agradecimento a esse momento cheio de significados.

Aos professores, coordenadores e direção da Antonio Meneghetti Faculdade que conduzem com maestria e excelência esse legado internacional de formação humanista. Em especial aos professores de Ontopsicologia, que foram para além da sala de aula, e que são até hoje pontos de contato que me motivam a sempre buscar o meu melhor.

Ao meu orientador, professor Ricardo Schaefer, gestor, mentor e amigo, com uma inteligência incansável, apaixonado pela arte da docência, que também toca, inspira e forma tantos outros jovens. Tenho um profundo respeito e gratidão, que por meio dos desafios, aprendizagens e colaboração com o Projeto Recanto Maestro, dessa relação, nasce a oportunidade em também contribuir: formar pessoas, ensinar, coordenar projetos e comunicar a Ontopsicologia de forma viva para o Brasil e para a América Latina.

À minha turma, em especial aos meus colegas, que foram uma verdadeira escola, onde aprendemos uns com os outros como utilizar a ocasião da sala de aula para colaborar e exercitar o desenvolvimento técnico, profissional e existencial.

E aos meus amigos e familiares, que de alguma forma ou de outra, foram também estímulos para eu continuar sempre seguindo o que o meu coração dizia. Imenso amor, honra, respeito e gratidão!

“Substancialmente, um autêntico professor de Ontopsicologia se atém àquela parte da Ontopsicologia que ‘fabricou’ com caminho e experiência pessoal, e que a este ponto reconhece como evidente. Ao ensinar, deveria limitar-se a essa parte que verdadeiramente ‘toca com as mãos’. Efetivamente, quando ensina essa parte, não parece ensinar: parece dizer coisas óbvias. É nos olhos arregalados do interlocutor que descobrimos que nele fazemos novidade.”

(BUONANNO, 2006, p. 91).

RESUMO

A formação humana sempre foi um interesse genuíno daqueles que transformavam a sua vocação em um meio para despertar no outro o melhor de si. A Ontopsicologia resgata a lógica do mundo da vida e do valor humano, pois restitui o homem à original e própria humanidade. Este trabalho de conclusão de curso é uma formalização de um percurso individual para a formação de professores em Ontopsicologia: a “fabricação” da Ontopsicologia, como lógica de aprendizado, aplicação e ensino. Para alcançar esse objetivo, realizou-se uma pesquisa do tipo exploratório com docentes e discentes da Antonio Meneghetti Faculdade. Para a coleta dos dados, foram realizadas entrevistas roteirizadas e semiestruturadas, que foram transcritas e submetidas à análise de conteúdo. Da análise, constataram-se quatro categorias a priori, sendo dos professores: 1) conhecimento técnico e estilo de vida; 2) vocação para a docência; 3) postura do professor e relação professor-aluno; 4) recursos e práticas didáticas, essas categorias à luz da Ontopsicologia. E para os alunos observou-se outras quatro categorias a priori: 1) características de um verdadeiro professor; 2) a diferença entre professores de Ontopsicologia/FOIL em relação a um professor que não possui essa formação; 3) exemplos e tipos de aulas que mais tocam verdadeiramente os alunos e 4) como o aluno vê ou percebe se o professor vive aquilo que ensina. E no final foi realizada a análise cruzada dos professores e alunos, evidenciando a associação direta do diferencial dessa formação. A análise dos resultados permitiu evidenciar a distinção da formação docente e ensino da Ontopsicologia como novidade nas práticas didático-pedagógicas atuais.

Palavras-chave: Professor de Ontopsicologia; Didática Ontopsicológica; Pedagogia Ontopsicológica; Ciência Interdisciplinar.

ABSTRACT

Human formation has always been a genuine interest of those who transformed their vocation into a means of awakening the best of themselves in the other. Ontopsychology rescues the logic of the world of life and human value, since it restores man to the original and humanity itself. This course conclusion work is a formalization of an individual path for the training of teachers in Ontopsychology: the “fabrication” of Ontopsychology, as a logic of learning, application and teaching. To achieve this goal, an exploratory research was carried out with professors and students from Antonio Meneghetti Faculdade. For data collection, scripted and semi-structured interviews were carried out, which were transcribed and submitted to content analysis. From the analysis, four a priori categories were found, being that of teachers: 1) technical knowledge and lifestyle; 2) vocation for teaching; 3) teacher's posture and teacher-student relationship; 4) resources and teaching practices, these categories in the light of Ontopsychology. And for the students, four other categories were observed a priori: 1) characteristics of a true teacher; 2) the difference between Ontopsychology / FOIL teachers in relation to a teacher who does not have this training; 3) examples and types of classes that most truly touch students and 4) how the student sees or perceives if the teacher lives what he teaches. In the end, a cross analysis of teachers and students was carried out, showing the direct association of the differential of this training. The analysis of the results showed the distinction between Ontopsychology teacher education and teaching as a novelty in current didactic-pedagogical practices.

Keywords: Professor of Ontopsychology; Ontopsychological Didactics; Ontopsychological pedagogy; Interdisciplinary Science.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Construção do Questionário Online dos Professores	46
Quadro 2 - Construção do Questionário Online dos Alunos.....	46
Quadro 3 - Temas e Motivações das Perguntas Correlacionadas.....	47
Quadro 4 - Questionário dos Professores e Alunos com Temas e Perguntas Correlacionadas...	48
Quadro 5 - Distribuição de Alunos que Responderam ao Questionário por Curso de Graduação AMF	52
Quadro 6 - Levantamento da Seleção dos Professores.....	53
Quadro 7 - Respostas do Questionário realizado com os Professores Seleccionados.....	54
Quadro 8 - Levantamento da Seleção dos Alunos	56
Quadro 9 - A “fabricação” e “parte” da Ontopsicologia	88
Figura 1 - Nuvem de palavra sobre as Características em comum dos Professores com Formação em Ontopsicologia, com base na visão dos alunos.	83

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Levantamento e Recorte dos Alunos de Graduação da AMF	49
Tabela 2 - Levantamento e Recorte dos Alunos do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia .	50
Tabela 3 - Levantamento e Recorte de Professores das Disciplinas FOIL	50
Tabela 4 - Levantamento e Recorte de Professores do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia	51

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1 PEDAGOGIA E ONTOPSICOLOGIA	17
2.2 APRENDIZ: O ESTUDO DA ONTOPSICOLOGIA	27
2.2.1 Pressupostos etimológicos e linguísticos	27
2.2.2 A “fabricação” da Ontopsicologia como lógica de estudo e aplicação	28
2.3 ARTESÃO: A PRÁTICA DA ONTOPSICOLOGIA	30
2.3.1 <i>Life Long Learnig</i> como Estilo de Vida	30
2.3.2 Processo de autenticação: revisão crítica da consciência	31
2.4 PROFESSOR: O ENSINO DA ONTOPSICOLOGIA	33
2.4.1 A Psicologia do Mestre	33
2.4.2 A “fabricação” da Ontopsicologia como lógica de ensino	36
2.4.1 Critério para a formação do Professor de Ontopsicologia	38
3. METODOLOGIA	42
3.1. DELINEAMENTO DA PESQUISA	42
3.1.1. Critério de seleção de professores e alunos	42
3.1.2. Construção e aplicação dos questionários	46
3.1.3. Construção de roteiro e realização das entrevistas	47
3.1.4. Participantes das pesquisas	49
3.1.5. Procedimento de análise dos dados	56
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS	59
4.1. Análise dos Professores	59
4.1.1. Conhecimento Técnico e Estilo de Vida	59
4.1.2. Vocação para a docência	64
4.1.3. Postura do professor e relação professor-aluno	67
4.1.4. Recursos e práticas didáticas	71
4.2. Análise dos Alunos	78
4.2.1. Características de um verdadeiro professor	78
4.2.2. A diferença entre professores de Ontopsicologia/FOIL em relação a um professor que não possui essa formação	79
4.2.3. Exemplos e tipos de aulas que mais tocam verdadeiramente os alunos	80
4.2.4. Como o aluno vê ou percebe se o professor vive aquilo que ensina	81
4.3. Análise cruzada: professores e alunos	82
4.3.1. Análise dos Professores por parte dos Alunos: Características dos Professores com Formação em Ontopsicologia	82
4.3.2. A “Fabricação” e a “parte” da Ontopsicologia	85
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
6. REFERÊNCIAS	95
7. APÊNDICES	98
APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES AMF (ONLINE)	98
APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS AMF (ONLINE)	99
APÊNDICE C: ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES AMF	100
APÊNDICE D: ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS ALUNOS AMF	100

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso é uma busca de formalização de um percurso de estudos e formação individual, mas que se estende também a interesse de quem se identificar com o tema: os eternos aprendizes de Ontopsicologia, sobretudo aos futuros professores que contribuirão na mediação desse conhecimento para tantos outros que ainda irão contatá-la e a querê-la para si. A busca pela compreensão da Ontopsicologia é puramente individual. Para absorver e metabolizar esse conhecimento é necessário perpassar a formação humanista elementar e técnica¹ da Ciência Ontopsicológica, de forma contínua. O que consente a sua fiel aplicação técnica, desenvolve-se contemporaneamente na formação existencial que pressupõe uma responsabilidade e um modo de viver autêntico em coerência com o próprio projeto de vida.

O objetivo do trabalho é de reunir conteúdos a fim de apresentar um caminho de formação para a compreensão de como “aprender”, “estudar a técnica” e “aplicar” a Ontopsicologia, e que essa formação se compreende ser imprescindível um desenvolvimento integral de cada um. Como fechamento do argumento, buscar compreender como se “ensina” a Ontopsicologia, proporcionando no aluno uma ocasião inteligente de desenvolvimento pessoal e profissional. Tem-se como finalidade buscar compreender as diversas práticas pedagógicas, de distintos professores com formação em Ontopsicologia e, sobretudo como esses professores utilizam essa ciência ontopsicológica como método-didático na formação dos alunos da Antonio Meneghetti Faculdade. Não se trata dar uma “receita” de como fazer, pois cada professor possui a sua única e irrepetível identidade, mas de compreender na formação desses professores que já construíram seus percursos, portanto, formalizaram a sua vocação no ato de ensinar.

Para a construção desse trabalho, foi realizada inicialmente uma pesquisa bibliográfica para fundamentação teórica acerca da Ontopsicologia e sua formação técnica-existencial, reunindo e analisando os principais textos e conferências do Acad. Prof. Antonio Meneghetti², e de outros autores, destacando-se o texto “A Fabricação da

¹ Graduação em Bacharelado em Ontopsicologia (Reconhecido pela Portaria MEC n. 238 de 22 de maio de 2019) e pós-graduação em Especialização *Lato Sensu* em Ontopsicologia pela Antonio Meneghetti Faculdade, Instituição de Ensino Privada do estado do Rio Grande do Sul - Brasil. www.faculdadeam.edu.br.

² “Antonio Meneghetti (1936, Itália – 2013, Brasil) alcançou quatro doutorados. Segundo os critérios canônicos das Universidades Romanas, foi Doutor em Filosofia e em Ciências Sociais (Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino, Roma) e Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Lateranense, Roma). Na Rússia, obteve, em 27 de abril de 1998, da Suprema Comissão de Avaliação Interacadêmica da

Ontopsicologia” (BUONANNO, 2006), que dá a motivação inicial dessa pesquisa. Essa pesquisa de caráter exploratório, foi pautada na análise dos discursos dos professores entrevistados de Ontopsicologia ou FOIL³, dos cursos de graduação da Faculdade Antonio Meneghetti.

O objetivo desse trabalho é aquele de verificar e apresentar quais resultados se obtêm quando se utiliza a Ciência Ontopsicológica, não só como estudo da técnica, mas como “fabricação”, como processo de autoconhecimento, como evidência para aprendê-la, aplicá-la na condução da própria vida e, portanto, ensiná-la de modo exato e eficaz. Essa curiosidade do autor nasce da busca por compreender como se dá o processo de formação no contato do professor ao ensinar o que ele construiu, evidenciou, “fabricou com as próprias mãos”, com percurso próprio e experiência individual, pois “a Ontopsicologia, efetivamente, não deve ser somente estudada; mais, deve ser ‘fabricada’” (BUONANNO, 2006, p. 91).

Essa pesquisa tem como centro a compreensão por essa “fabricação” do professor de Ontopsicologia, entendendo como um processo de maturação e formação contínua, buscando interligar a teoria e a prática desse saber.

O que motiva toda a pesquisa parte do contato com o seguinte trecho do texto “A Fabricação da Ontopsicologia”:

Federação Russa, o título de *Grand Doktor Nauk* em Psicologia (protocolo 0104). Obteve também a láurea em Filosofia com endereço psicológico (Universidade Católica do Sagrado Coração, Milão) e recebeu a láurea *honoris causa* em Física pela descoberta do “campo semântico” (Universidade Pro Deo, Nova York). Original intelectual do nosso tempo, é autor de mais de 50 obras, em grande parte traduzidas para o inglês, português, russo e chinês. Com excepcional formação em teologia, filosofia, sociologia, direito, psicologia e economia, foi talvez uma das últimas grandes mentes da história recente, como os grandes do passado, com capacidade de formalizar um saber unitário por evidência racional e aplicação concreta. Para ele, a Ontopsicologia, ciência que formalizou nos últimos 40 anos de vida, é a capacidade de evidenciar-se no nexos ontológico. Será necessário algum tempo para se compreender a causalidade operativa das suas descobertas. Descobertas que consentirão familiaridade com o mundo-da-vida ou a continuidade reversível entre consciência e causalidade real. No Brasil, foi patrono da Faculdade Antonio Meneghetti, instituição de ensino superior credenciada pelo Ministério da Educação em 2007, e da Fundação Antonio Meneghetti, instituição criada em 2010 que, com o respaldo do governo brasileiro, visa garantir e perpetuar a obra e os resultados da ciência ontopsicológica no território nacional. Em 2018, a Fundação Antonio Meneghetti se tornou ONG com *status* consultivo especial junto ao Conselho Econômico e Social (ECOSOC) das Nações Unidas.” (MENEGETTI, 2020, [orelha do livro]).

³ FOIL: Formação Ontopsicológica Interdisciplinar e Liderística. Diferencial de formação empreendedora e de liderança em todos os cursos de graduação da AMF. “O grande diferencial da FOIL em relação a outras metodologias presentes em outras instituições de ensino é a utilização da ciência ontopsicológica. É uma metodologia que permite identificar e desenvolver o potencial natural de cada indivíduo, especialmente daquele que lidera ou quer se tornar um operador social e profissional de destaque no seu segmento, e, por isso, trabalha-se diretamente com a inteligência do aluno. É proposto um modo totalmente inovador de formação, praticado desde antes dessa faculdade existir, sempre com foco no resultado de crescimento individual, profissional e social.” (AMF, 2020). Para saber mais: www.faculdadeam.edu.br

Substancialmente, um autêntico professor de Ontopsicologia se atém àquela parte da Ontopsicologia que “fabricou” com caminho e experiência pessoal, e que a este ponto reconhece como evidente. Ao ensinar, deveria limitar-se a essa parte que verdadeiramente “toca com as mãos”. Efetivamente, quando ensina essa parte, não parece ensinar: parece dizer coisas óbvias. É nos olhos arregalados do interlocutor que descobrimos que nele fazemos novidade (BUONANNO, 2006, p. 91).

O termo “fabricar⁴” é lido aqui como o homem que faz, aquele que tem um saber operativo, que dessa concretude se dá a autoridade de ensinar pelo quanto o professor amadureceu na medida e proporção do quanto vive, constrói, “fabrica” esse conhecimento em si mesmo, portanto, é dessa evidência⁵ que se apropria com mais profundidade aquilo que se “fabrica”.

O autor da pesquisa utiliza então esse termo “fabricação”, para guiar os objetivos desse trabalho, pois percebeu um sentido ao compreender que existe uma relação com o que visualizou ao estudar a Ontopsicologia sob a perspectiva: um conhecimento que precisa ser “vivido”, “fabricado”, “feito com as mãos” e “metabolizado”. A partir do momento em que se metaboliza a Ontopsicologia, também se metaboliza como a vida se manifesta dentro de si. De fato, esse termo pode-se muitas vezes ser usado como algo feito “em série”, ou até mesmo denotar uma “industrialização”, mas é importante lembrar que a artesanaria é feita de fabricação, de manufatura, e ao fazer algo artesanalmente com as mãos remete a essa ideia de tempo e de maturação até que algo fique pronto. Portanto, essa perspectiva de estudar e fazer esse conhecimento “com as mãos”, sugere-se que o estudo da Ontopsicologia é um exercício de modo “*eferatto*”, que significa, estudar de modo “feroz, sem piedade” (TRECCANI, 2021, *tradução nossa*). Ou seja, é um estudo aplicado com ferocidade. Portanto, é necessária uma formação de anos, contínua, assim como aquela do médico, que compreende o funcionamento completo biológico do ser humano, assim como engenheiro que sabe todos os processos da construção de um arranha-céu.

A formação do professor de Ontopsicologia traz consigo uma enorme responsabilidade ao ensinar e contribuir com a difusão dessa ciência. Percebe-se que não é pretender ser o detentor de todo o saber completo e científico da ciência ontopsicológica, mas progressivamente, ir compreendendo com profundidade, humildade, em constante

⁴ “Fabricar, do Latim, *fáber*, aquele que faz, que trabalha [...] (ETIMO, 2008, *tradução nossa*),

⁵ “Evidência”, do latim, “ex vidente = o que resulta da experiência daquele que vê. Ação específica e própria de quem vê. Implica uma exata relação de coincidência entre o objeto aberto e o íntimo de quem vê.” (MENEGETTI, 2012, p. 111).

metanoia e construção de si mesmo. Enquanto se desenvolve, é seguro se ater àquela parte que verdadeiramente viveu com experiência individual. Mas para aprender a ensiná-la, é necessária a mesma preparação como àquela do psicoterapeuta em Ontopsicologia.

Dada a premissa, o **problema de pesquisa** desse trabalho se refere a seguinte indagação: qual é o percurso formativo necessário para “fabricar” a Ontopsicologia, aprender e aplicar a Ciência Ontopsicológica, para poder ensiná-la de modo exato e eficaz aos estudantes de graduação da Antonio Meneghetti Faculdade?

O presente trabalho tem como **objetivo geral** analisar qual **percurso formativo** necessário o professor de Ontopsicologia deve afrontar para “fabricar” a Ontopsicologia, para poder, portanto, ensinar, mediar e transmitir esse conhecimento de modo exato e eficaz aos alunos de Graduação da Antonio Meneghetti Faculdade.

Os **objetivos específicos** são:

1. Analisar como os professores aprendem e estudam a Ontopsicologia (conhecimento técnico);
2. Analisar como os professores aplicam e vivem a Ontopsicologia na própria vida (estilo de vida);
3. Verificar como que cada professor entrevistado, com formação em Ontopsicologia, utilizam essa ciência de modo exato e eficaz no processo de ensino-aprendizagem nos cursos graduação da Antonio Meneghetti Faculdade.

A importância de compreender a Ontopsicologia e aplicá-la na própria vida é um ponto fundamental e de diferencial na formação dos professores dessa ciência, que é diferente de outros conhecimentos. Portanto, se compreende que a Ontopsicologia não pode ser somente estudada, no sentido teórico e racional, mas é necessário formalizá-la com vivência prática, pois é um conhecimento que escorre junto com a lógica da vida. A motivação pessoal do autor da presente pesquisa é a busca e a paixão pela formação e desenvolvimento de pessoas, sendo que também encontrou na Ciência Ontopsicológica um caminho de construção e maturação pessoal para ser um profissional e professor de Ontopsicologia. Por essa motivação, abrem-se as justificativas de contribuição científica e social para essa ciência. O intuito dessa pesquisa é reunir conteúdos, por meio das principais referências bibliográficas sobre o tema, e compartilhar experiências relatadas por meio de entrevistas com professores, trazendo uma nova perspectiva de compreensão, analisando exemplos e passagens práticas de pessoas que já construíram e estão construindo a sua bagagem existencial e profissional, pela busca contínua e progressiva

da própria formação. Esses professores estão, portanto, historicizando e materializando seus resultados obtidos no desenvolvimento de pessoas, projetos, negócios, instituições, gerando valor e transformação social.

Em síntese e com base nos relatos dos professores entrevistados, esse trabalho discorrerá sobre o tema de como *aprender* sendo um *eterno aprendiz*, como *fazer* com a *expertise* de um *artesão* e como *ensinar* com a *maestria de um verdadeiro professor*.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na fundamentação teórica deste trabalho é importante salientar alguns aspectos acerca dessa pesquisa. Foi subdividida em três eixos principais: estudo, aplicação e ensino. Essa é apenas uma forma de percurso lógico, pois essas três partes são puramente formais. O processo de aprendizagem e ensino é holístico, acontece na prática tudo junto e coligado.

2.1 PEDAGOGIA E ONTOPSICOLOGIA

A diversidade de resoluções existentes e propostas pelos avanços e transformações das diferentes áreas do conhecimento, em especial aquela que tange à informação, do campo da tecnologia, vem fazendo com que ocorra uma mudança desenfreada sobre a nossa noção em relação ao tempo e espaço de como o “mundo vuca”⁶ está se movendo. Por mais que esses avanços venham contribuindo com as diversas áreas da atuação humana, acabam impondo no crescimento orgânico da sociedade, modelos e ideias em ritmos completamente diferentes do crescimento normal. Existe uma ideia que a máquina possa estar substituindo o humano nos postos de trabalhos, tirando-o das atividades assim ditas mecânicas, fazendo-o ter que se adaptar e se reinventar. Desse modo, novas oportunidades de trabalho surgem, ampliando-se um vasto campo também na formação dos profissionais do futuro. Porém, essa diferença implica uma outra preocupação anterior a tudo – como preparação –, sobretudo no âmbito da Pedagogia, em como se adequar e propor novas práticas pedagógicas para auxiliar pais, escolas, sociedade, sobretudo aos professores e educadores para esse novo tempo. A questão é delicada e fundamental, e já amplamente discutida pelas escolas, universidades, e Estados do mundo todo, mas ainda permanece não completamente resolvida.

Da pedagogia clássica à pedagogia contemporânea, houve um movimento no sentido de elaborar práticas e modelos mais eficazes situados nos diferentes momentos históricos e contextos políticos-democráticos. Na educação da antiga civilização grega, por exemplo, com a Paideia, a escola de Pitágoras⁷, até a formação em Roma, a função

⁶ O termo VUCA “nasceu do acrônimo das palavras em inglês *Volatility, Uncertainty, Complexity e Ambiguity* (em português: volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade, respectivamente). [...] Diante de toda a imprevisibilidade do mundo VUCA, as companhias devem se preparar para lidar tais inevitabilidades – visto que estão na iminência de enfrentarem, eventualmente, alguma dificuldade nesse ambiente” (FNQ, 2018).

⁷ c. 580 a.C. – c. 500 a.C.

da pedagogia era aquela de construir e lapidar o ser humano, como um homem civil que vive em sociedade. “O escopo era formar o cidadão capaz de construir, com avanço, o próprio ambiente em que vivia”. (MENEGHETTI, 2015a, p. 11). Nesse modelo, aprendiam como viver, como ter um estilo de vida, como fazer, resolver com diferentes técnicas manuais cotidianas, até disciplinas de formação mais específicas. Era, sobretudo, levado também em consideração a formação moral, ética, estética, atlética, artística e filosófica.

Desde a antiga romana, muitos pensaram a pedagogia. Nos últimos 100 anos, alguns como Tolstói⁸, Tagore⁹, Capitini¹⁰, Freire¹¹, Milani¹², Rousseau¹³, Piaget¹⁴ entre outros. A discussão sobre a educação é crescente, e a pergunta permanece com respostas incompletas, setoriais, se é possível se reinventar com a atualização de novos dos meios de comunicação, diferentes abordagens pedagógicas e modelos didáticos. Mesmo que em âmbito científico e psicológico, não se responde um hiato: a relação humana. Pouco ainda se fala de como endereçar de modo eficaz o futuro das crianças e dos jovens – fala-se sobre o problema, o fenômeno, mas não em alternativas eficazes de solução –, principalmente àqueles que portarão adiante a chave de uma liderança responsável para alcançar frentes de função social. Entretanto, não há um denominador comum para fundar uma nova pedagogia, um novo modo de aprender e ensinar, que seja adequado à evolução humana. Nessa dinâmica, Meneghetti (2015a) afirma que não é somente a falta de métodos pedagógicos, mas há a dificuldade de se ter educadores capazes, realizados e felizes para fazer pedagogia: “Observando os vários movimentos de pedagogia, posso dizer que os adultos projetam idealisticamente a própria falência em todas as crianças.” (p. 56). Portanto não é somente a técnica, mas a falta de critério, do homem realizado, exato na sua técnica. Como ensinar a encontrarem uma profissão, sendo que existem professores que não amam nem a própria? Como ensinar os caminhos da vida e da felicidade, se não se é feliz?

Com base em que se funda e cria um método para se fazer pedagogia? O que se pode perceber é que o problema se verifica nessa dualidade de critérios (opinião ou

⁸ 1828-1910.

⁹ 1861-1941.

¹⁰ 1899-1968.

¹¹ 1921-1997.

¹² 1923-1967.

¹³ 1712-1778.

¹⁴ 1896-1980.

ciência), ainda que não excludentes entre si, mas divisor de águas para compreensão, quando usados na sua proporção e complementariedade. Esse problema é percebido também no problema crítico do conhecimento. A problemática que permanece contínua se resume em uma outra pergunta: “o homem é capaz de conhecer o real?”. Ou seja, coloca em questão se a nossa razão é capaz, ou não, de conhecer com exatidão.

Meneghetti (2010), apresenta que é necessário individuar um critério que fundamente qualquer ciência. “Quando se faz uma ciência, uma demonstração, uma cura, é necessário um critério: um princípio que legitima o discurso de toda a teoria e relativa demonstração (a funcionalidade do critério).” (p. 145). Esse critério é o certificador da verdade, em base ao qual pode-se fazer realidade, autoridade, dialética, em qualquer prática pedagógica, percurso de formação, ou método de pesquisa.

Para compreender melhor essa “crítica” a respeito desse aspecto do “critério”, fundamental para discussão dessa pesquisa, Meneghetti (2010) apresenta essa distinção e como verificar o que é a crítica e esse princípio de julgamento, esse critério. Crítica, “significa colocar as instrumentações lógicas, de indagação, sob a verificação dos nossos processos de conhecimento.” (MENEGHETTI, 2010, p. 145). Critério, segundo a etimologia no dicionário de Ontopsicologia, vem “do Grego κρινω = julgo; κριτήριο = norma, regra para discernir o verdadeiro do falso. Juízo feito ou fundado”. (MENEGHETTI, 2012, p. 69). Portanto, é o princípio base para julgar, distinguir, fazer os seus confrontos, como um ponto de medida para fazer o igual.

Segundo Meneghetti (2010), existem dois critérios fundamentais: “os critérios para fundar qualquer ciência são de dois gêneros: o critério convencional (a opinião) e o critério de natureza”. (p. 146).

O *critério convencional* é o critério que comumente se conhece, utilizado por todas as ciências assim chamadas exatas (matemática, estatísticas, física, química, medicina, ciência da computação, engenharia etc).

Os cientistas estabelecem um critério e, uma vez definido, procede-se ao longo de toda a demonstração através da aplicação do próprio critério. A ciência define-se objetiva se responde ao critério escolhido. Por exemplo, o critério de medida convencional e aceito como critério-base de todas as medidas espaciais é o metro. O metro faz e torna-se o iso entre o sujeito e o objeto (mesa, estrada etc.). (MENEGHETTI, 2010, p. 146).

Nas ciências convencionais, o critério é o resultado que responde ao que o grupo quer e decide por convenção, seja ele social, filosófico, teológico ou pragmático, então se estabelece as normas, “isso significa que não se busca o que é real, mas sim o que é conforme. Portanto, toda ciência é a conformidade ou a deformidade ao critério pré-escolhido.” (MENEGETTI, 2010, p. 147). Quando o critério não é adequado a uma ideologia, o discurso torna-se inválido.

Dando um exemplo, podemos analisar o caso do Sistema Educacional Brasileiro, segundo a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que apresentam “os Direitos e Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento que devem orientar a elaboração de currículos para as diferentes etapas de escolarização.” (BNCC, 2020). Nesse documento se pode perceber que a definição desses objetivos, surgem a partir dos debates, negociações e acordos de um grupo. Ou seja, entende-se que a educação se move de acordo com o interesse democrático e convencionalizado por um grupo, estabelecendo um sistema de como administrar e orientar milhares de professores nessa função da educação. Pode-se perceber que para cada abordagem se estabelece uma estrutura, na qual se define o modo de proceder.

O *critério de natureza*¹⁵ “é a medida que procede por evidência, responde a uma intenção de natureza, e concretiza o objeto ou o campo pré-escolhido. É a intencionalidade de natureza *quando e como* se evidencia.” (MENEGETTI, 2010, p. 147).

A partir do momento que o ser humano existe, e isso é um fato, se posiciona na dialética da existência segundo a sua lógica intrínseca de natureza biológica. Se observarmos cada um de nós, percebe-se que existe uma ordem preexistente em nosso corpo, uma lei que ordena em harmonia, ritmo dinâmico e perfeição – desde o batimento do coração, o fluxo sanguíneo, o tempo da respiração etc. É um projeto dado por natureza, criado e projetado pela ação da vida, e essa ação nos determina de um certo modo, único e irrepitível. Assim também se observarmos cada particular que nasce da natureza, os animais, as plantas, as árvores – são diferentes entre elas, mas uma árvore comparada a uma outra árvore tem a mesma estrutura, mesma forma –, porém não são exatamente iguais. Assim como o ser humano, possuem a mesma fórmula humana, mas cada um com

¹⁵ “Natureza”, segundo mesmo autor (2010), “é tudo o que nasce da ação da vida. Ação da vida, natureza, existência são sinônimos. ‘Natureza’, do latim quod oritur ex nato. Nato: o que a mente (do grego νοῦς) aciona. O produto da νοῦς é natureza. Natus: como a mente faz lugar, dá ato.” (p. 147).

a sua identidade, seu projeto. Não é uma convenção, são leis eternas universais de como a vida é, como é previsto pela própria natureza.

A Ontopsicologia busca compreender como a vida funciona e se apresenta no ser humano.

Onto: como as coisas estão. Psico: como você pensa as coisas, é igual? Como as coisas estão e como você as pensa? Ontopsicologia. É uma ciência que sabe indicar como as coisas estão, como você as pensa, ou como os outros as pensam, e, então, as consequências. É um saber. Não é uma verdade. É uma técnica para saber com transparência. (MENEGETTI, 2008, *transcrição de áudio*).

A Ontopsicologia é simplesmente a ciência da inteligência para a inteligência, ou seja, é uma técnica da inteligência, de leitura e transparência, de compreensão dos comportamentos da inteligência. “Ontopsicologia descobriu a arquitetura da inteligência e como esta inteligência evolui do biológico ao metafísico.” (MENEGETTI, 2002). Entre o aspecto biológico e o aspecto metafísico existem como mediação a história, a sociedade, para fazer acontecer essa inteligência. Quando, por exemplo, em todo o mundo buscam e realizam cursos de formação para avançar na própria carreira, para ter o primado de liderança no mundo dos negócios, na economia, na política, na arte etc., todos procuram algo que dê o resultado de superioridade, mas para isso existem uma infinidade de conhecimentos. No final, porém, o que realmente se procura “é compreender como a intuição genial da inteligência opera em alguns momentos.” (MENEGETTI, 2002).

A Ontopsicologia é uma técnica de inteligência, Meneghetti afirma que:

Se nós começarmos a entender que toda a Ontopsicologia é um conhecimento, uma prática de como exercitar com sucesso a inteligência, significa que compreendemos o campo específico da Ontopsicologia.” (MENEGETTI, 2020, *transcrição de áudio*).

Ou seja, esse conhecimento dá uma técnica de como utilizar a própria inteligência para se chegar à verdade¹⁶, uma verdade relativa a, com base no critério de natureza que, apesar de universal, sempre se especifica individualmente.

A Ontopsicologia é a técnica da verdade, do modo de ler o Em Si ôntico. Não é o ontopsicólogo que pode ensinar o que deves fazer, mas é o teu Em Si ôntico que diz qual é o teu projeto. É a semente do feijão que ensina ao biólogo como deve ser cultivada, é a semente do grande carvalho, da grande árvore que

¹⁶ “Verdade”, do latim, “*veritas, vis quae ruit* = como a força corre naquele lugar. 1) *Verdade ôntica*: como a coisa é; 2) *Verdade psicológica*: como o sujeito vê ou sabe. O real da angulação da realidade do sujeito (e não de sua opinião).” (MENEGETTI, 2012, p. 267).

ensina ao biólogo como ser cuidada. Não é o cientista que pode ensinar à árvore, a uma célula qual é o código de leitura e de intervenção, é o contrário. (MENEGETTI, 2002, *transcrição de áudio*).

O técnico Ontopsicólogo não ensina o que faz, mas ele lê o Em Si ôntico do cliente, por meio dos instrumentos de análise (diagnose)¹⁷, sobretudo pelo sonho¹⁸ (aquele que se tem enquanto dorme).

A Escola Ontopsicológica tem a sua proposta para a leitura do *sonho*, de como decodificar as passagens técnicas do indivíduo na existência. O sonho é um gráfico, que se utiliza das imagens manifestas do Em Si ôntico do sujeito. O Em Si ôntico é como um pintor universal, como um diretor, que faz a cena, que se interessa sempre pela sua própria identidade, que dá a passagem técnica: acusa o problema, mostra a causa e fornece a solução.

Para comunicar essa passagem, foi publicado um vídeo pela Associação Brasileira de Ontopsicologia¹⁹, e produzido pela Associação Internacional de Ontopsicologia²⁰, com uma linguagem simples dos problemas que motivaram a pesquisa, e apresenta também esse critério de natureza, definido como o Em Si ôntico, no vídeo “A Essência da Ontopsicologia²¹”:

A natureza não tem opiniões: tem projetos. É eternamente fiel a si mesma. Na natureza, todo ser vivo, seja animal ou vegetal, sabe exatamente o que fazer, a cada momento. Qual informação o instinto desses seres vivos segue? E nós, humanos, fazemos parte desse projeto. Uma parte do projeto é inflexível, inderrogável, não podemos contradizê-lo. Pena a morte ou a autodestruição. Uma outra parte desse projeto é livre, é aberta, podemos continuá-lo em evolução infinita, desde que não seja contradita a base elementar deste projeto, escrito com a simplicidade das leis universais do cosmos. Mais de 10 trilhões de células são ativas no corpo humano. Cada célula opera e sabe como operar em qualquer momento de sua vida. Cada célula age seguindo uma informação exata. Qual informação faz com que cada célula aja de modo exato e coerente com o resto do organismo? Se essa informação dirige todas as células, é possível identificá-la na psique humana? Se ela funciona para toda célula, ela também pode funcionar para a psique humana? Isolar essa informação-base da natureza no ser humano significa recuperar a capacidade de exatidão do conhecimento humano, ou seja, a Ontopsicologia, de fato, é uma via ou

¹⁷ “1) Anamnese linguística e biografia histórica; 2) sintoma ou problema; 3) fisiognômica-cinésico-proxêmica; 4) sonho; 5) campo semântico; 6) resultado. De tais instrumentos, os três primeiros são utilizados também na ciência tradicional. A Ontopsicologia une a esses, outros três aspectos: o campo semântico, o sonho e o resultado.” (MENEGETTI, 2010, p. 140).

¹⁸ “Sonho”, do latim, “*se omnium* = o indivíduo em relação ao todo, a todos, de todos. *O sonho é o espelho holístico da atividade orgânica e funcional do nosso existir*”. (MENEGETTI, 2012, p.250).

¹⁹ www.ontopsicologia.org.br

²⁰ www.ontopsicologia.org/ontopsychology/

²¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a3zlYLVGe0>. Acessado em 26 ago. 2020.

Esse é o único critério capaz de julgar com exatidão qualquer situação, é o princípio que está na base do conhecimento organísmico²², porém, o que se percebe é que o ser humano perdeu o contato com esse conhecimento. Se formos analisar, por exemplo, os órgãos do corpo não discutem entre si, ou cada um ‘escolhe’ o que fazer, não há convenção, eles agem por uma ordem funcional de natureza. Por natureza funcional, organísmica, sadia, entende-se tudo que está em unidade de ação. Segundo Meneghetti, “por ‘unidade de ação’ entende-se uma unidade autoconstituente no inteiro energético da semovência universal. O homem faz parte de um contínuo dinâmico que se manifesta através de momentos-ponta interagentes entre si” (MENEGETTI, 2010, p. 209). Por isso é possível correlacionar com as também leis do universo. Universo significa, segundo o Etimo (2008, *tradução nossa*), do latim *universus*, uno e verso. O que versa ao uno, em direção ao uno, é tudo inteiro.

Esse critério, chamado em Ontopsicologia de “Em Si ôntico”, é definido como “centralidade do ser; princípio ôntico existencial no homem; projeto-base de natureza que constitui o ser humano; princípio formal inteligente que faz autóctise histórica”. (MENEGETTI, 2012, p. 84). Meneghetti (2010) o define como “Em Si ôntico”, pois traz uma novidade para além daquela compreendida pelos antigos filósofos, como o conceito de alma, ainda que sejam sinônimos. O conceito de alma, com o passar do tempo, foi cunhado pela religião²³, passando a ser convencionado, pois é comumente atrelado ao sentido religioso, mesmo que na antiguidade se compreendia naturalmente na sua real essência.

Para Meneghetti (2010), Em Si ôntico é o princípio – em sentido metafísico, além dos efeitos – que significa “eu sou (existe, é um formalizado que, porém, também formaliza, é um passivo que também é ativo). Formal, tem “um projeto, um *design*, uma direção” (MENEGETTI, 2010, p. 151). Esse princípio é inteligente, “Inteligência” do latim, “*intus legere actionem* = ler dentro da ação, compreender dentro.”

²² “Organísmico” segundo a compreensão da Escola Ontopsicológica do termo: “conjunto de funções materiais e psíquicas para uma unidade de ação [...]; Presença do Em Si ôntico no orgânico humano” (MENEGETTI, 2012, p. 198).

²³ “Religião” do latim, “*religo* = repetir o vínculo ou ligar. Módulo psicológico que direciona e uniforma o comportamento existencial a partir de prefixados imutáveis atribuídos a autoridades transcendentais ou extra.” (MENEGETTI, 2012, p. 234).

(MENEGETTI, 2012, p. 139). Portanto, Meneghetti (2010) afirma que é “inteligente enquanto é capaz de evidenciar o íntimo que é. Colhe o real do íntimo de si mesmo, permanecendo íntimo. É a exceção permanente no interior de qualquer compreensão [...]” (p. 158). Com a definição “que faz autóctise histórica” se adentra ao sentido do devir existencial, de vir a ser. “O momento da autóctise histórica é a passagem criativa”. (p. 158). “Autóctise histórica” do “grego *αὐτότης κτίσις* = posição ou constituição de si (*κτίσις* = construir, fundar)”. (MENEGETTI, 2012, p. 31). É a capacidade do ser humano se autoconstruir na história, segundo suas escolhas existenciais que resultam em evolução de ganho pessoal.

Colocando na prática esse critério em qualquer situação ou problema, a pessoa pode ter autonomia de gerar conhecimento, a partir da novidade, aprendendo a aprender momento a momento. Pois esse critério individuado apresenta 15 (quinze) fenomenologias²⁴, isoladas e evidenciadas cientificamente. Por exemplo, uma característica é a alegria. Alegre, significa que, “age por exercício de inteligência e se move caso seja garantido por uma novidade agradável de erotismo e contemplação” (MENEGETTI, 2010, p. 160). Isto é, aprender pode-se sugerir que é também um exercício de alegria, de prazer. Portanto, a Ontopsicologia se aprende com base nesse critério de natureza, por esse motivo é diferente de aprender outros tipos de conhecimento da escola corrente. Meneghetti (2010) afirma, se “eu, pesquisador, se quero chegar à verdade, devo ser certificado e, para fazê-lo, a natureza me dá a mim mesmo, porque se me desse um outro não o veria, não estando dentro daquele universo.” (p. 148). Ou seja, esse critério parte da medida do homem verdadeiro que o autoriza para fazer ciência, fazer conhecimento. Resgatando uma das mais antigas frases do sofista grego Protágoras, “o homem é a medida de todas as coisas”. Assim sendo, o homem é a unidade de medida, o “metro” desse critério, então é possível segundo a sua realidade total, fazer a verdade “relativa a”, relativa a esse homem. Toda a verificação desse critério está baseada nos fatos, todo o proceder científico da Ontopsicologia está na evidência desses fatos, eis a tese para outorgar a verdade.

Ontopsicologia, segundo seu fundador Meneghetti (2012), “é uma ciência que colheu a elementaridade-base na raça humana, a qual funciona em qualquer inconsciente

²⁴ As 15 características do Em Si ôntico são: Inseico, holístico-dinâmico, utilitarista-funcional, virtual, econômico-hierárquico, vencedor, alegre, criativo, espiritual ou transcendente, agente no interior de um universo semântico, mediânico entre o ser e a existência, histórico, estético, volitivo-intencional e santo. (MENEGETTI, 2012, p. 87-92).

e com qualquer povo. Ela se confronta apenas sobre os fatos: o desaparecimento do sintoma e o reforço do projeto integral do homem.” (p. 193). Suas três descobertas foram: “1) Em Si ôntico (essência virtual e formal); Campo Semântico (transferência); Monitor de Deflexão (distorção).” (MENEGHETTI, 2014, p. 9).

As descobertas da Escola Ontopsicológica ampliam e complementam o clássico método científico indutivo-dedutivo, apresentando como novidade prática, a possibilidade de “refundação das ciências, a partir da descoberta desse critério elementar (Em Si ôntico) que restitui à lógica humana a capacidade ao nexo ontológico, ou seja, o nexo com o mundo-da-vida²⁵.” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA, 2020). Portanto, Ontopsicologia significa que verificar se o saber e o ser são reversíveis, que para isso é imprescindível a revisão crítica da consciência à luz de suas três descobertas.

Portanto, para aquisição do conhecimento ontopsicológico pode-se perceber que é necessária uma preparação técnica de modo sério e construtivo. Segundo Meneghetti afirma que:

A Ontopsicologia não é uma nova ciência: é uma ciência perene, que dá a introdução, a capacidade consciente de ler e saber como as coisas estão, como eu sou, como são os outros. É uma ciência radical que, substancialmente, afirma: ‘Não pode compreender nada, não pode saber nada, se antes não sabe o que é’. (MENEGHETTI, 2020, p. 15).

Logo, se entende a elementaridade que não é possível compreender o mundo, as coisas, a vida, até mesmo a Ontopsicologia, se antes não se conhece a si mesmo. Segundo Meneghetti (2020), “a Ontopsicologia descobriu os instrumentos lógicos, técnicos de como se chega a saber a si mesmo, a compreender a própria identidade”. (p. 15). Estudar a Ontopsicologia significa se colocar à disposição do conhecimento para entrar em uma aventura de saber com transparência o que se é.

A partir do método da Ontopsicologia, torna-se mais acessível a estrada para tornar-se verdadeiro. Com o auxílio de um técnico capaz e exato, o processo é eficiente, sem esse é provável que cometemos o erro de tentar aprender esse conhecimento com todas as formas de lógicas, culturas, ideologias acopladas na consciência, sem a transparência para ler com os olhos de realidade, de como se é. Portanto é uma ocasião, uma oportunidade para confrontar-se consigo mesmo com a lógica da vida, confrontar a

²⁵ Em sentido husserliano.

ciência com o cientista da vida. Fazer ciência ou a Ontopsicologia, segundo Meneghetti, afirma que existe uma relação, pois “ciência” do latim, significa “*scio ens* = sei o ser. Saber a ação do ser”. (MENEGETTI, 2012, p. 49). Portanto é uma responsabilidade de escolha de ‘ser ciência’.

Portanto, para a maioria, se querem, devem recomeçar do início uma simples Ontopsicologia. Senão, não serão operativos de valores, valores como prazer, como satisfação, maturidade, autorrealização, nem para si, nem para os outros. Aos melhores digo: continuem. Não parem nos velhos, existem tantas almas, tantos Em Si ônticos, somos um universo de capazes. Portanto, abrir, semear novos mundos, novas psicologias, novos países. E entender bem aquelas três regrinhas, para chegar à identidade ôntica. Quando entendeu o Em Si ôntico, entende o campo semântico, vê o monitor de deflexão, vê todos eles. Uniformidade, conformidade, uníssono com esse critério que é o leitor, é o critério de toda natureza. A natureza não é a árvore, a natureza não é água, não é o céu, não é o universo, não é a criação. É o meu Em Si ôntico. Dali, começa e termina tudo. Feito ele, através do processo histórico, e depois, aproximando-se, poder, reconhecimento social, dinheiro, precisamos ser mais inteligentes. Porque quanto mais o poder aumenta, mais é necessário atualizar a inteligência. É uma lei que vai sempre junta. Quanto mais ganho, mais é preciso operar com novidade. (MENEGETTI, 2015c, p. 75-76).

Com essa passagem que o autor afirma, podemos compreender que fazer Ontopsicologia é um processo natural para aqueles que se interessam na sua aplicação, sobretudo na formação de jovens, de líderes operativos. E esse modo de formação é a Pedagogia Ontopsicológica, que parte da mesma metodologia, do mesmo princípio, do mesmo critério, da mesma essência. O escopo prático dessa pedagogia “é educar o sujeito *a fazer e saber a si mesmo: fazer uma pedagogia de si mesmos como pessoas líderes no mundo, educar um Eu lógico-histórico com capacidade e condutas vencedoras*” (MENEGETTI, 2012, p. 205). Portanto, a Ontopsicologia traz essa abordagem pedagógica de compreender a educação como um meio para formar o indivíduo para ser um vencedor na vida. Essa lógica perpassa para além do que podemos compreender na sua aplicação externa, mas é um exercício e tirocínio de trabalho interno em si mesmo.

No subcapítulo a seguir, será abordado como se dá o estudo da Ontopsicologia, analisando os pressupostos etimológicos e linguísticos, como premissa para o estudo, e como o autor Meneghetti faz essa relação da aplicabilidade desse conhecimento.

2.2 APRENDIZ: O ESTUDO DA ONTOPSICOLOGIA

2.2.1 Pressupostos etimológicos e linguísticos

Existem textos que são perenes no tempo, sobretudo aqueles das ciências que souberam construir um percurso de levar adiante um conhecimento que tenha função à humanidade. Alguns, às vezes poucos conhecidos, foram escritos por mentes da vida, onde colocaram no papel mensagens que possibilitam entrar em uma dimensão de realidade viva da vida. E especialmente os livros de Ontopsicologia, possuem fórmulas de contato com a vida, com a cultura da própria alma, do próprio Em Si ôntico.

Ao contarmos os conteúdos de Ontopsicologia pela primeira vez, verifica-se que não é um texto fácil de compreender, sobretudo se não formos introduzidos a uma concepção inicial filosófica. Para auxiliar na compreensão da Ontopsicologia, Meneghetti (2010), fez também o Dicionário de Ontopsicologia, que contém os termos mais importantes da psicologia e, especialmente destaca os diferenciais teóricos que especificam a Ontopsicologia em seu método e sua prática. É um apanhado sintético para auxiliar o acesso rápido, mas que naturalmente não substitui o entendimento e compreensão teórico que os textos fundamentais de Ontopsicologia expõe (p. 12), pois há também uma infinidade de palavras que o autor abre nos seus diversos livros, que são hoje cerca de 50 obras.

A Ontopsicologia, portanto, definiu dois critérios para a construção dos próprios conceitos:

- 1) *“O étimo linguístico de uma raiz comum a duas línguas-mães da língua italiana”*. (MENEGHETTI, 2012, p. 14). A língua italiana possui a raiz das duas línguas fundamentais do mundo ocidental: grego e latim. Isto é, Meneghetti, afirma que para cada palavra que define, encontra com aspectos indispensáveis, “a raiz que inicia a especificação de um modo da ação existencial. (MENEGHETTI, 2012, p. 14).
- 2) *“A experiência mediânica entre ôntico existencial e consciência verbal.”* (MENEGHETTI, 2012, p. 15). Por *consciência verbal*, o autor (2012) entende como “todo o complexo processo da configuração e identificação que experimentamos como imagem expressa: forma, imagem, palavra,

pensamento, fantasia” (p. 12). E, por *ôntico existencial ou reflexão*, Meneghetti entende como:

Todo o processo que se formaliza no indivíduo na interação entre ser e tempo em espaço mundano, entre individuação e ambiente, entre organismo pessoal e alteridade circunstante. (MENEGETTI, 2012, p. 15).

Quando se estuda essa ciência é como se o sujeito estivesse se autoestudando, estudando como se é, como é feito o ser humano, compreende-se também quais são as próprias limitações, e sobretudo qual é o projeto de natureza intrínseco em cada um. E isso resulta um fenômeno: aprender é recordar aquilo que se é, como a natureza o fez. Então, não se trata do volume de leitura, mas o exercício de estudar palavra por palavra, reescrevendo os conceitos ao próprio modo, tem-se como resultado de entrar com profundidade na essência do conteúdo.

2.2.2 A “fabricação” da Ontopsicologia como lógica de estudo e aplicação

A Ontopsicologia deve ser também apreendida, não só aprendida. Aprender, com apenas um “e”, é adquirir conhecimento, e apreender, com dois “e”, é conceber, apropriar-se, ou seja, *emprender o aprendido*, que é alcançar com a própria inteligência o valor último das coisas. Construir com experiências, com evidência, vê-la com os próprios olhos. Assim como apreender para saber, “saborear o saber”, ambas as palavras vêm do latim, *sapere* e *sapere*: o saber possui um sabor. Ou seja, “A Ontopsicologia, efetivamente, não deve ser somente estudada; mais, deve ser ‘fabricada’”. (BUONANNO, 2006, p. 91). O estudo deve ser um percurso de exercício terreno, isto é, viver o conhecimento, experimentá-lo na vida cotidiana, utilizando também como laboratório as próprias percepções, buscando entender como esse conhecimento mexe dentro, aos poucos se vai entendendo também esse critério de natureza que informa momento a momento. Entendemos aqui o dever, não no sentido moral, mas como lógica do devir existencial, de vir a ser, tornar-se. A cada descoberta da Ontopsicologia, a vida quer uma busca sempre maior à precedente.

Através do estudo, experiências e amadurecimento se deseja que uma parte sempre maior da teoria seja vivida, amadurecida, descoberta, e que venha portanto tornar-se parte da evidência, do saber autêntico e operativo do

indivíduo, e não mais saber adquirido ou aprendido. (BUONANNO, 2006, p. 90).

Percebe-se, do quanto elucidado até aqui, que a Ontopsicologia é um saber que é vivido e compreendido na medida em que é evidenciado. Os livros de Ontopsicologia nos colocam em um outro modo de ver o conhecimento, pois existe uma abertura de um universo de compreensões pelo fato que estamos sempre em movimento. Cada ser humano possui em si esse chamado que quer se tornar, vir a ser, e enquanto vai amadurecendo dentro, abrem-se novas formas de compreender e perceber o mundo e, conseqüentemente, a vida vai se expandindo de forma mais elevada.

Quem quer tornar-se começa a ter uma boa técnica, mesmo se esses são livros que, toda vez que alguém os lê, se compreendem coisas novas. Por quê? Porque este livro, como todos aqueles que eu escrevo, se compreende por quanto o sujeito está pronto dentro. Quanto mais é inteligente dentro, mais o livro abre a vida, visto que, quando escrevi essas coisas, o fiz pensando a vida e a nós na vida. Isto é, pensei os fatos, as dinâmicas, as interações da vida com a vida, da vida com os seus viventes. Por isso, mais a pessoa é viva e mais há comunicação. (MENEGETTI, 2020, p. 33).

É um conhecimento que inevitavelmente toca o profundo daqueles que o vivem de dentro. Contemporaneamente a pessoa vai refinando a sua percepção, vai vendo na prática o funcionamento de si, quais são as próprias limitações, quais os pontos fortes. Ou seja, não há como estudar esse conhecimento sem se colocar, primeiro, com humildade, paciência. Requer um zelo e amor próprio escolher o estudo e aplicação dessa ciência, querer verdadeiramente construir a si mesmo, entender como o ser humano funciona, como se é. *É aprender sendo um eterno aprendiz, e continuamente agir. Evidenciar e fazer como um artesão, como aquele que faz.*

2.3 ARTESÃO: A PRÁTICA DA ONTOPSICOLOGIA

2.3.1 *Life Long Learning* como Estilo de Vida

Para fazer com precisão o método ontopsicológico, Meneghetti (2018) acrescenta de “como utilizar melhor a Ontopsicologia”. E que para chegar a esse conhecimento são imprescindíveis duas premissas: “1) o completo conhecimento científico, instrumental do método, da teoria ontopsicológica; 2) um estilo de vida” (MENEGHETTI, 2018, p. 119).

Primeiro, é necessária uma experiência guiada e que leva um certo tempo, pois também é necessário conhecer com profundidade toda a logística dessa técnica, no sentido *Life Long Learning*, aprendizado ao longo da vida, de modo atualizado e contínuo.

O estilo de vida, aqui é compreendido como um modo de viver, que é resultado integral da soma de uma vida inteira, 24 horas por dia, 7 dias por semana. O estilo de vida está relacionado com a coerência, proporção e prioridade com que o indivíduo administra o próprio tempo e a sua ação, sobretudo o tempo livre. É comum, quando se fala de aspectos da performance de um líder, de um profissional de excelência, dar enfoque ao trabalho, à competência e outros aspectos importantes deste resultado de modo “integral”. Mas é incomum, relacionar o chamado tempo ocioso ou livre, como sendo um fator importante de alto impacto naquilo que a pessoa faz.

“Integral” significa que o indivíduo deve estar satisfeito e realizado em toda a escala dos valores humanos: saúde, amor, sexo, emoções, relações com os outros, dignidade, autonomia, personalidade, inteligência, capacidade volitiva, realização dos resultados que o aumentam e também das necessidades últimas, como a inteligência, um certo tipo de valores metafísicos, portanto compreender esta vida no seu ato completo de vida e morte (MENEGHETTI, 2019a, p. 45).

O critério de valor da Ontopsicologia é aquilo que funciona e dá ganho de forma integral, inteira do próprio sujeito, não se trata de julgar a sociedade, os estereótipos²⁶, mas de seguir esse critério de valor, sabendo jogar o jogo social, pautado no sentido de torna-se, de mais ser. Os estereótipos por si são neutros, mas podem ser funcionais, ou

²⁶ “Estereótipo” do grego, “στερέω = torno estável, torno indiviso, endureço, στέρεος = sólido, duro, rígido. τύπος = cunho, marca, signo, modelo; τύπω = imprimo, moldo. É um comportamento caracterial aprendido do externo” (MENEGHETTI, 2012, p. 99).

não. Depende de como se utiliza segundo o escopo e resultado, conforme a identidade do sujeito.

2.3.2 Processo de autenticação: revisão crítica da consciência

No princípio da vida do ser humano, ele corresponde a uma situação não totalmente individuada, sendo ainda uma criança, possui um Eu em formação, um *Eu améxico*²⁷, tem uma forma de adaptar-se segundo o que se metaboliza. Dependendo do tipo de alimento que se consome, do lugar onde nasce, das experiências que se constroem, incrementa ou saúde, bem-estar, ou, doença, mal-estar. Assim como as relações que se vive, ganha-se inteligência, capacidade, ou ao contrário, se regride, diminui. Ou seja, nos tornamos aquilo que constantemente metabolizamos, em todos os sentidos. Meneghetti (2010), traz a relação de *Eu améxico e virtualidade*, pois “inicialmente, o organismo humano está em um estado améxico, no sentido que ainda não é ‘homem’, mas uma situação potencial do homem.” (p. 252). Potencial no sentido de possibilidade segundo o seu ambiente de nascimento, onde se desenvolve. Assim como as plantas, se desenvolvem não só pelo projeto que é dentro da semente, enquanto ainda não é planta, mas uma promessa de planta e vai depender do terreno, do ambiente, da luz, da água, para poder germinar e crescer de modo saudável. Assim é também o ser humano, não se nasce pessoa, mas pessoa se torna.

Essa lógica apresentada anteriormente é uma premissa para compreender que para construir-se, de forma autônoma, de forma eficiente. A Psicoterapia ou a Consultoria de Autenticação é o instrumento pelo qual, segundo a Ontopsicologia, se pode compreender o todo do projeto de vida do ser humano.

A Ontopsicologia é um método para autenticar e desenvolver o homem criativo, mas para obter isso é preciso saber ler a última positividade da natureza humana. Dentro do inconsciente de cada homem já existe a estrada de inteligência, o modo no qual realizar-se (MENEGHETTI, 2010, p. 282-283).

²⁷ O “Eu améxico”, compreendido pela Ontopsicologia, como uma lógica de metabolização. Recorrendo ao conceito primitivo, a “améxico é um organismo unicelular, cuja característica é delinear-se em infinitas formas, segundo o que metaboliza, alimento que ingere, o lugar onde caminha” (MENEGHETTI, 2010, p. 252).

Centrar o ponto da própria força é um processo para chegar ao máximo da eficiência de inteligência, pois é em unidade de ação que se manifesta a novidade criativa e natural de cada um: a intuição²⁸. É uma nova impostação que se aprende quando se faz o processo de autenticação. Se trata de adquirir uma atitude profissional de alta formação e preparação mental, de saber de modo integral construir o equilíbrio também moral e de refinamento de estética interior.

No subcapítulo a seguir, será apresentado alguns acenos de como se dá o processo de ensino e de formação da Ontopsicologia, trazendo abordagens de diferentes concepções sobre a psicologia do mestre, e sua forma de pensar e fazer educação e posteriormente a “fabricação” da Ontopsicologia como lógica de ensino.

²⁸ “Intuição”, do latim, “*intus actionis* = o dentro ou íntimo da ação. Saber o íntimo da ação. Ver o fazer” (MENEGETTI, 2012, p. 144).

2.4 PROFESSOR: O ENSINO DA ONTOPSICOLOGIA

2.4.1 A Psicologia do Mestre

Adentra-se nesse momento, no ponto central de toda essa pesquisa: a formação do professor de Ontopsicologia. Vale ressaltar que cada teoria da educação apresenta suas próprias exigências ao professor, do ponto de vista psicológico, e também no que diz respeito na relação professor-aluno. Segundo Vygotski (2010), se pegarmos a pedagogia de *Rousseau*, “o mestre é apenas o vigia e protetor da criança contra a perversão e as más influências” (p. 446). Para *Tosltói*, “o mestre deve ser forçosamente um homem virtuoso, capaz de contagiar a criança com a sua experiência pessoal.” (p. 446). Para a pedagogia ascética “o educador é quem sabe pôr em prática os ensinamentos: ‘quebra a vontade da tua criança para que ela não se destrua’” (p. 446). Já no *Domostrói*, exigem-se uma vez novas qualidades do professor quando prescreve:

Executa teu filho por causa da mocidade dele e terás paz na tua velhice, e terás beleza na tua alma. E não frouxes, bate na criança: se a espancas com uma vara, ele não vai morrer, vai ficar ainda mais sadia, tu a espancas pelo corpo, mas salvas a alma da morte (VYGOTSKI, 2010, p. 446).

Segundo Vygotski (2010), *Haiiy* aborda que o professor “é um hipnotizador, e um bom mestre é aquele que parece um hipnotizador, a pessoa capaz de sugestionar e subordinar a vontade do outro” (p. 446). E conforme *Pestalozzi e Froebel*, o educador “é um jardineiro infantil” (VYGOTSKI, 2010, p. 446). Há também pedagogos que tenham comparado a sua função com àquela do artista, como capacidade de criação do novo individual. Mas ao contrário, como *Komiênski*, afirma que “é desejável que o método de formação do homem seja mecânico, ou melhor, ele deve preconizar todas as coisas de modo tão definido que tudo o que as pessoas estudam ou de que se ocupam não pode deixar de ter êxito” (VYGOTSKI, 2010, p. 446). Foi *Komiênski* que chamou o ensino de máquina didática, assim como *Pestalozzi*, mencionado anteriormente, tinha a mesma concepção de abordagem pedagógica.

Assim se percebe que cada modo particular sobre a relação professor-aluno, sobretudo quando se pensa “quem é o professor”, qual a sua psicologia, se relaciona a um modo específico da natureza do trabalho desse docente. Compreende-se então que esses pontos de vistas, nos quais se buscam explicar, partem sempre de uma única ideia, por vezes impróprias quando se trata em fazer educação. Mas que em síntese, nesse livro de Vygotski (2010), sobre “A Psicologia e o Mestre”, o autor indica que “o mestre atua no

papel de simples fonte de conhecimentos, de livro ou de dicionário de consulta, manual ou demonstrador, em suma, atua como recurso auxiliar e instrumento de educação”. (p. 447).

Outra abordagem que propõe se aproxima da ideia de autonomia do aluno, ou seja, o mestre em exercício de espera do aluno, no sentido de aguardar para que ele próprio busque o saber. “Substituindo de todas as maneiras pela energia ativa do aluno, que em toda a parte deve não viver o alimento que o mestre lhe fornece, mas procurar por conta própria e obter conhecimentos, mesmo quando os recebe do mestre”. (VYGOTSKI, 2010, p. 447).

Podemos inferir que o problema da maioria das abordagens não se tem conhecimento que na exposição e relação professor-aluno, ocorre as manifestações do próprio inconsciente, podendo resultar em um superego regressivo, e esquecendo-se que isso é produto de todo um sistema social: religião, cultura, educações familiares, mídia de massa etc. Normalmente se tem a imagem do professor, mestre, docente, como alguém que já chegou, que por isso autoriza poder rever, corrigir o outro.

Meneghetti (2019b) aborda sobre uma outra perspectiva de uma lógica superior dessa compreensão do “o que é um mestre?”, trazendo a problemática que o professor “vê-se na obrigação de mudar os outros, nunca a si mesmo; o erro deriva do fato de que ele ensina como se usam os símbolos, através dos quais passa a gestão da existência, da economia, da sociabilidade”. (p. 71). Ao ensinar, está mostrando como o mundo externo funciona em sua conformidade (critério convencional), e complementa “por tudo isso, ele esquece a verificação e a metanoia para si mesmo”. (MENEGHETTI, 2019B, p. 71). Ou seja, conhecer as dinâmicas provindas do próprio inconsciente, ter uma mente que saiba colher momento a momento o que é para si (critério de natureza).

Se ao nascermos, estamos com um *Eu em formação*, com um eu *améxico*, naturalmente absorvemos tudo que contactamos, tudo que os pais, a escola, a cultura nos ensinam, formando em cada um de nós modelos de comportamento fixos, estereótipos, hábitos. Naturalmente isso vai depender de como fomos ensinados, aculturados, inculcados. “Ensinar” significa “fazer sinais, cifras, rastros, modelos, caracteres, comportamentos, atitudes.” (MENEGHETTI, 2020, p. 16). “Cultura”, entende-se como “ato e modo de cultivar, de cuidar” (PRIBERAM, 2020). Que tem a mesma raiz da

palavra “incutir”, que quer dizer “meter ‘por força em’, infundir no ânimo de outrem, sugerir, insinuar” (PRIBERAM, 2020).

Isso sugere que na maioria das vezes se aprende o que é relacionado ao mundo externo, pois dificilmente se aprende na escola a conhecer a si mesmo, entender as próprias emoções, perceber o próprio corpo – ainda que possam existir práticas pedagógicas que se aproximam desse modo de fazer pedagogia, ou de professores mais sensíveis que conseguem fazer essa distinção –, mas não são comuns. Dificilmente se aprende a própria vocação na escola, pois o modelo de educação não sabe como fazer, e a pedagogia atual é fruto de um ser humano em confusão, ensina-se os velhos modelos adquiridos que permanecem contínuos na história e no tempo.

O que muitas vezes pode acontecer é o aluno, sobretudo os mais sensíveis e inteligentes, ao contatar um professor – seja na escola básica, ensino fundamental ou médio etc. –, pode-se deduzir que contataram professores saudáveis, realizados em seus projetos e vida. E quando lecionam, comunicam aquilo que são e tocando esses alunos mais sensíveis. Por isso é importante salientar que a Ontopsicologia, como lógica da vida, é uma técnica que consente tocar o potencial humano, portanto é um conhecimento base de como se manifesta a vida humana. Meneghetti não criou a Ontopsicologia, mas a descobriu²⁹ partindo da experiência da prática clínica com resultados concretos, somado ao seu vasto conhecimento em diversos âmbitos da psicologia, pedagogia, sociologia, teologia, filosofia, ontologia, para compreender de fato o que é o ser humano. Então ele descobre a Ontopsicologia, pois colheu como a lógica da vida humana é, existe e se manifesta.

Meneghetti (2019b) aborda a discussão de forma aberta sobre o mestre: “quem é e o que deve fazer, sem entrar no mérito do que deva ele ensinar.” (p. 71). O autor procura abrir a crise ao interno daqueles que procuram, por escolha e vocação, serem mestres ou professores.

“O mestre é aquele que é três vezes mais que os outros. ‘*Magis-ter*’ do latim antigo, significa ‘três vezes mais’: 1) sabe as coisas como todos; 2) sabe o cognoscível nos símbolos, ou seja, a técnica; 3) sabe a relação entre fenomenologia e o ser.” (MENEGHETTI, 2019b, p. 72). Ou seja, para Meneghetti (2019b) o mestre tem em si uma capacidade de poder mediar o ser, o útil real das coisas, sabe a ação, um homem de

²⁹ “Descobrir”, do latim “*discooperio*, descobrir, pôr a descoberto, destapar”. (PRIBERAM, 2021).

sabedoria e experiência, apesar das formações acadêmicas externas. Por “mestre” não se deve entender como um cientista, ou reitor, Ministro da Educação, tão pouco como escritor. O mestre é “aquele que sabe fazer a verdade em relação aos três horizontes acima citados, portanto é três vezes mais”. (MENEGHETTI, 2019b, p. 72).

O mestre viveu muitas situações, mas através delas gerou e enverou a si mesmo na verdade. Aprendeu muitos modelos, mas sabe que são todos valências do passado, portanto necessárias aos livros para fazer teorias, porém não são a resposta eficiente para resolver a exceção do momento estratégico da existência. Através das múltiplas experiências ele aprendeu como aprender do início a cada vez, portanto ele sabe que não há uma regra do passado que possa torná-lo autêntico no momento novo. Ele vive em uma criação contínua; não pode confiar na experiência porque dela só pode ter a técnica, o módulo. (MENEGHETTI, 2019b, p. 72).

As descobertas acontecem pelo quanto buscamos, amadurecemos e evoluímos. A busca pela criação contínua, conforme mencionada no texto acima é muito mais profunda a compreensão, portanto talvez seja possível compreender que exista uma maturidade e transparência no contato com esse modo de viver. Meneghetti (2019b) faz a relação desse critério da lógica do mestre, que é nessa inteligência que somos, que se manifesta a criatividade, e é a partir desse contato que pode enverar a verdade para si mesmo. (p. 72).

2.4.2 A “fabricação” da Ontopsicologia como lógica de ensino

Resgatando o principal trecho que motiva toda a pesquisa, existe essa forma, essa lógica, apresentada anteriormente, como “fabricação” da Ontopsicologia. Segundo Buonanno (2006), o verdadeiro professor de Ontopsicologia “deve se ater a essa parte que construiu, que experienciou, que viveu para poder então ensiná-la.

Substancialmente, um autêntico professor de Ontopsicologia se atém àquela parte da Ontopsicologia que “fabricou” com caminho e experiência pessoal, e que a este ponto reconhece como evidente. Ao ensinar, deveria limitar-se a essa parte que verdadeiramente “toca com as mãos”. Efetivamente, quando ensina essa parte, não parece ensinar: parece dizer coisas óbvias. É nos olhos arregalados do interlocutor que descobrimos que nele fazemos novidade. (BUONANNO, 2006, p. 91).

Portanto, ensinar-lhes como serem pessoas, como serem protagonistas responsáveis, capazes. Ser professor, profeta, mestre, é uma tarefa que não basta apenas saber a técnica, mas é ser-saber-fazer a técnica. E essa técnica possui esse critério que serve a alma do aluno: “com base no Em Si ôntico, podemos colher a vocação, ou temperamento original do sujeito”. (MENEGETTI, 2010, p. 22). Não se trata de ser o terapeuta, mas de compreender, estimular, de esperar, dar as passagens necessárias para além do conteúdo ensinado, mas pautado na medida e no livre-arbítrio de cada aluno.

O professor Antonio Meneghetti se colocava nessa função de encontrar formas e modos para despertar o potencial natural de cada jovem, especialmente aqueles que possuíam um certo tipo de brilho no olhar, carisma, graça, uma certa forma de inteligência. Ou seja, talvez o papel do professor de Ontopsicologia possa ter relação com a mesma lógica da liderança, como Meneghetti afirma, “não se trata de alcançar a sabedoria, naquele nível onde a paz é perfeita, mas chegar à segurança de saber liderar”. (MENEGETTI, 2018, p. 97). Trata-se, portanto, de saber dirigir, de guiar, orquestrar a ordem que dá o conhecimento para ensinar, mas não de controlar, mas de encontrar o que toca os alunos. Interessante também olharmos para a palavra “Tocar”, que segundo Meneghetti (2010, p. 153) “é um termo muito forte, faz imediatismo de realidade: de mim que sou, fundo o meu real.” Tocar, do latim, “*tecum ago* = sou ação em ti, ajo contigo, agimos juntos, aconteço contigo” (MENEGETTI, 2018, p. 153). Ou seja, da própria evidência, da própria mediação transcendente de ser, se é partícipe do ser, portanto, age-se para ser um mediador desse conhecimento.

É também no contato e no exercício com o outro que se revela, que se manifesta essa vocação docente, pois é no ato de ensinar que se reconhece evidente o ser que se é. Ao falar se transmite muito mais do que está falando, pois comunica, toca no aluno essa dimensão metafísica e concreta da Ciência Ontopsicológica.

O fato é que o docente de Ontopsicologia, tipicamente, descobriu a validade dessa Escola através de um momento de evidência – na maioria das vezes por experiência terapêutica direta e/ou indireta. Reconhecida a validade da aplicação particular, abraçou a teoria *inteiramente*, da revisão dos conceitos da psicanálise clássica à integração do modelo da memética, à elaboração da escolástica etc. Neste ponto, pode-se sentir inatacável, visto que efetivamente apropriou-se de uma teoria tão completa. Mas exatamente nesse hiato, entre uma evidência vivida de modo profundo, pessoal (um momento de amadurecimento, de revelação) e outros conhecimentos, simplesmente adotados como parte da teoria, está o perigo potencial. Podemos dizer que aquela evidência inicial – à qual com o tempo, lentamente, se acrescentam

outras, é um ponto constitutivo da teoria; o único ponto que o indivíduo conhece de modo autêntico (BUONANNO, 2006, p. 89-90).

Essa passagem de Buonanno, traz também, de certa forma, o mesmo sentido em que Meneghetti apresenta, em uma mensagem que nos deixou de seu legado. E que naturalmente nos convida e nos responsabiliza a construir essa parte que verdadeiramente somos. A Ontopsicologia é uma ciência completa e muito vasta, mas certamente em cada um de nós existe uma parte a ser compreendida a mais, e, portanto, essa parte que nos identifica, nos diz respeito e nos toca dentro, se reconhece como evidente. E é a autoconstrução dessa parte que descobrimos o projeto de vida.

Muitos me amaram. Outros me odiaram. Mas o meu último pensamento vai àqueles que me estudaram. É uma ciência muito grande para uma só mente. Mas certamente, para cada um, existe uma parte compreendida mais, uma parte que gerou maior paixão, que suscitou mais prazer. Desejo que cada um leve adiante justamente aquela parte (MENEGHETTI, 2013, s/p).

Essa mensagem possui um vasto significado em cada palavra dita pelo autor, pois de fato como se pode perceber, existe um conhecimento interdisciplinar completo para ser estudado, compreendido, vivido e metabolizado. Um conhecimento perene que possibilita compreender e realizar o ser humano na sua totalidade da existência.

2.4.1 Critério para a formação do Professor de Ontopsicologia

O operador da ciência Ontopsicológica trabalhará essencialmente com um instrumento principal: a sua própria inteligência. A sua inteligência é a própria e total globalidade da sua personalidade. E para isso é necessário tornar-se pessoa.

Pessoa³⁰, do latim, *Per se esse* = ser por si. É a unidade de ação que um sujeito representa como entidade e fenomenologia: 1) dentro de si mesmo; 2) como máscara social e 3) como princípio último de egoísmo e responsabilidade. (MENEGHETTI, 2012, p. 211).

³⁰ “O que faz título de autoridade e de valor do próprio intrínseco. Unidade de ação com capacidade de refletir-se uma, tanto em modo integral quanto em qualquer parte. Prerrogativa psicológica, jurídica e metafísica do ser humano enquanto mente, portanto capaz de mediação ôntica transcendente e de autóctise histórica autônoma” (MENEGHETTI, 2012, p. 211).

É uma prerrogativa de nos colarmos em uma progressiva integralidade de autonomia, em sentido psicológico, legal, econômico e social, ser por si e para si.

Se a inteligência, a capacidade de ler o real é conforme com aquilo que se lê, temos o total da personalidade. Não há garantia a não ser a exatidão de si mesmo, pois a inteligência é o bisturi para operar, é o meio para “ensinar”. A pessoa deve ser capaz de, por meio da sua realidade experiencial e consciência íntegra, refletir qualquer fenomenologia com base no seu critério organísmico³¹, ou seja, o corpo como radar é a resposta imediata de reação a qualquer impacto da informação, podendo então ler e refletir o que realmente o outro é naquele momento.

Para ser esse profissional de Ontopsicologia, Meneghetti (2013b), aborda sobre três fatores bases: 1) atitude natural; 2) preparação técnica e, 3) ‘Santidade’. (p. 55). Conforme o autor, podemos correlacionar a seguinte pergunta de reflexão: para aqueles que querem realmente estudar esta ciência, possuem uma sensibilidade, uma curiosidade pelo humano, e sobretudo, amor pelas pessoas? Ou seja, Meneghetti afirma que esse profissional deve ter:

1) Tem um temperamento, ou atitude, natural à curiosidade pelos outros. ‘Curiosidade’ significa conhecimento com amor: agrada-lhe verdadeiramente conhecer os seres humanos, por que os ama. Portanto, deve ter uma certa sensibilidade. (MENEGHETTI, 2013b, p. 55).

Compreendida essa atitude natural de querer produzir mais vida no ser humano, podemos compreender que é necessária uma responsabilidade por esse dom, por essa vocação que a natureza já deu. Portanto, assumir com afinco a responsabilidade da própria vida e da própria formação. O que significa assumir a responsabilidade? Segundo o Dicionário de Ontopsicologia, responsabilidade, do latim, “*respondere* = responder. Situação psicológica na qual o sujeito é necessitado a responder ou existencialmente, ou juridicamente, ou moralmente.” (MENEGHETTI, 2010, p. 239). *Res-ponder*, *res*, é a *coisa*, que significa tudo o que está acontecendo na própria vida aqui e agora (identidade³²), e isso implica uma resposta imediata e ótima que seja coincidente e ponderada em conformidade a essa própria *coisa*, ou seja, a própria identidade do sujeito.

³¹ “Complexo de ações e reações determinadas pelo conjunto orgânico-corpóreo: em particular, o cérebro visceral, sistema cardíaco e pulmonar, estômago e funções sexuais e eróticas. O critério organísmico é vetor da emocionalidade com ausência de interferências cerebrais, ideológicas. É a exclusão de qualquer imagem, síntese ou programa definido como memética” (MENEGHETTI, 2012, p. 70).

³² “Identidade”, do latim, “*id quod est ens* = o que o ser é aqui, assim e agora. É a forma que especifica em si o objeto ou indivíduo e o distingue de qualquer outro” (MENEGHETTI, 2012, p. 130).

Além da formação de cultura geral, por meio de uma área de atuação dentre as inúmeras formações universitárias (Administração, Arquitetura, Comunicação, Medicina etc.), 2) “é necessária uma preparação técnica” (MENEGETTI, 2013b, p. 55). Portanto, se o indivíduo escolheu ser um profissional de Ontopsicologia, são preliminares duas estradas: autenticação de si mesmo e um constante e progressivo estudo teórico-prático da metodologia ontopsicológica. Ou seja, imergir nos instrumentos de intervenção da Ontopsicologia, como um processo de psicoterapia de autenticação, e constante *metanoia*, mudança de mente, para fazer a consciência exata. E conhecer com muita profundidade o rigor teórico e científico a aplicação metodológica da Ontopsicologia, como por exemplo, as suas três descobertas: campo semântico, Em Si ôntico e monitor de deflexão, a estrutura científica, estrutura da personalidade, saber como cada coisa funciona e se relaciona, estudando a vasta bibliografia da ciência. Mas não somente estudar a teoria, mas buscar progressivamente compreender com evidência prática, no dia a dia. Contemporaneamente, Meneghetti (2013b), é necessário também ter a experiência de muitas culturas, viajar e conhecer novos países, novos modos e costumes, relações, idiomas, visto que o homem deve ter capacidade pluralísticas, pois dentro de si deve destruir qualquer cultura monolítica e ter chegado à descoberta de que todas as culturas são relativas (p. 56).

O terceiro ponto está relacionado a um aspecto mais profundo da preparação e formação desse profissional:

3) O cientista deve ser um ‘santo’. [...] Santidade significa: ser junto com o ser. Portanto, significa ter um comportamento de vida que determina a exatidão da função organísmica. Em modo particular, deve-se fazer referência a três ordens ou regras: a) *ordem de estética* [...]; b) *ordem moral* na própria vida íntima e de relações; c) *ordem econômica*, ou seja, no aspecto econômico deve saber ordenar a própria vida de maneira precisa para ser livre e autônomo. Cada um de nós possui uma moral bem precisa, derivada da natureza, variável de sujeito a sujeito. A Ontopsicologia funciona se operador que a aplica é verdadeiro; somente então o método é infalível. Como no âmbito de qualquer ciência, a fim de que seja funcional, é indispensável o uso de instrumentos exatos, caso contrário também a ciência é errada. O cientista prático é o instrumento cardinal e total de toda a sua ciência aplicada, portanto, não pode viver uma vida como todos. Ele é um homem que deve estar preparado para fazer uma escolha muito mais elevada do que aquela que pode fazer um sacerdote; não porque seja bom, mas simplesmente porque quer nivelar a exatidão e a introspecção de natureza. *Deve ser um homem capaz de ler como a natureza constrói e intenciona*. Além disso, quando ajuda, deve saber ser função e serviço à ordem que a natureza – no aspecto instintivo, emotivo, econômico, do orgulho, da personalidade – intenciona naquele sujeito. (MENEGETTI, 2013b, p. 56-57).

Essa formação prepara e responsabiliza para a vida. Portanto, se a Ontopsicologia é a lógica de como a vida funciona e se manifesta no ser humano, podemos inferir que o profissional, ou docente em Ontopsicologia, pode então mediar o conhecimento da vida, sendo fonte e inspiração para tantos outros.

Meneghetti foi um professor, um mestre, que podemos facilmente encontrar diversas passagens em seus livros do quanto ele buscava, sobretudo para os jovens, formas para despertar o original humano que existe em cada um:

Quando eu escolho um jovem, não o faço somente porque me agrada ou porque tem potencial, mas porque aquele jovem tem uma música que eu nunca fiz, que nunca vi em outras partes. E portanto, inicio a formá-lo. Mas espero aquela música. (MENEGETTI, 2017, p. 112).

É interessante observar que o exercício do professor, seja possível correlacionar com a forma de um maestro conduzir uma orquestra: existe o conjunto da obra, existe a soma dos diversos instrumentos musicais para fazer uma música, mas que são as somas das partes que fazem a unidade musical. Esse exercício nos faz compreender que é importante buscar encontrar a forma unitária da identidade de cada aluno, fomentar os meios, mas deixar-se também se surpreender e aprender com a novidade da vida manifestada naquela aprendiz particular inteligência.

3. METODOLOGIA

Para a construção dessa pesquisa e para que fossem alcançados os objetivos propostos, se organizou a composição do trabalho pelo delineamento da pesquisa, com abordagem inicial quantitativa e posteriormente qualitativa. Esse procedimento se baseou em duas perspectivas, mas com o foco de elucidar a figura do professor: a visão do professor e a visão por parte do aluno do professor. A Instituição Privada de Ensino Superior onde foi realizada a pesquisa foi a Antonio Meneghetti Faculdade (AMF), localizada em Restinga Seca, no Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro, região central do Rio Grande do Sul - Brasil.

O modelo lógico de análise foi inspirado e adaptado para a realidade da pesquisa, a partir de Schaefer (2018).

3.1. DELINEAMENTO DA PESQUISA

A metodologia proposta para este trabalho é de caráter exploratório, baseado na pesquisa teórico-empírica, onde foram construídas com base nos procedimentos metodológicos de coleta de dados, entrevistas e análise de conteúdo, para focalizar no objetivo proposto: como “fabricar” a Ontopsicologia para aprender, aplicar e ensinar a Ciência Ontopsicológica de modo exato e eficaz aos estudantes de graduação da Antonio Meneghetti Faculdade?

Uma vez que foram definidos os critérios de seleção de professores e alunos, foi realizado a construção dos questionários online para o levantamento inicial de dados, posteriormente a construção e realização das entrevistas, análise de conteúdo e análise dos resultados: do professor, do aluno e a análise cruzada professor-aluno.

3.1.1. Critério de seleção de professores e alunos

Para seleção dos professores, foram utilizados os seguintes critérios e motivações:

1. Formação direta com o Acad. Prof. Antonio Meneghetti, fundador da Ciência Ontopsicológica e;

2. Conhecimento da metodologia ontopsicológica (Diploma junto à Universidade Estadual São Petersburgo, Bacharelado em Ontopsicologia, Especialização em Ontopsicologia, Cursos Livres etc.) e;
3. Indicação, por parte dos alunos AMF, dos professores do corpo docente das disciplinas FOIL³³ dos cursos de graduação da AMF e do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia no ano de 2020.

No critério 1, pensou-se nesse momento, selecionar os professores que tiveram contato e formação direta com o Acad. Prof. Antonio Meneghetti. Esse critério foi escolhido como forma para delimitar, mas é importante salientar que próprio fundador fez essa ciência justamente para que qualquer pessoa possa utilizá-la na própria vida e obter os mesmos resultados previstos pelo método. Este critério escolhido corrobora com o resultado dessa pesquisa, pois foi interesse do pesquisador compreender a atuação docente de Meneghetti com base nas experiências, aprendizados adquiridos, e pelas pessoas que ele formou. O critério de análise número 3 (número de indicação dos professores), reforça o critério de número 1, verificando a reversibilidade dessa formação, com base no reconhecimento atual dos alunos na relação professor-aluno no ano de 2020. Essa resposta foi obtida com a seguinte pergunta: *“se fosse indicar alguns dos professores(as) FOIL e/ou de Ontopsicologia que você teve, que mais se destacam no ensino e formação de alunos da AMF, quais professores(as) você indicaria? (Observação: que se destacam em estimular o aluno a estudar e compreender mais a si mesmo)”*.

Assim como o critério 2, baseado na formação desses professores, teve naturalmente como premissa para atuar e lecionar as disciplinas voltadas diretamente ao ensino da ciência ontopsicológica ou da Ontopsicologia aplicada à Formação de Lideranças (FOIL). Esse critério buscou verificar se possuíam essa formação acadêmica e conhecimento do método ontopsicológico.

³³ FOIL: Formação Ontopsicológica Interdisciplinar e Liderística. Diferencial de formação empreendedora e de liderança em todos os semestres e cursos de graduação da Antonio Meneghetti Faculdade (AMF).

Para seleção dos alunos, foram utilizados os seguintes critérios e motivações:

1. Alunos matriculados regularmente, no ano de 2020, no Curso de Bacharelado em Ontopsicologia e/ou nas Disciplinas FOIL dos cursos da graduação da AMF e;
2. Indicação, por parte dos professores, dos alunos que se destacam no aprendizado e aplicação da Ontopsicologia, segundo o ponto de vista dos professores previamente selecionados (segundo os critérios de seleção dos professores mencionados acima) e;
3. Alunos que participaram de algum processo de formação existencial: Consultoria de Autenticação Ontopsicológica, *Residence* Ontopsicológico e Weekend Life.

No critério 1, o objetivo foi selecionar somente os alunos do Curso de Ontopsicologia e/ou os alunos que frequentavam as disciplinas FOIL, matriculados regularmente no ano de 2020 na instituição, pois são nesses dois modos que ocorre o ensino mais direto da Ontopsicologia, no que diz respeito a forma acadêmica;

No critério 2, foram obtidas as informações por meio do questionário online enviado aos professores, com a seguinte pergunta: “*Se você tivesse que indicar alguns alunos que, na sua visão, se destacam no aprendizado e aplicação da Ontopsicologia, quais seriam eles?*”;

No critério 3, foram selecionados os principais e possíveis instrumentos de intervenção da Ontopsicologia, para selecionar os alunos que efetivamente realizam um processo de formação existencial contínua, sendo a Consultoria de Autenticação como principal e imprescindível; mais *Residence* e/ou o Weekend Life.

A “Consultoria de Autenticação Ontopsicológica” é uma “relação dialógica entre o especialista técnico e um cliente em busca de uma solução pessoal, política, econômica.” (MENEGETTI, 2012, p. 65). Ou seja, a autenticação significa recolocar o espelho da consciência em sincronismo com o indicador do próprio Em Si ôntico, tudo o que é registrado como iso, portanto, como igual, é vital, é nutritivo; enquanto tudo o que não é igual, é negativo para o sujeito naquele momento. O autor descreve a seguir como funciona esse encontro na consultoria de autenticação:

Esse encontro de uma ou mais vezes se desenvolve do seguinte modo: o cliente expõe 1) uma síntese biográfica; 2) a exposição da situação afetiva, familiar, social do problema; 3) a visualização da caracterialidade psicológica (constituição fisiológica, posição de primogênito, segundogênito, benjamim, gêmeo, diabético etc.); 4) a manifestação do ponto de vista pessoal sobre a

situação e sobre o problema e 5) a narração de um ou mais sonhos completos. Como esse material, o especialista ontopsicólogo está em condições de analisar a pessoa e o negócio. Após ter isolado as motivações de a) monitor de deflexão; b) matriz reflexa; c) caráter; d) doxa societária ou meme; e) atração sobre seleções regressivas e, enfim, após ter individuado a análise do real impulso do Em Si ôntico e o conhecimento profissional sobre o problema específico em sentido histórico, legal, econômico etc., o especialista ontopsicólogo pode dar a diretiva precisa que atue a solução (MENEGETTI, 2012, p. 66).

O “*Residence Ontopsicológico*” é “um *stage full imersion*³⁴ de três a sete dias dirigido a grupos selecionados de pessoas, durante o qual é efetuada uma verificação existencial.” (MENEGETTI, 2010, p. 361). O aluno que se propõe a fazer um *Residence*, segundo a metodologia ontopsicológica, talvez isso possa sugerir que o aluno exercite mais o autoconhecimento e o autodesenvolvimento, visto que o significado desse instrumento da Ontopsicologia é: “*verificar se o próprio estado de ser e a própria produção de vida são ou não são funcionais ao crescimento, ao bem-estar e à satisfação de toda a unidade de ação que se é*” (MENEGETTI, 2010, p. 361).

O projeto “Weekend Life” é uma espécie de “mini-residence” tendo as mesmas premissas metodológicas do *Residence Ontopsicológico*, onde os participantes passam por um processo de verificação existencial, “no qual ocorre uma imersão total, contanto com a natureza, com aulas práticas, cases pessoais, atividades que provoquem a criatividade, a estética do ambiente e do grupo, indagando e fazendo reflexões sobre o estilo de vida de cada um.” (STONA, 2019, p. 29). Segundo Stona (2019), esse projeto acontece normalmente aos finais de semana, em turno integral, de sexta a domingo, onde são vivenciados e aplicados dois ou mais instrumentos da Ontopsicologia. (p. 29).

Esses critérios conjuntamente, sobretudo o 2 e 3, talvez possa dar uma possibilidade de serem mais suscetíveis a darem respostas mais espontâneas, naturais, pois no contato com os instrumentos de intervenção da Ontopsicologia os alunos acabam se experimentando mais, se colocando na prática, exercitando o amadurecimento individual. E, unido ao estudo da Ontopsicologia, talvez possa inferir que eles tenham mais clareza do que eles são, pois ao participarem de atividades existências como essa, pode-se entender que eles também demonstram essa continuidade de estudo aplicado na Ontopsicologia. O estudo da Ontopsicologia fornece aos alunos subsídios teóricos, novos

³⁴ “Estágio de imersão total”. (tradução nossa).

vocabulários, que podem fundamentar ao verbalizar o que se vive, se sente, a partir próprio conhecimento.

3.1.2. Construção e aplicação dos questionários

Para a aplicação dos questionários, foi realizada a primeira coleta de dados em base a construção das perguntas com as suas respectivas motivações, conforme o Quadro 1 (questionário dos professores) e 2 (questionário dos alunos) a seguir:

Quadro 1 – Construção do Questionário Online dos Professores

Nº.	Pergunta	Motivação
1 e 2	E-mail e Nome Completo	Identificação.
3	Para quais cursos você leciona?	Verificar os cursos que atuam.
4	Quando você começou a estudar a Ontopsicologia?	Verificar o início do contato e percurso de estudo técnico da Ontopsicologia.
5	Quais instrumentos de intervenção da Ontopsicologia você já realizou (enquanto cliente)?	Verificar se experienciou o máximo de instrumentos de formação existencial da Ontopsicologia.
6	Quando você fez o primeiro <i>Residence</i> Ontopsicológico?	Verificar se participou de algum <i>Residence</i> , verificando a formação direta com o Professor Antonio Meneghetti ou com outros operadores.
7	Quando foi o início do seu <i>training</i> de autenticação e por quanto tempo você realizou?	Verificar o início do processo de revisão crítica da própria consciência, por quanto tempo realizou e se realiza ainda hoje.
8	Se você tivesse que indicar alguns alunos que, na sua visão, se destacam no aprendizado e aplicação da Ontopsicologia, quais seriam eles?	Verificar quais os alunos e quantos alunos indicados pelos mesmos professores, segundo na visão deles, os alunos que possam participar da pesquisa segundo a essa pergunta, somado ao critério de seleção 3.

Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Quadro 2 - Construção do Questionário Online dos Alunos

Nº.	Pergunta	Motivação
1 e 2	Endereço de E-mail e Nome Completo	Identificação.
3	Qual(is) curso(s) você está fazendo?	Verificar quais cursos fazem
4	Em qual semestre/módulo você está?	Verificar em que momento do curso está.
5	Já participou de algum processo de formação existencial?	Analisar quais e quantos de instrumento formação existencial da Ontopsicologia.
6	Se fosse indicar alguns dos professores(as) FOIL e/ou de Ontopsicologia que você teve, que mais se destacam no ensino e formação de alunos da AMF, quais professores(as) você indicaria? (Observação: que se destacam em estimular o aluno a estudar e compreender mais a si mesmo):	Verificar quais os professores que mais se destacam em dar aula, segundo a visão dos alunos, os professores que possam participar da pesquisa segundo a essa pergunta, somado ao critério de seleção 3.

Fonte: elaborado pelo autor (2020).

3.1.3. Construção de roteiro e realização das entrevistas

Os roteiros das entrevistas foram fundamentados em temas que endereçam o recorte da pesquisa, e suas motivações partem com base ao objetivo geral e objetivos específicos da pesquisa, conforme o Quadro 3 a seguir:

Quadro 3 - Temas e Motivações das Perguntas Correlacionadas

Tema da Pergunta	Motivações
CONHECIMENTO TÉCNICO E ESTILO DE VIDA	Correlacionar como o professor aprende, estuda, aplica e vive a Ontopsicologia na própria vida e como o aluno percebe se o professor aplica na prática e vive aquilo que ele está ensinando.
VOCAÇÃO PARA A DOCÊNCIA	Verificar a relação da vocação do professor de Ontopsicologia e as características em comum de outros professores que marcaram positivamente na vida dos alunos ao longo de suas vidas.
POSTURA DO PROFESSOR E RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO	Analisar qual é o diferencial dos professores, qual estilo, como eles são e, correlacionar com a perspectiva do aluno, trazendo exemplos de tipos de aulas que motivaram os alunos a buscar a conhecer a si mesmo e, conseqüentemente, estudar a Ontopsicologia com mais responsabilidade e seriedade.
RECURSOS E PRÁTICAS DIDÁTICAS	Analisar como os professores utilizam a Ontopsicologia como didática, como técnica para ensinar e medida para tocar. Correlacionando como o aluno se sente ou se percebe em sala de aula, distinguindo a relação dos professores que possuem essa formação e dos que não possuem, que no fim, é a técnica, estilo de vida e a total consciência de si mesmo que autoriza um professor de Ontopsicologia ser ou não ser verdadeiro.

Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Quadro 4 - Questionário dos Professores e Alunos com Temas e Perguntas Correlacionadas

	QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES	QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS
CONHECIMENTO TÉCNICO E ESTILO DE VIDA	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como se aprende / estuda a Ontopsicologia? 2. Como se aplica / vive a Ontopsicologia na sua vida? 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como você vê que aquele professor aplica / vive aquilo que ensina?
VOCAÇÃO PARA A DOCÊNCIA	<ol style="list-style-type: none"> 3. Como você descobriu a vocação pela docência? 	<ol style="list-style-type: none"> 2. Ao longo de toda a sua vida, passou por diversos professores que contribuíram verdadeiramente com a sua formação (ensino básico, fundamental, médio, acadêmico etc). Quais são as características em comum desses professores?
POSTURA DO PROFESSOR E RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO	<ol style="list-style-type: none"> 4. Como você dá aula? Quais são os recursos e/ou práticas você utiliza para ensinar e, sobretudo, tocar verdadeiramente um aluno? 	<ol style="list-style-type: none"> 3. Com base nos professores que você indicou, quais são as características em comum entre eles? Como são as aulas? Qual é o diferencial deles?" 4. Quais são os tipos de aulas que mais fazem você aprender e se desenvolver? Se recordas de algum exemplo de aula que mais te marcou / tocou, que fez com que buscasse compreender com maior profundidade algum aspecto da sua vida?
RECURSOS E PRÁTICAS DIDÁTICAS	<ol style="list-style-type: none"> 5. Como despertar no aluno a busca em conhecer a si mesmo? Qual é a medida para tocar/estimular a inteligência do aluno? 6. Qual é o maior desafio ou cuidado que se deve ter ao ensinar/mediar a Ontopsicologia para um outro? 	<ol style="list-style-type: none"> 5. No seu ponto de vista, qual é a diferença da aula de um professor de Ontopsicologia / FOIL, em relação a um outro professor que não possui essa formação? 6. E o que na sua visão faz um professor ser um verdadeiro professor?

Fonte: elaborado pelo autor (2020).

3.1.4. Participantes das pesquisas

A pesquisa abrangeu alunos e professores de todos os cursos de Graduação da Antonio Meneghetti Faculdade (AMF), tendo como número de professores representados na pesquisa, com formação em Ontopsicologia, de 50% de docentes do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia e, 100% dos docentes das disciplinas FOIL. E os alunos representados foram de 17,5% dos discentes da Instituição de Ensino Superior, ambos no ano de 2020. A AMF é localizada no Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro, o lugar que é Campus da Instituição e também um polo de desenvolvimento empresarial, turístico, gastronômico, cultural, educacional e social. Esse lugar foi projetado pelo Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, e desenvolveu o Recanto Maestro como o objetivo de desenvolver e formar pessoas de valor.

É o primeiro distrito brasileiro com gestão privada em parceria com órgãos públicos. Seu diferencial constitui-se ainda em formação de jovens profissionais que escolhem este local para aperfeiçoar sua capacidade profissional e formação pessoal, tornando-se, cada um em seu campo de atuação, líderes para o crescimento social. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA, 2020).

Na Tabela 1 a seguir, apresenta-se o levantamento e recorte dos alunos de Graduação da AMF que participaram da pesquisa:

Tabela 1 - Levantamento e Recorte dos Alunos de Graduação da AMF

	Número Total de Alunos da Instituição	Número de Alunos que preencheram o questionário	Número de Cursos que representados
Nº.	800	114	5
%	100 %	17,5 %	100 %

Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Como a pesquisa busca retratar o papel do professor com formação em Ontopsicologia, foi realizado também o levantamento e recorte dos alunos específico do Curso de bacharelado em Ontopsicologia da AMF, conforme o Tabela 2 a seguir:

Tabela 2 - Levantamento e Recorte dos Alunos do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia

	Número Total de Alunos do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia	Número de Alunos que preencheram o questionário
Nº.	140	60
%	100 %	42,2 %

Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Quanto à participação e delimitação da pesquisa, foi realizado o levantamento e recorte de Professores das Disciplinas FOIL dos Cursos de Graduação da AMF, pois nessa disciplina é exercida a aplicação da Ontopsicologia no desenvolvimento Empreendedor e de Lideranças, conforme já mencionado na fundamentação teórica. Conforme a Tabela 3 a seguir:

Tabela 3 - Levantamento e Recorte de Professores das Disciplinas FOIL

	Número Total de Professores ³⁵ FOIL da Instituição	Número de Professores que preencheram o questionário
Nº.	13	13
%	100 %	100 %

Fonte: elaborado pelo autor (2020).

E trazendo para o recorte e foco principal da pesquisa sobre a “Formação de Professores em Ontopsicologia”, na Tabela 4 a seguir, encontra-se o levantamento e recorte de Professores do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia que participaram da pesquisa:

³⁵ O número total de professores da disciplina FOIL informado foi coletado em uma conversa informal junto à Secretaria Acadêmica da Instituição de Ensino, realizada no ano de 2020.

Tabela 4 - Levantamento e Recorte de Professores do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia

	Número Total de Professores ³⁶ do Curso de Ontopsicologia	Número de Professores que preencheram o questionário
Nº.	34	17
%	100 %	50 %

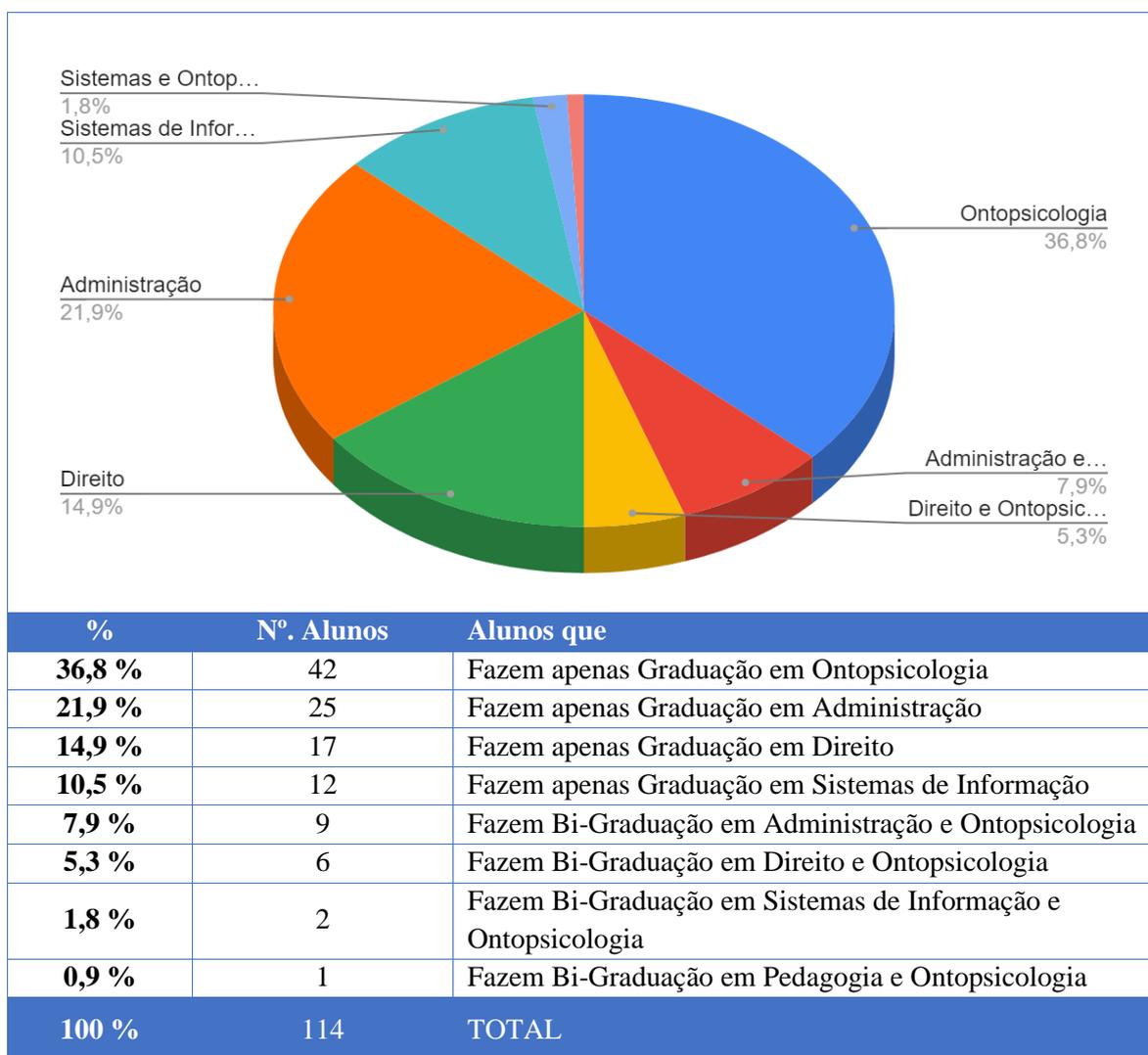
Fonte: elaborado pelo autor (2020).

No Quadro 5 a seguir, apresenta-se de forma visual o gráfico de como estão distribuídos os alunos nos Cursos de Graduação (Ontopsicologia, Administração, Direito, Sistemas de Informação) da AMF, considerando também separadamente os alunos que realizam Bi-Graduação³⁷, com base nas respostas do questionário online:

³⁶ O número total informado de professores do Curso de Ontopsicologia foi coletado em uma conversa informal junto à Secretaria Acadêmica da Instituição de Ensino, realizada no ano de 2020. Importante salientar que no quadro docente existem alguns professores que lecionam tanto nas disciplinas FOIL quanto no Curso de Ontopsicologia.

³⁷ “Como o nome já diz, são dois Cursos de Graduação realizados em conjunto, com aproveitamento de disciplinas em ambos os Cursos. A Bi-Graduação oferecida pela AMF é a possibilidade do acadêmico cursar dois Cursos de Graduação, de modo simultâneo, com aproveitamento de determinadas disciplinas em ambos. Ao cursá-los e cumprir com todas as atividades acadêmicas e de formação técnica em cada um deles, obterá, assim, dois Diplomas de Graduação em um tempo reduzido se comparado ao que seria se cursasse primeiro um e depois outro, pois estará realizando uma dupla titulação. Dessa forma, a AMF oferece a Bi-Graduação entre os Cursos de Graduação (Administração, Direito, Sistemas de Informação, Pedagogia) e o Curso de Bacharelado em Ontopsicologia, seja em disciplinas durante a semana (período noturno) ou em disciplinas de finais de semana (uma vez ao mês).” (AMF, 2021). Disponível em: <https://faculdadeam.edu.br/graduacao/bacharelado-em-ontopsicologia>. Acesso em: 19/02/2021.

Quadro 5 - Distribuição de Alunos que Responderam ao Questionário por Curso de Graduação AMF



Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Com base nos critérios de seleção, foi realizado um levantamento dos professores, utilizando o resultado da soma por pontuação, conforme o Quadro 6 a seguir. Considerando então o “Número de Indicação” dos Professores destaques, na visão dos alunos, como principal indicador de seleção; sendo como indicadores secundários: a “Formação direta com o Professor Antonio Meneghetti”, e o “Conhecimento da Metodologia Ontopsicológica”, conforme os dados coletados pelo Questionário Online e confrontados com os *currículos* de cada professor (Plataforma Lattes e Site da AMF):

Quadro 6 - Levantamento da Seleção dos Professores³⁸

Professor	PE1	PE2	PE3	PE4	PE5	PX1	PE6
Responderam o questionário	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Número de Indicação	55	43	41	23	17	10	7
Formação direta com o Professor Antonio Meneghetti (20)	20	20	20	20	20	20	20
Conhecimento da Metodologia Ontopsicológica (10)	10	10	10	10	10	10	10
Total	85	73	71	53	47	40	37
Legendas							
PE	Os 6 primeiros professores mais indicados que foram selecionados, que responderam o questionário online e que atendem os critérios preestabelecidos pela somatória para a pesquisa.						
PX	Professores que foram indicados, que responderam ao questionário online, mas que: ou excede o número máximo de participantes estabelecido pela pesquisa (máximo 6) ou não atendem os critérios preestabelecidos na somatória para a pesquisa. Com exceção do PX1 que optou por não participar da pesquisa.						

Fonte: elaborado pelo autor (2020).

As respostas coletadas pelos professores selecionados são apresentadas no Quadro 7 a seguir, e foi utilizado para a realização do levantamento de seleção e para a análise de conteúdo:

³⁸ O levantamento não considera a quantidade de alunos que cada professor tinha na amostra de 114 alunos que responderam ao questionário. Sendo que alguns professores tiveram muito (mais) ou muito (menos) alunos de outros e, conseqüentemente, tiveram a possibilidade de ser muito (mais) ou muito (menos) indicados.

Quadro 7 - Respostas do Questionário realizado com os Professores Seleccionados

Professores Entrevistados	Número de Indicações dos Alunos	Para quais cursos você leciona?	Quando começou a estudar a Ontopsicologia?	Quais instrumentos de intervenção da Ontopsicologia você já realizou (enquanto cliente)?	Quando foi o início do seu training de autenticação e por quanto tempo você realizou?	Indicação de alunos que mais se destacam, segundo a visão do professor.
PE1	55	Ontopsicologia, Administração, Sistemas de Informação, Direito, Pedagogia	1999	Psicoterapia individual e de grupo, Consultoria de Autenticação, Imagogia, Cinelogia, Psicotea, Melolística, Melodance, Hidromúsica Solar, Residence	1999 até hoje	AX1, AE7 , AE3 , AX16, AE6 ,... os outros são muito novos ainda no curso e acho cedo para indicar.
PE2	43	Ontopsicologia, Sistemas de Informação	No ano de 2000	Psicoterapia individual e de grupo, Consultoria de Autenticação, Imagogia, Cinelogia, Psicotea, Melolística, Melodance, Hidromúsica Solar, Residence	Em março de 2000 e o fiz por 2 anos direto uma vez na semana e após, uma vez ao mês, por diversos anos e atualmente sempre que necessário, quando tenho uma decisão importante a tomar ou quando tenho algum sonho muito diferente.	AE2 , AE4 , AX11, AX7, AX8, AX17, AX3, AE5 , AX4.
PE3	41	Ontopsicologia, Administração, Sistemas de Informação, Direito, Pedagogia	Março de 1997.	Consultoria de Autenticação, Imagogia, Cinelogia, Psicotea, Melolística, Melodance, Hidromúsica Solar, Residence	Desde março de 1997 até agora (em andamento).	AE3 , AX16, AX19, AX10, AY1, AY2, AY3.
PE4	23	Ontopsicologia	2008	Psicoterapia individual e de grupo, Consultoria de Autenticação, Imagogia, Cinelogia, Psicotea, Melolística, Melodance, Hidromúsica Solar, Residence	2009 – Contínuo.	AE6 , AX12, AE1 , AX1, AE2 .
PE5	17	Ontopsicologia, Administração	1995	Psicoterapia individual e de grupo, Consultoria de Autenticação, Consultoria Empresarial, Imagogia, Cinelogia, Psicotea, Melolística, Melodance, Hidromúsica Solar, Residence, Isomaster	1994. Ainda sigo as consultorias individuais. O prazo é que está mais espaçado.	Não gostaria de responder.
PE6	7	Ontopsicologia	1985	Psicoterapia individual e de grupo, Consultoria de Autenticação, Imagogia, Cinelogia, Melolística, Melodance, Hidromúsica Solar, Residence, Isomaster	Desde 1985 até hoje	Todos aqueles que estão aumentando a consciência organísmica. Isso significa a possibilidade do conhecimento com nexos ontológicos. Isto é, leitura e utilização das três descobertas inovadoras do método Ontopsicológico

Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Legenda: **AE** = Alunos indicados, que responderam o questionário, e foram entrevistados dentro dos critérios estabelecidos. **AX** = Alunos indicados, que responderam o questionário, mas que não atendem os critérios estabelecidos. **AY** = Alunos indicados, mas que não responderam o questionário.

Baseado nos critérios de seleção dos alunos, foi realizado também um levantamento, utilizando o resultado da soma por pontuação, conforme o Quadro 8 a seguir. Considerando então o “Número de Indicação” dos Alunos destaques, na visão dos professores, como principal indicador de seleção; sendo como indicadores secundários: a realização de “Consultoria de Autenticação” (atribuído com 20 pontos), e a participação em “*Residences* ou *Weekend Lifes*” (atribuído com 10 pontos), conforme os dados coletados pelo Questionário Online:

Algumas considerações a fim de esclarecimento:

Foi atribuído um valor de 20 pontos para Consultoria de Autenticação, maior que “*Residence* ou *Weekend Life*”, pela relevância e entendimento, como instrumento de intervenção indispensável da Ontopsicologia, conforme o referencial teórico.

E o “*Residence* ou *Weekend Life*” foram atribuídos com menor pontuação (10 pontos) e o mesmo peso em relação a “*Residence = Weekend Life*”, pois *Residence* e o *Weekend Life* tem os mesmos princípios e mesma metodologia, a diferença é que esses instrumentos são acessados por diferentes interesses, grupos, faixa etária, e envolvimento com a Instituição de Ensino Superior. Como por exemplo, o *Weekend Life* é um projeto que faz parte da Instituição, conduzidos por professores e psicoterapeutas com formação em Ontopsicologia.

Quadro 8 - Levantamento da Seleção dos Alunos³⁹

Professor	AX1	AE1	AE2	AE3	AE4	PE5	PE6	AE7
Responderam o questionário	Sim							
Número de Indicações	8	6	5	5	4	4	4	3
Consultoria de Autenticação (20)	20	20	20	20	20	20	20	20
<i>Residence</i> ou <i>Weekend Life</i> (10)	10	10	10	10	10	10	10	10
Total	38	36	35	35	34	34	34	33

Legendas	
AE	Os 7 primeiros alunos mais indicados que foram selecionados, que responderam o questionário online, que atendem os critérios preestabelecidos somatória para a pesquisa.
AX	Alunos que foram indicados, que responderam ao questionário online, mas que: ou excede o número máximo de participantes estabelecido pela pesquisa (máximo 7) ou não atendem os critérios preestabelecidos na somatória para a pesquisa. Com exceção do AX1 que optou por não participar da pesquisa.

Fonte: elaborado pelo autor (2020).

3.1.5. Procedimento de análise dos dados

Para análise do conteúdo extraído das entrevistas com os professores e alunos dessa pesquisa, foi verificado os resultados com base no método de Análise de Conteúdo, apresentado por Bardin, entendendo a análise de conteúdo como:

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. [...] Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre dois pontos do rigor da objetividade e da fecundidade subjetiva. Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem (BARDIN, 2016, p. 15).

³⁹ É importante ressaltar que os números de indicações variam pelos diversos professores, pois cada professor possui mais ou menos turmas. Alguns lecionam no início dos cursos, logo é provável que tenha mais números de alunos, e portanto, mais indicações. E outros lecionam mais ao longo dos cursos ou ao final. Um outro aspecto é que, é comum ter também maior número de alunos no início dos cursos e uma redução (desistência natural) do número de alunos até a conclusão do curso.

Essa análise se organiza do seguinte modo: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados a inferência e a interpretação (BARDIN, 2016, p. 215).

Segundo Seramim e Walter (2017, p. 241), a fase da pré-análise tem como objetivo organizar as ideias iniciais de forma sistematizada, que possibilita preparar e introduzir novos procedimentos de análise, tendo uma certa flexibilidade nessa construção. Nessa fase se escolhe quais serão os documentos, objetivos, formulação de hipóteses e construção de indicadores para fundamentar a interpretação final. Na pré-análise também ocorre a leitura flutuante, pois no contato com os documentos baseado na escolha adequada se definem as categorias a priori ou posteriori. A partir dessa escolha da infinidade de possibilidades que os documentos podem trazer, pode-se, então, construir o processo de análise que implica escolher e selecionar baseado em regras pré-estabelecidas. Conforme Seramim e Walter (2017), descrevem essas normativas fundamentado no método de Bardin, essas regras são:

(I) exaustividade (não se pode deixar de fora nenhum elemento que corresponda aos critérios definidos); (II) representatividade (análise sobre uma amostra de material, conforme o caso); (III) homogeneidade (critérios precisos de escolha, obtidos por técnicas idênticas, indivíduos semelhantes e que não representem demasiada singularidade); (IV) pertinência (adequados quanto à fonte de informação). (SERAMIM, WALTER, 2017, p. 248).

E posteriormente, segundo Seramim e Walter (2017), na segunda fase de exploração do material acontece a aplicação organizada, podendo ser feito de modo manual ou informatizado, codificar, decompor, enumerar em base as escolhas previamente estabelecidas na pré-análise. (p. 248).

Para fundamentar a interpretação, a fim de compreender os principais aspectos relacionados ao tema dessa pesquisa, “A ‘Fabricação’ da Ontopsicologia: como aprendê-la, aplicá-la para ensiná-la de modo exato e eficaz”, foram estabelecidos 4 (quatro) categorias de análise definidas a priori. Com base no roteiro e nas perguntas das entrevistas, essas categorias foram criadas e agrupadas em forma de temas:

1. Conhecimento técnico e estilo de vida;
2. Vocação para a docência;
3. Postura do Professor e Relação Professor-Aluno;
4. Recursos e Práticas Didáticas.

E também foram definidas 4 (quatro) categorias a priori para os alunos:

1. Características de um Verdadeiro Professor;
2. A diferença entre professores de Ontopsicologia/FOIL em relação a um professor que não possui essa formação;
3. Exemplos e tipos de aulas que mais tocam verdadeiramente os alunos;
4. Como o aluno vê ou percebe se o professor vive aquilo que ensina.

Na fase de tratamento dos resultados, conforme Seramim e Walter (2017), realiza-se as inferências e interpretações. Nesse processo a análise de conteúdo se identifica por palavra, tema, objeto, personagem ou acontecimento para compreender o significado daquilo exposto pelos documentos.

Este tipo de análise proporciona uma fundamentação para a realizar a reflexão e discussão das entrevistas, pois permite relacionar os trechos das falas com o referencial teórico utilizado na pesquisa, proporcionando novos enfoques relacionados ao objetivo deste trabalho. Para isso, nessa fase de tratamento dos resultados e interpretação dos dados, o pesquisador deve retornar ao referencial teórico ou a novos autores e pesquisas, procurando fundamentar as análises para dar sentido à interpretação.

Foi realizada também a análise cruzada de professores e alunos, evidenciando a associação direta do diferencial dessa formação. Uma análise realizada foi por parte da perspectiva dos alunos, buscando verificar as características em comum dos professores com formação em Ontopsicologia, utilizando o recurso de nuvem de palavras-chave, realizado com um programa do Word (Pro World Cloud). Este recurso possibilita unificar os termos a partir das respostas mais frequentes, com maior tamanho para aquelas mais citadas.

E por fim, foi realizada a análise cruzada, de professores e alunos, para compreender e aprofundar qual é “a parte” da Ontopsicologia que os professores “fabricaram” na própria vida e, portanto, ensinam “essa parte” com maior profundidade e facilidade. Os resultados dessa análise são apresentados a seguir.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1. Análise dos Professores

4.1.1. Conhecimento Técnico e Estilo de Vida

A primeira pergunta realizada nas entrevistas com os professores foi: “como se aprende, como se estuda a Ontopsicologia?”. Ao fazer essa pergunta, foi possível perceber que, no primeiro impacto o contato com a Ontopsicologia passa a ser, para os professores participantes da pesquisa, uma passagem de motivação para o estudo desse conhecimento. Assim, pode-se perceber que esses professores não começaram a estudar a Ontopsicologia para ensinar, mas buscaram nesse conhecimento a compreensão de aspectos existenciais e profissionais, para qualificar a busca do melhor de si mesmos. Nos discursos a seguir, podemos compreender de que forma aparece esse aspecto ligado a esse primeiro impacto:

A primeira relação foi de impacto como cliente. [...] Tem um primeiro processo, que eu vejo, que é como cliente. O que é isso? É fazer o seu próprio processo de autenticação. [...] Esse é o primeiro passo. É a primeira evidência que tu tens de que o método funciona, de que tu viveste a função, viveste a melhoria. [...]. Depois, tu entendes racionalmente: eu quero isso. Isso serve para mim. [...] Isso é o nível um: está preparando a melhoria de eficiência individual. [...] No meu caso, teve um segundo momento, que foi assim: ok, não me basta mais ser usuário, cliente de um Ontopsicólogo [...], eu preciso saber como essa técnica, que me ajuda tanto, funciona. (PE5).

É uma ciência que se conhece por evidência. [...] As pessoas que estão falando dessa ciência, que estão fazendo essa ciência e colocando-a em prática, mostram por evidência o que significa o bem-estar e a realização do homem. [...] Eu acho é que foi aí que partiu, para mim, a minha motivação para estudar [...], me senti convocada e não só mais convidada a estudar. (PE4).

Ao acompanhar os relatos acima citados, talvez possa relacionar o momento de impacto com a Ontopsicologia, com a explicação que Meneghetti (2011, p. 12) escreve acerca do encontro com a Ontopsicologia. Esse encontro perpassa três principais momentos: a crise (o problema), a técnica (o método), e a intencionalidade de natureza, o Em Si ôntico do indivíduo (a solução). (MENEGETTI, 2011). Os relatos parecem se aproximar, de certa forma, desses três momentos, uma vez que, “existe a crise, porque o conhecimento ontopsicológico faz compreender que a racionalidade é boa, porém – por mais que se esforce – falta o ponto de partida, o ponto de ligação à radicalidade do existir” (MENEGETTI, 2011, p. 11). De fato, a crise acontece quando o sujeito percebe que não contata o próprio melhor, podendo conduzir a vida em uma dinâmica experimental de

erros e de acertos. No contato com a Ontopsicologia como cliente, começa-se a tocar o próprio sentido, percebendo que a técnica pode ser função à própria vida e aos negócios. “O primeiro sinal que a Ontopsicologia dá é: ‘Atenção, dentro de você existe uma parte onde você é apenas você, onde a vida faz contato e só você é importante, porém, deve encontrá-la’” (MENEGHETTI, 2011, p. 11). Esse princípio, segundo o autor (2011), é o Em Si do homem, que faz mediação entre cada ser humano de modo único, exclusivo e irrepetível, com o mundo da vida, se manifestando na existência a identidade de cada um. O processo inicial da crise é sempre uma oportunidade para crescer.

Sempre, durante o curso da vida, há a ocasião de diferenciar-se. Existe sempre o momento de sair e de entrar no orgulho daqueles que sabem autoconstruir-se. Existem momentos em que a vida parece difícil, mas quando a vida parece difícil significa que é um momento de crise, onde se pode realizar mais [...]. Em cada crise não significa que estamos mal, que estamos andando para trás, mas que existe uma ocasião para desenvolvimento, nova personalidade, nova coragem, nova iniciativa, reorganizar, para um processo vencedor, essa é a crise. Portanto, nós estamos sempre neste processo de autótise histórica, autoposição renovada, melhorada, evolutiva (MENEGHETTI, 2007, *transcrição de áudio*).

Mais adiante, entra-se em um segundo momento, em que, segundo o mesmo autor, “a Ontopsicologia dá a técnica, a situação espectrográfica, e ensina como se lêem aquelas cores. [...] Consequentemente, é necessário fazer *training* de autenticação, para exercitar a *metanoia*.” (MENEGHETTI, 2011, p. 12). Segundo Meneghetti (2011, p. 11), esse processo do método ontopsicológico, com seus instrumentos de intervenção⁴⁰, conduz o indivíduo a recuperar a parte desconhecida (inconsciente) para a própria consciência.

No terceiro momento, toca-se o Em Si ôntico, e a mensagem lançada pela Ontopsicologia é precisa e muito clara, “se você quer ser um instrumento exato, deve seguir a *intencionalidade de natureza*.” (MENEGHETTI, 2011, p. 12). Essa intencionalidade, pode-se compreender com aquilo que o autor quis dizer sobre a manifestação da vida em cada indivíduo, que possui uma correspondência de exatidão e, portanto, é preciso uma consciência capaz de colhê-la. “A vida, de fato, é ciência, é técnica, ordem, e não perdoa nenhuma boa fé se não for coincidente com as suas proporções. Portanto, é necessário mudar a consciência.” (MENEGHETTI, 2011, p. 12). Ou seja, isso faz entender que é necessária uma mudança no modo agir, de pensar e de

⁴⁰ “Psicoterapia Individual e de Grupo, Consultoria de Autenticação, Consultoria Empresarial, imagogia, Cinelogia, Psicotea, Melolística, *melodance*, hidromúsica solar, *Residence*, ISOMaster” (MENEGHETTI, 2010, p. 141-142)

refletir-se. Assim, retomar a capacidade natural de ler o real, de como a vida é e se apresenta. O resultado de que a técnica funciona se dá por evidência, pois é no contato com o critério de natureza, o Em Si ôntico do indivíduo, que se produz o próprio bem-estar e a autorrealização.

Um outro aspecto relacionado ao conhecimento técnico é o estilo de vida do professor. Parece possível relacionar, a partir do que foi exposto pelos professores participantes da pesquisa, o estudo e estilo de vida, que, nos discursos, aparecem juntos, pois o estudo faz parte do dia a dia do professor. Ainda que as perguntas tenham sido feitas separadamente: “como se estuda e aprende a Ontopsicologia?” e “Como se vive e aplica a Ontopsicologia na própria vida?”, pode-se observar que, quando os professores falavam sobre o estudo, correlacionavam com a aplicação desse conhecimento na própria vida, ou seja, o estudo como parte do estilo de vida. Por isso, a subcategoria criada expõe a conexão direta entre esses dois aspectos pesquisados.

A relação entre estudo e estilo de vida, que foi constatada nas entrevistas, já é abordada, de fato, por Meneghetti (2018, p. 119), quando cita as premissas indispensáveis para conhecer a Ontopsicologia, que são “1) o completo conhecimento científico, instrumental do método, da teoria ontopsicológica; e “2) um estilo de vida.” Para compreendê-la de modo completo, é preciso vivê-la integralmente por inteiro. O autor afirma também que, “para usar com precisão técnica ontopsicológica, é preciso uma experiência guiada e é necessário um certo tempo, porque se deve conhecer bem toda a logística dessa técnica.” (MENEGHETTI, 2018, p. 119). O que já pode ser observado nos discursos de professores que tiveram o primeiro impacto com essa ciência justamente quando buscaram realizar esse percurso.

Ao responderem sobre o estudo e a aprendizagem técnica da Ontopsicologia, os professores abordam essa primeira premissa, como pode-se conferir nos trechos a seguir:

Se estuda, primeiro, todo o dia. [...]. Tem que ter um estudo sistemático, cotidiano e completo. [...]. (PE3).

Eu entendi que tem uma disciplina, tem um dia-a-dia [...]. Para mim, estudar Ontopsicologia tem a ver com disciplina mesmo: eu vou parar e estudar [...]. Então, eu não vejo que é um estudo que se faz só de vez em quando, eu vejo que é um estudo que tem um percurso [...]. (PE4).

Primeiro é estudar teoricamente e racionalmente, objetivamente. [...]. Se estuda seriamente, de modo técnico, racional, nos livros, nos cursos. Hoje temos o Bacharelado (em Ontopsicologia), temos diversos cursos de extensão [...], tem

o MBA, tem a Especialização [...]. É um caminho acadêmico, científico. Esse é um lado [...]. O outro lado, que também não pode faltar, que tem que estar sempre junto, é a própria formação individual, verificação dos sonhos, verificação crítica da consciência, continuamente por meio das consultorias e outras atividades que envolvem os instrumentos de intervenção [...]. E o estilo de vida é coerência e manutenção disso tudo, de modo científico, técnico, racional, existencial [...]. (PE2).

A segunda premissa, que é o estilo de vida, vem sendo abordada, então, na medida em que os professores falam de como veem o estudo da Ontopsicologia. Além do estudo técnico e contínuo, eles demonstram, pelo modo como tratam desse tema, que é necessário aplicá-lo e vivê-lo no dia a dia. Meneghetti, de fato, afirma que “não se pode chegar a essa prática sem o conhecimento teórico e o estilo de vida, porque é um conhecimento que vai por inteiro (todo o homem): ou é todo, ou não há.” (2018, p. 119). Pode-se sugerir, então, que a técnica é vivida junto com o modo de viver do indivíduo, não havendo separação entre a teoria e a prática: é o todo do ser humano. Nos relatos transcritos a seguir, é possível colher de que modo o estudo está relacionado com um modo de viver autêntico:

Aprender a Ontopsicologia tem que andar junto com uma mudança interior. Não tem como você aprender se você também não for fazendo as suas mudanças, repensar o seu estilo de vida, repensar a sua forma de pensar [...]. Haja visto que, na medida em que você vai amadurecendo e mudando, cada um de nós nos seus processos, a Ontopsicologia começa a ter um ressignificado dentro de ti [...], vai atingindo níveis em que você compreende cada vez mais, com mais plenitude, proporção daquela informação, que no fundo é tentar entender como é a lógica do ser. (PE6).

Se estuda a Ontopsicologia de modo vivo [...]. Para você fazer uso desse conhecimento e crescer com ele, você tem que colocar em prática. [...] Está muito relacionado na medida em que você vai crescendo, que você vai amadurecendo, ou também a tua alma também vai te estimulando entender mais [...]. Não existe essa dicotomia ou essa divisão [...]. Tu já estás vivendo aquilo ali e tu te dá conta de como as coisas são. Ou tu mudas aquele comportamento que tinhas, que não fazia sentido, ou intensificas a estratégia [...]. É junto, praticamente é junto, quando se busca esse conhecimento para algo que tu precisas, ou te interessa, ou tem valor real para ti naquele momento. (PE1).

Não basta estudar, tem que aplicar. [...] É sempre uma constante teoria e prática junto. [...] Se vive em primeira pessoa. [...] Tem que começar a se abrir, e ver como tudo isso funciona, antes de tudo em si mesmo. Ou seja, nós temos que ser... fazer experimentação com nós mesmos. [...] O mundo intrapsíquico é o mundo principal. [...] Então, é um trabalho muito dentro de nós mesmos. Isso é lindo, é legal de fazer, é o único jeito para de fato aplicar, senão é só aplicar algo de externo, como se fosse um novo estereótipo. [...] é uma revolução

interna, aos poucos, com muita humildade, com muita paciência, com uma infinita paciência. (PE3).

Pode-se inferir, com base nesses relatos, que essa integração entre o estudo e o estilo de vida tenha relação com o cultivar a própria inteligência por meio do processo de revisão da consciência, ou seja, a consultoria de autenticação. Meneghetti afirma, “consultoria de autenticação é cultura de alta inteligência e exercício crítico de consciência sobre si mesmo”. (MENEGHETTI, 2010, p. 293). Para compreender a Ontopsicologia é necessária também uma mudança da mente, dos hábitos e do modo de viver, com o auxílio técnico de um consultor com conhecimento ontopsicológico. Esse técnico é um auxílio para o cliente que busca fazer as passagens de evolução. Portanto, como afirma Meneghetti, “é preciso uma gradualidade, uma ajuda, um apoio externo: seja para interpretar os sonhos, seja para uma imagogia, seja para ler alguns símbolos, é necessário o técnico de apoio”. (MENEGHETTI, 2018, p. 120).

A Ontopsicologia é, portanto, um estudo que exige mudança individual, em um processo contínuo, que exige um técnico. O psicoterapeuta ontopsicológico faz a análise do inconsciente, utilizando os seis critérios de análise (diagnose) da Ontopsicologia, dos quais consta o sonho, por exemplo. “O sonho completo expõe 3 elementos: a *situação atual*, a *causa da situação* e a *solução*.” (MENEGHETTI, 2010, p. 298).

O sonho é uma vasta reserva de significados puros da nossa existência. Infelizmente, com a nossa sociedade e com tudo o que é a nossa educação, conquistamos o mundo técnico da história, mas perdemos o mundo-da-vida. Com o escopo de aperfeiçoar e completar a organização lógico-consciente que já temos, é necessário recuperar em parte o conhecimento do mundo-da-vida. Esse conhecimento é o fundamento do egoísmo vital e é a correspondência com as exigências metafísicas (MENEGHETTI, 2010, p. 297).

Reforçando o que escreve Meneghetti, também os professores entrevistados relatam que, junto ao estudo, é necessário um técnico que possa ler as dinâmicas inconscientes, e dar a passagem com base nesse critério de natureza: o Em Si ôntico de cada pessoa. Com isso, pode-se compreender, com base nos relatos da maioria dos professores, a importância do processo de autenticação:

Uma vez que a gente não lê o próprio inconsciente [...], o método existe, exatamente com os instrumentos de análise e de intervenção, [...] para que um técnico possa operar e dar as passagens que a nossa consciência ainda não alcançava. [...] Por exemplo, uma consultoria, um *Weekend Life*, um *Residence*, quando terminam... [...] o trabalho de fato é o que a gente leva para casa para fazer: o contra-hábito, para fazer a metanoia no dia a dia mesmo. Ou

seja, mudar no miricismo cotidiano, mudar os hábitos ou desfazer hábitos, criar uma harmonia, criar uma relação com os próprios instintos que gere isso. (PE4).

É claro que tudo isso só é possível se, junto ao estudo, haja uma consultoria de autenticação constante. É indispensável, ao meu ver, para serem realmente mediadores de vida, mediadores do que é a Ontopsicologia de fato, fazer em primeira pessoa, constantemente, uma consultoria, uma revisão. Primeiro para nos limparmos internamente – digamos assim –, e mesmo um dia em que nós não teríamos mais complexos e tudo, mas temos que continuamente nos revisar, porque sobretudo quando estamos em relação com jovens temos uma responsabilidade a mais, ao meu ver: não só para nós, mas também para essas novas criaturas do mundo. (PE3).

Com o quanto foi relatado pelos professores, pode-se evidenciar que os instrumentos de intervenção da Ontopsicologia permitem uma mudança existencial e o centrar o ponto de inteligência do indivíduo. A teoria dá o passo a passo de como fazer, dá a base, o fundamento. Mas a compreensão e a construção desse saber se dá pelo quanto o sujeito se autoconstrói, muda dentro, evidencia-se dentro. Acompanhando as falas dos professores, pode-se perceber que esse é um conhecimento técnico, estruturado e disciplinado, mas não rígido. Ele vai crescendo, metabolizado, também com a ordem natural da própria vida. Ou seja, a Ontopsicologia aplicada é o conhecimento teórico e o estilo de vida conjuntamente, de modo coerente, reversível.

4.1.2. Vocação para a docência

Um outro aspecto desse contato que se pode perceber é que alguns professores, ao evidenciarem a funcionalidade da Ontopsicologia na própria vida, perceberam-se chamados a estudar e compreender como o método produz esse resultado de crescimento e evolução no ser humano. Essa convocação interior sugere uma correlação com a passagem que Meneghetti faz sobre a vocação, desse chamado para fazer. “Não se nasce por acaso, não se vive por acaso e não se morre por acaso. Sobretudo alguns nascem para uma *missão de colaboração com a vida*”. (MENEGETTI, 2019a, p. 61). Uma vez que os professores contataram e evidenciaram a própria vida por meio do método da Ontopsicologia, surgiu, em alguns, um ímpeto de querer fazer da própria melhoria individual um meio para cooperar também com a formação de outras pessoas. Esse aspecto pode ser visto nos relatos a seguir, sobre o reconhecimento da própria vocação (identidade) somado à experiência e vivência da Ontopsicologia:

Para mim a Ontopsicologia não está mais muito separada da minha existência, [...] a maturidade que tu adquirees aos poucos e que ela vai sendo metabolizada ou acrescentada à tua identidade como força de vida, como expressão da vocação. (PE6).

Eu só formalizei a minha vocação agora, com 50 anos. Então funciona, pois tu tens a experiência prática, a decisão, a experiência teórica, a experiência em sala de aula, então tu começa a moldar e formar um estilo. (PE5).

Não tem muito como impactar a Ontopsicologia e ao mesmo tempo não se sentir convocado: eu preciso estudar mais. Eu acho é que foi aí que partiu, para mim, a minha motivação para estudar: o fato de eu gostar muito de clínica, gostar muito de pessoas, gostar muito de trabalhar com a transformação humana. (PE4).

A partir das respostas das perguntas: “como se estuda e como se vive a Ontopsicologia”, é possível compreender que alguns professores se expuseram em alguma medida, sentem e têm consciência de que são vocacionados para fazer o que fazem e, portanto, têm um potencial natural para mediar a vida em outras pessoas.

Sabendo que todo docente deve ser antes vocacionado para isso, se fez a seguinte pergunta: “como você descobriu a vocação para a docência?”. Conforme os relatos a seguir, pode-se verificar esse aspecto da vocação docente:

As primeiras imagens que eu tenho, eu era criança, e eu brincava e com o meu irmão e com a minha prima, e eu dava aula para eles, [...] eu tenho imagens e memórias que eu não esqueço nunca mais, e sempre alegres, sadias, divertidas, daquele lugar. E a minha mãe dizia assim ‘eu nunca precisei mandar a PE2 estudar’ [...], então vem já da infância, vem da adolescência. E depois quando eu comecei... estava na graduação, já me via, que eu queria ser professora universitária futuramente [...], mas quando eu tive a aula, a primeira aula com a doutora PE6 de Ontopsicologia, [...] eu disse: ‘nossa, eu quero ser igual a essa mulher por causa do conhecimento dela, e pelo modo que ela provocava os alunos’. [...] E quando eu soube que existia a AMF, eu falei: ‘eu quero ir, que quero estar lá, não importa o que eu tiver que fazer’ [...] (PE2).

Eu sempre dei aula, desde menina. Eu dava aula na escola, ou seja, fazia com os meus colegas: quando tinham dúvidas, eles perguntavam para mim. Eu tinha ensino básico, quando estava com 6 ou 7 anos, e me lembro que tinha um elenco de alunos, de colegas na verdade. [...] Eu explicava de um jeito que eles entendiam. Porque eu explicava do lado do aluno. [...] E depois foi o Professor Meneghetti que me sugeriu para fazer, ele quis, na verdade, que eu começasse a dar aula. [...] Depois eu entendi durante uma consultoria que essa vocação não era devida ao fato de que a minha família era toda de professores. Porque eu não queria fazer, porque todos eram assim, eu queria me distinguir. Depois eu compreendi que era a minha vocação, minha própria, não dizia a respeito a eles. (PE3).

Quando era criança [...], quando alguém estava dando aula, eu pensava: ‘quando eu tiver meus alunos, eu vou pensar assim’. Então, isso significa que eu pensava em dar aula. [...]. Depois quando eu conheci a Ontopsicologia e comecei a aplicar na clínica, [...] os meus clientes iam crescer muito mais se eles conhecessem isso [...]. E não era sobre dar aula ou não dar aula, era sobre como eu sirvo melhor através da Ontopsicologia, [...] é parte do serviço que eu tenho que fazer para o humano. (PE4)

Primeiro eu usufruí da Ontopsicologia como cliente durante 10 anos, depois eu me dei conta: existe uma conexão disso tudo. E o Professor (Meneghetti) sempre me chamando, eu comecei a participar de Congressos, comecei a falar. O Professor dizia: ‘apresenta esse tema aqui, vai lá. Vamos conduzir um *Residence* para Jovens...’ [...], foi assim que eu comecei. (PE5).

Foram dois momentos, que para mim foram muito marcantes, nesse meu percurso como professor. O primeiro foi quando eu dei a primeira aula, que foi uma aula sobre o Campo Semântico [...], ali eu já senti o gosto do que era aquilo, me identifiquei na hora [...]. Inclusive foi em uma consultoria que veio essa passagem [...], aparecia ainda no meu sonho a professora X, que na época era uma professora da especialização em São Petersburgo, muito querida, muito reconhecida pelo próprio Professor Meneghetti [...], e eu não era professor ainda. E a consultora me disse: ‘está vendo como a tua alma está mostrando essa passagem? E utiliza como referência inclusive a professora X’ [...]. E o outro momento, que foi muito forte para mim, foi quando o Professor Meneghetti me pediu para preparar uma aula sobre a Psicologia do Líder. [...] E eu preparei aquela aula, organizei e entreguei para ele como eu tinha pensado que faria. [...]. Ele pegou, e me entregou – tenho até hoje inclusive a aula preparada –, e ele disse assim: ‘uma coisa só que é importante...’ [...] ‘*nel dubio, togliere*’. [...] E entregou para mim e disse assim: “*questa è la tua strada*” (estendeu a mão para cumprimentar), me entregou e saiu. (PE1).

Conforme relatado pelos professores entrevistados na pesquisa, pode-se visualizar que alguns deles se descobriram quando experimentaram em si, de diferentes formas, essa descoberta para a vocação docente. Seja quando criança ou na adolescência, seja na experiência, quando lecionaram pela primeira vez, ou pelo contato direto com Professor Antonio Meneghetti, ou até mesmo por passagens de sonhos e descobertas por meio de consultorias de autenticação. Disso, sugere-se uma correlação com o que Meneghetti (2008, p. 106), aborda sobre o líder, que possui dentro de si uma vocação ôntica, um chamado para ser mais. Pode-se sugerir que esse líder, exercendo o papel de professor, educador, seja um ativador de valores por meio do contato com o outro. “O líder, para ser ativador de valores, deve passar constantemente por meio do tu. Torno-me eu na medida em que sei mediar o tu. O tu é o outro [...]” (MENEGETTI, 2008, p. 106).

“*Portanto, realizo o meu egoísmo na medida em que sei ser função de valores sociais: a referência, o motivo e o escopo, sou sempre eu, a sociedade é um*

meio. *Para realizar o seu egoísmo, para gratificar a si mesmo, o líder deve passar por meio do útil dos outros.*” (MENEGETTI, 2008, p. 107).

É interessante observar que a partir da historicização dessa vocação há também a realização do próprio egoísmo. Por meio dele, é possível também mediar valor ao outro.

4.1.3. Postura do professor e relação professor-aluno

A fim de compreender a postura do docente e a sua relação com o aluno, foi realizada então a seguinte pergunta aos professores entrevistados: “como despertar no aluno a busca em conhecer a si mesmo?”. Ao fazer essa pergunta, pode-se sugerir que os professores entrevistados, além de possuírem um preparo técnico e conhecimento em Ontopsicologia, possuem uma sensibilidade e capacidade de se colocarem diante dos alunos, pois portam, de fato, em si uma visão do que é o ser humano. Segundo os relatos pode-se perceber que existe uma conexão com o que Meneghetti aborda acerca da visão que a Ontopsicologia possui de ser humano, “o homem, protagonista responsável, capaz de atuação pessoal no ser”. (MENEGETTI, 2010, p. 130). Portanto, pode-se perceber que os professores, ao utilizarem essa técnica, partem desse pressuposto, de olhar para o aluno como um potencial capaz de autorrealização responsável e autônoma. Segundo Meneghetti (2010), a Ontopsicologia possui essa visão de ser humano, como um ator principal e responsável pelo seu potencial virtual, ou seja, por essa virtualidade que tem de capacidade para se construir como *pessoa* no ser, em sentido físico e ôntico. (p. 130-131). Nos trechos das falas dos professores a seguir, podemos entender de que forma aparece esse aspecto relacionado a essa visão de ser humano, que perpassa a postura do professor e o modo de formação praticado com o aluno:

Eu trabalho a alma do aluno, aquele que se deixa. Eu posso usar qualquer conteúdo, [...] não tenho mais diferença entre ‘eu’ e o conteúdo, eu sou o conteúdo. Mas lá se vão quase 30 anos, para você ver uma pessoa, olhar e enxergar o Em Si ôntico da pessoa, enxergar a psique da pessoa, enxergar o movimento da pessoa, enxergar o limite da pessoa, e ajudar aquele ser humano em sala de aula. [...] (PE5).

A Ontopsicologia precisa ser o recurso para que você esteja a serviço do crescimento do outro. [...] Eu não estou ali para fazer o que eles querem que eu faça conscientemente, mas eu estou ali para servir ao crescimento deles. [...] Eu tenho que ser funcional ao crescimento daquele aluno. (PE4).

Ao compreender essa distinta da visão de ser humano, conforme os relatos acima, é possível propor que essa busca por fazer do melhor de si, um serviço ao crescimento do aluno, talvez possa se correlacionar com o que Meneghetti descreve sobre o significado de amor em uma relação saudável. Amor, do latim, “*a me oritur* = surge de mim. [...] Escorro de mim, derramando-me em ti, para fazer-te mais. [...] Participar do próprio íntimo em desenvolvimento do outro” (MENEGETTI, 2012, p. 22). Ou seja, essa vocação para a docência é um ato também de amor, por buscar fazer da própria realização individual, ser instrumento e estímulo também no aluno.

Percebendo que a Ontopsicologia, quando utilizada nesse processo de ensino, é também um recurso a mais para transmitir conhecimento, pode-se compreender nos relatos dos professores que existe um critério para mediar o conteúdo. Ou seja, ocorre para a maioria dos professores, de utilizar esse critério humano, o Em Si ôntico, no caso aqui o do aluno, como guia para condução do aprendizado. Naturalmente existe um zelo, um cuidado, um preparo para lecionar dessa maneira. Então, foi interessante observar que, na pergunta seguinte, o objetivo foi compreender: “qual é o maior desafio ou cuidado que se deve ter ao ensinar a Ontopsicologia para um outro?”. A partir dos relatos ilustrados a seguir, podemos compreender de que forma se manifesta esse aspecto de desafio ou cuidado no ensino da Ontopsicologia a um outro:

Não é um desafio ou dificuldade, é uma condição *sine qua non*⁴¹, ou tu vives aquilo, ou tu vais estar fazendo uma formação cultural com a turma. [...] Eu não chamo nem de desafio, nem de dificuldade, no final é um prazer quando você consegue comunicar algo que você vive, e através disso, ser passagem de crescimento para o outro. Não tem prazer maior do que esse, porque você também cresce. Isso é mais profundo do que um abraço, isso é mais profundo de qualquer tipo de contato físico. Ocorre esse “encontro de almas”. Tu destes uma passagem de crescimento para o outro, e tu cresces também, dá um prazer, uma alegria. (PE1).

Então eu vou até o limite de despertar, sim, talvez às vezes dar uma passagem existencial forte que toca o aluno, o aluno sente aquele contato – que tem que ter, obviamente, não é que somos máquinas – mas depois (o aluno) tem que ir na consultoria ou vai procurar nesse livro. Ou seja, depois que você acende o aluno tem que remete-lo imediatamente à consultoria. Nunca se substituir ao consultor [...]. Não fazer projeções, de não projetar os nossos limites. Então, não fazer um filtro, não colocar as nossas opiniões, ou seja, manter a pureza da ciência, isso é fundamental. [...]. Eu sou uma mediação, tem que ser neutra, tem que facilitar, mas tem que passar esse autor [...]. Claro, cada pessoa tem o seu estilo. Obvio, que posso trazer um exemplo da minha vida, mas se

⁴¹ “*Sine qua non*” é uma expressão que se originou do termo latino que pode ser traduzido como “sem a/o qual não pode ser [...] Indispensável, essencial” (PRIBERAM, 2020).

funciona, senão não posso fazer [...]. E também não distorcer [...]. Tentar ser o quanto mais possível ligados aos livros. [...] Então, ser fieis ao que o Professor Antonio Meneghetti nos deixou, e um imenso respeito pelo autor [...]. (PE3).

Claro, sempre tem que ouvir o aluno, sempre tem que ouvir os professores e sempre tem que estar cuidando de tudo, sempre tem que estar olhando o resultado. Tem que ter humildade sempre, tem que mudar onde tem que mudar, tem que inovar onde tem que inovar, mas a vida daquela pessoa (daquele aluno), a vida dela, é ela que vai fazer, é ela que vai escolher [...]. (PE2).

Eu posso enxergar tudo, eu vou usar tudo de mim [...], mas eu não posso entregar para o Eu consciente de um aluno, que é imaturo para ver aquilo [...]. Eu não posso ter pressa para que o aluno aprenda [...]. Eu estou ali para instigar perguntas que sejam suficientemente válidas para aquele Eu consciente possa se conduzir ao crescimento [...]. Eu sou instrumento da consciência daquele aluno para que ele cresça, para que ele se veja na sua medida, e conduza escolhas em busca ou em direção ao seu crescimento, ou a sua realização, ou o seu desenvolvimento profissional e pessoal. (PE4).

Tem momentos em que você toca, fala, emociona, vive, mas o outro não enxerga. O tempo do outro para abrir sua consciência demora. Parece-me que é o ponto, o ponto é o contato, o ponto é de que alguma forma você ser um pouco gente na frente deles, um pouco humano e humano simples. Sem ter que fazer o teatro de que vocês (alunos) têm que me escutar. Não é a mim que eu tenho que fazer o protagonismo, é a teoria que temos que fazer o protagonismo. É o que está por trás da teoria para o aluno entrar ali. (PE6).

Com base nos relatos acima, pode-se inferir que existe um preparo técnico, maturidade e sobretudo, humildade no papel de educador. Os alunos se sentem tocados pela presença desses docentes e também pelo contato com a Ontopsicologia. Na maioria dos relatos pode-se perceber que o professor de Ontopsicologia acaba exercendo um papel inicial de estímulo de contato, fazendo por vezes, intervenções terapêuticas, sem a pretensão principal de fazê-la, mas entrando na medida em que vai tendo a abertura e disponibilidade do aluno. Os professores demonstram respeito e cuidado ao mediar a Ontopsicologia para os alunos, além de ser possível visualizar, por parte deles, uma constante busca em tocar o melhor do aluno, para que ele autonomamente possa se sentir estimulado a buscar estudar e se autoconhecer. Após essas respostas, foi realizada na entrevista a seguinte pergunta: “qual é a medida para tocar ou estimular a inteligência do aluno?”. Saber sobre essa medida é importante porque, uma vez que a Ontopsicologia fala da vida, e que os alunos, ao serem tocados, se percebem também motivados a buscar compreendê-la. E por vezes acabam naturalmente trazendo aspectos existenciais para dentro da sala de aula, então o professor precisa ter a proporção para lidar com a

disponibilidade do aluno. Com isso, os relatos a seguir ilustram esse aspecto relacionado à medida na relação do professor com o aluno:

A medida é o livre-arbítrio. [...]. Então, tem um modo de conduzir que é acretivo, as pessoas querem, querem fazer parte [...]. Então, eu acho que o papel do professor FOIL, do professor de Ontopsicologia, sempre respeitando o livre-arbítrio da pessoa, é de prestar o serviço. E prestar o serviço significa: lapidar, refinar a capacidade do aluno. Sempre, em tudo. (PE5).

Claro que tem que ter o compromisso, tem que ter o profissionalismo, [...] tudo que faz parte da formação do profissional na área de Ontopsicologia, mas não é nós que vamos garantir o que o outro vai fazer. Porque nós podemos querer até o final, até o último momento, desistir jamais daquela pessoa, mas se ela não quer, ela não faz, por mais excelentes professores que a instituição possa ter [...]. Porque tem o livre arbítrio, tem uma escolha, [...] se ele (o aluno) quer, ele vai fazer aquilo acontecer [...]. Somos responsáveis por provocar cada vez mais esses potenciais. Se quer? Provocamos mais [...]. E esse é o bonito da vida, [...] nós damos as ferramentas, mas a decisão é sempre do outro. Que no fundo é um sim à própria Ontopsicologia, mas é um sim à própria vida. (PE2).

Tem também um aval do aluno, que ele tem que me dar, semanticamente, verbalmente [...]. Eu tenho que construir isso com o aluno, tem uma relação que eu construo com o aluno para que eu possa dizer alguma coisa. Então, tem uma disponibilidade dele aberta também. É um time [...], você não faz trabalho sozinho, não existe professor sem aluno. (PE4).

Tem e não é tão fácil de achar [...]. A medida talvez seja: tu não podes aviltar a liberdade do aluno. No sentido de que se ele se fechar, tu não podes forçar [...]. Mas quando eles estão abertos eu vou longe... Sou prudente. Prudente em que sentido? Depois eu repenso. Como é que eu sinto que eu errei a medida? Quando eu chego em casa e a coisa não está redonda [...]. O que eu faço? Eu guardo aquela informação, e quando eu volto na próxima aula, se eu errei com aquele tema, ou com uma pessoa especificamente, eu corrijo. E você fica com o dever de arredondar, de fechar aquele ponto. É quase como se fosse assim: a “turma” – entre aspas – aguarda, respeita, não reclama depois, mantém o vínculo de confiança, não perde o vínculo de confiança, esse é o ponto. Porque se tu erras feio, tu perdes o vínculo [...]. Eu sou assim, se eu faço isso, eu não perco. Depois que eu volto e conserto, ajusto, ou dou a medida, na sequência a turma ou aquela pessoa, já está inteira comigo. (PE1).

Na relação professor-aluno, sobretudo na formação em Ontopsicologia, podemos inferir que existe uma exigência, uma responsabilidade do educador, uma nova postura para encontrar e servir o Em Si ôntico do aluno. A educação acontece na relação, e o ponto central é o contato com o aluno, servindo de estímulo para extrair o seu potencial natural. “O comportamento do docente ou do formador nos confrontos com o aluno, se não é autoritário, mas centrado no aluno, tem condições de reforçar o seu natural impulso

à autorrealização [...]” (CAROTENUTO, 2013, p. 270). Assim como podemos compreender, se o professor souber encontrar o ponto e dar a medida ótima daquele momento, pode-se deduzir que poderá conduzir o aluno a se construir e se realizar.

O conhecimento ontopsicológico dá uma outra condição, uma nova chave de leitura. Visto que esse método consente tocar o potencial humano, a Ontopsicologia é também terapêutica, pois trabalha no âmbito dinâmico da atividade psíquica, inconsciente, no qual, para além das estruturas de complexos, há a dimensão ôntica da pessoa. Portanto, é interessante observar nos relatos dos professores entrevistados sobre esse aspecto da medida da relação: o professor pode provocar o aluno, mas que seja de modo inteligente, sem julgá-lo, fornecendo passagens necessárias à medida, para que ele mesmo possa diante das dificuldades resolvê-las (seja de dificuldade de aprendizado ou problema profissional e pessoal).

O Professor, como o terapeuta, deve ser capaz de um comportamento empático, de aceitação incondicional e de uma personalidade congruente, de forma a deixar o outro defronte ao problema sentindo-se não julgado pelo limite, a fim de que consiga afrontá-lo sem se desviar com mecanismos defensivos substitutivos e compensativos da ação exata, necessária à superação da dificuldade de crescimento ou do problema”. (CAROTENUTO, 2013, p. 270).

Essa empatia exercida abre a possibilidade do outro, curiosa e genuinamente, também encontrar o ponto que o motiva a se repensar e se rever, enquanto atitude, enquanto vontade, enquanto liberdade para ser. Mesmo que inicialmente o aluno possa não compreender tudo, mas o professor deve ter essa atitude de ser um facilitador do aluno aprendiz, pois quando o aluno se sente valorizado, ele também se sente mais capaz de se realizar.

4.1.4. Recursos e práticas didáticas

A novidade da Ontopsicologia é a compreensão do que há no fundamento do inconsciente, isto é, descobre-se o núcleo, o projeto vital, positivo, criativo, que Meneghetti define como Em Si ôntico. E para ler esse critério, existe o método da Ontopsicologia, que pode ser utilizado em qualquer contexto da atuação humana. A novidade é que esse conhecimento, quando aplicado em sala de aula pelo professor, traz um recurso a mais para conduzir o aluno à aprendizagem, possibilitando ser utilizado

também como recurso e prática didática. Não se trata de utilizar uma lousa, quadro, *powerpoint*, dinâmicas em grupo – ainda que sejam recursos válidos –, mas de utilizar o recurso mais importante de qualquer ser humano: a própria capacidade de inteligência e de sensibilidade de ler o outro. Ou seja, o instrumento didático é um instrumento invisível, que é a subjetividade.

Muitos professores vocacionados possuem naturalmente aguçada essa sensibilidade de perceber e ser função para o educando. E essa sensibilidade pode ser ampliada, desenvolvida e refinada com o método ontopsicológico. É uma técnica que se aprende e, com ela, se consegue chegar com mais profundidade na condução da formação de pessoas. Essa metodologia requer três preparações por parte do professor:

a) bagagem de conhecimentos sobre a teoria ontopsicológica; b) autenticidade da pessoa (o operador deve ser exato, portanto, deve fazer metanoia, e isso significa distanciar-se da fixidez dos estereótipos sociais, não ser mais ator do sistema e ter uma lógica exata); c) conhecimento do campo semântico. O campo semântico é válido somente na pessoa que tem a bagagem cognoscitiva da Ontopsicologia e fez metanoia. Esses três aspectos devem estar presentes sempre conjuntamente (MENEGHETTI, 2010, p. 134).

A primeira manifestação do conhecimento se dá por um processo perceptivo, pelo todo do corpo. O aluno ouve e permanece atento quando sente dentro de si a verdade, portanto ele, no fundo, sabe reconhecer o real do quanto é dito e comunicado, e o corpo assinala essa percepção de modo preciso. O professor é dotado também dessa capacidade de percepção, e pode utilizar o *critério* – seu Em Si ôntico –, a partir do próprio corpo, que funciona como radar, como meio de leitura. O guia de leitura é o seu corpo, mas o foco é sempre o Em Si ôntico do aluno. No corpo se percebe as variações do impacto desse contato na zona visceral. Essa realidade de impacto não acontece no cérebro craniano racional, mas se manifesta o primeiro impacto nas variações organísmicas da zona visceral, do cérebro viscerotônico, no estômago.

O estômago age com autonomia do cérebro e da medula espinhal; isso quer dizer que possui algo próprio, não é segundo. Ao contrário do que se pensa, o cérebro craniano não é capaz de funcionar de modo autônomo daquele visceral. Enquanto o cérebro craniano é demasiadamente contaminado pelos memes e pelo monitor de deflexão, aquele visceral, até que for sadio, é autêntico e íntegro: reage por realidade, por como as coisas são e não por como as coisas parecem ser, ou por como ensinam. O cérebro visceral age por reação de contato realístico. [...] O campo semântico é a indução que formaliza o Em Si ôntico e dá a ressonância deste nas vísceras. Não são as vísceras que pensam: elas são o órgão prioritário no qual fenomeniza-se a identificação do Em Si

ôntico; o refletimos no estômago porque é o único órgão que permaneceu ileso (MENEGHETTI, 2016a, p. 383-384).

O corpo é o primeiro sensor de realidade: por meio dele, se for saudável, é possível a leitura do campo semântico. E como *fim*, como finalidade, existe a autenticação, reintegração ou conscientização do original do aluno. Pois as aulas, seja com o contato dos livros de Ontopsicologia e os estímulos dos professores, ajudam o aluno a se centrar sobre o ponto original da sua própria e individual inteligência. Ou seja, esse é o fim da Ontopsicologia: “reportar a lógica do Eu à lógica do Em Si ôntico para consentir a realização”. (MENEGHETTI, 2010, p. 134). O percurso e objetivo na formação dos alunos é como o mesmo percurso do processo ontoterapêutico, a diferença é que não é o propósito autenticar o aluno, mas ser meio inteligente de contato com a inteligência desse jovem, para que ele por si próprio perceba, decida e atue. Segundo Meneghetti (2010, p. 311), esse processo acontece em 3 momentos: 1) Identificar o Em Si: o projeto base, de vida da pessoa; 2) Autenticar: tornar igual a como se é; e 3) Evoluir: “exercitar a própria autenticidade em crescimento contínuo, para construir horizontes sempre novos e mais amplos”. (MENEGHETTI, 2010, p. 311). É um processo, que o professor inicialmente pode contatar, estimular a inteligência do aluno, e prepará-lo para se desenvolver autonomamente, podendo até orientá-lo, sempre que possível, a um percurso individual, paralelo ao processo de aprendizagem da ciência Ontopsicológica: o imprescindível *training* de autenticação com um técnico psicoterapeuta Ontopsicológico.

O recurso didático de educação é a própria Ontopsicologia por meio das bases fundamentais da Pedagogia Ontopsicológica. É importante distinguir e destacar o significado dos conceitos de base dessa nova proposta pedagógica.

“Educação”, Educar, do latim “*educare, ex ducere*”. Tirar fora, conduzir. Ajudar com oportuna disciplina a colocar em ato, a desenvolver as boas inclinações da alma e da potência da mente”. (ETIMO, 2008, *tradução nossa*).

“Didática”, do francês, *didactique*. “Arte de ensinar com método os princípios de uma ciência ou as regras e preceitos de uma arte. Ciência que estuda os métodos e técnicas para ensinar”. (PRIBERAM, 2021).

“Pedagogia”, do grego, “*παῖς* = criança; grego *ἄγω* e latim *ago* = fazer, acompanhar. Arte de como coadjuvar ou desenvolver uma criança à realização.” (MENEGHETTI, 2012, p. 205).

O objetivo da Pedagogia Ontopsicológica, de modo concreto, é:

É educar o sujeito a fazer e saber a si mesmo: fazer uma pedagogia de si mesmos como pessoas líderes no mundo, educar um Eu lógico-histórico com capacidade e condutas vencedoras. (MENEGETTI, 2012, p. 205).

Ou seja, é uma “didática ontopsicológica”, não é um instrumento concreto-material externo, mas é uma prática para ensinar, eduzir, extrair de dentro do aluno, que é a Pedagogia Ontopsicológica. O instrumento do professor é a própria inteligência, a própria personalidade, manifestada na relação e pelo diálogo. A utilização do todo de si mesmo é um instrumento didático, e se pode então compreender que a garantia do resultado positivo no aluno é a exatidão do professor. Com isso, talvez seja possível correlacionar com o que Buonanno (2006) quis dizer com o verdadeiro e autêntico professor de Ontopsicologia, que ao descobrir a validade da Ontopsicologia por evidência em si mesmo, pode tocar e despertar no outro o escorrer o modo de como a vida funciona. Se a Ontopsicologia é a lógica da vida, então o professor que sabe e vive essa lógica em si mesmo pode auxiliar o jovem aprendiz a também ele viver segundo essa lógica em si mesmo.

Portanto, ao compreender essa passagem da autenticidade docente e a vivência da Ontopsicologia na própria vida, foi realizada a seguinte pergunta: “como você dá aula? Quais são os recursos ou práticas que você utiliza para ensinar?”. A partir dessa pergunta e durante as respostas dadas pelos professores entrevistados, surgiu a curiosidade de também saber: “como utilizar a própria Ontopsicologia para ensinar a Ontopsicologia? Como utilizá-la também como recurso didático para ensinar?”. Buscou-se então compreender como os professores preparam a aula, de que modo utilizam a Ontopsicologia como recurso didático, e como a utilizam na sua aplicação no desenvolvimento criativo do aluno.

A seguir, os professores relatam como eles se preparam a aula antes de realizar o encontro com os alunos:

Eu, particularmente, sempre tento ler tudo o que o Professor (Meneghetti) disse a respeito daquele conteúdo, [...] vou pegando tudo que diz respeito àquela aula, àquele tema que eu tenho que dar. Depois que eu reuni todo esse conteúdo, eu começo a pensar na turma: que tipo de interesses que eles têm naquele conteúdo? Eu começo a selecionar aqueles conteúdos que eu vou estar levando para eles. A partir disso, eu vou vendo: que atividade eu vou utilizar? Que recurso didático eu vou utilizar? Vou utilizar um trecho de um filme? Vou utilizar uma vivência minha? Enfim, eu monto o plano de aula

especificamente. Isso como preparação. Mas depois o como, é só na interação com os alunos. E quanto menos eu engesso a preparação, mais visualizo exemplos vivos em relação àquele conteúdo. (PE1).

Trabalho nas turmas com os livros de Ontopsicologia, costumo conduzir os alunos na leitura e análise dos vários textos, tentando "entrar" nas palavras e dialogando em conjunto sobre como tudo isso faz sentido e possui uma aplicação prática na nossa vida. A maioria dos alunos ficam surpreendidos ao ler em um livro aquilo que vivem dentro de si. Gosto de "extrair" do aluno o conhecimento que guarda dentro, no sentido de ex ducere, conduzir fora (do qual nasce a palavra "educação"), para que o possa conscientizar e, em seguida, aplicar. Também para mim é um aprendizado constante, por meio da troca com as Turmas. É lindo de ver a personalidade dos alunos revelar-se ao longo das aulas, graças ao estudo profundo da Ontopsicologia. Com os livros, só os livros. [...]. Ou seja, eu faço uma mediação entre o livro e os alunos, porque eu quero que eles se tornem autônomos. Eu não quero mostrar que eu sei, não preciso [...]. Para mim é uma mediação ser professora, pelo menos eu vejo assim [...]. (PE3).

Primeiro, dentro de mim eu sei aonde eu preciso chegar, o que eu preciso fazer. E eu vou definindo os infinitos modos de chegar aonde eu preciso chegar próximo do tema [...]. Um ou dois dias antes eu paro, recupero onde eu estava, o que eu passei, o que eu montei, o que o aluno falou [...]. Tu usas todo o conhecimento da Ontopsicologia, tu usas a tua capacidade organísmica, tu usas a tua capacidade intuitiva para ver: e daqui como é que a gente vai? Eu vou fazer isso! 'Junto aqui, uso esse filme, levo esse exemplo, esse texto etc.' e vou para aula. (PE5).

Compreendo alguns dos trechos relatados acima, pode-se perceber que a preparação da aula é ancorada pelo meio fundamental de aprendizado da Ciência Ontopsicológica: os livros de Ontopsicologia. A partir da preparação dos conteúdos para a aula, infere-se que, no decorrer das entrevistas, a Ontopsicologia é utilizada também como recurso didático, e é possível visualizar nos discursos como os professores utilizam a própria capacidade intuitiva para contatar o Em Si ôntico do aluno, conforme os trechos a seguir:

Tu usas a Ontopsicologia para calibrar: tem uma linha que eu preciso ir, tem um lugar que eu preciso chegar, eu já sei e isso é prévio. [...]. Tu usas a tua capacidade organísmica, tu usas a tua capacidade intuitiva [...]. Eu utilizo aquilo que é da vida real próxima para mostrar. (PE5).

Na sala de aula [...] tu sentes a turma inteira contigo, mas é um critério que eu utilizo também, organísmico [...]. Uma parte da minha inteligência para poder ajudar um outro ser humano. Isso como percepção organísmica. [...] Outro aspecto, que é muito forte, é quando acontece que a turma entra dentro do conhecimento, tu estabelececes aquela conexão com eles, além de tu sentir organicamente, tu vês a turma inteira contigo, [...] e são nesses momentos que

“você sente uma baita responsabilidade de ser professor, porque qualquer coisa que você fala ali, entra [...]”. (PE1).

“Encontrar o momento no qual eu faça unidade de ação com o aluno. Não é com todos, é com um, dois ou três. A partir desses é que começa a criar um pouco a dinâmica. Obviamente que, o aluno, depende do momento para criar essa unidade de ação. Quando eu saio da aula, a minha tranquilidade é: dei algo de valor. Se nada dei, eu saio frustrada. Então, eu tento sempre, mas não é algo que eu forço, é algo natural em minha vida. Eu tento sempre, de algum jeito, fazer aquele encontro ter um sentido, [...] de acordar a consciência humana ou provocar que tenha o perfume do Em Si ôntico naqueles humanos. [...] É um contato de íntimo com íntimo. De alguma forma tem que ter o contato, não é verbalizado e não é para fazer nada com aquele íntimo, mas acordar ele a entrar em uma disponibilidade de entender uma lógica, porque eu vou falar da lógica do ser. Seja qual for a teoria que eu estiver falando, isso é importante que aconteça. Obviamente é mais prazeroso quando a maioria dos alunos estão com essa disponibilidade. (PE6).

É interessante observar nos relatos dos professores acima que, tanto na preparação da aula, quanto na predisposição de contato com a turma, ocorreu para alguns professores a possibilidade de encontrar o ponto de novidade e de unidade de ação na interação com a turma. Ou seja, parece possível correlacionar que no impacto com os alunos pode surgir uma novidade, algo não previsto, e manifestar as características do Em Si ôntico. Por exemplo, uma das quinze características do Em Si ôntico é *alegre*, “age por exercício de inteligência e se move se garantido por uma novidade agradável de erotismo e contemplação.” (MENEGHETTI, 2012, p. 90), e esse princípio é também *criativo*, “é um projeto aberto no fazer a si mesmo infinitamente e, cumprida uma *gestalt*, é sempre motivado a uma sucessiva, de todo o modo proporcionada, mas superior à precedente”. (MENEGHETTI, 2012, p. 90).

O professor de Ontopsicologia preparado utiliza a técnica ontopsicológica e o critério organísmico para ler a dinâmica em sala de aula e, portanto, sabe conduzir com responsabilidade a construção do aprendizado junto com os alunos, conforme ilustrado nos relatos a seguir:

“O que se faz? Se levam os vários tijolos, mas você faz a construção junto com a turma. Então você tem que ver primeiro quais tijolos a turma tem, e quais tijolos levar para construir junto com eles a casa. Quanto mais você vai conduzindo a aula, a partir daquilo que os alunos já sabem, coligado com o interesse deles – sempre tem que ter o interesse deles –, e com a cultura que eles já têm, com o vocabulário que eles já têm, com as experiências que eles já têm, e você traz aquilo que precisa complementar. Junto com a turma você vai construindo aquele conhecimento. E as aulas são muito mais tranquilas, muito mais prazerosas, porque não é só você “remando”. É bacana quando você deixa

de remar e a turma inteira vai remando, e você só vai direcionando para onde aquele barco tem que ir. E isso eu fui aprendendo ao longo do tempo. (PE1).

Chegar na aula é uma outra realidade ainda: porque tu chegas na aula, as pessoas estão diferentes, e acontecem as situações da aula, e tu (como professor) trazes para dentro daquilo tudo que tu já tinhas em mente [...]. Então todo o meu trabalho hoje é para gerar autonomia. Impactar o texto e saber recuperar a informação, impactar o texto e saber o que o autor quis dizer. [...]. (PE5).

A cada turma muda, cada turma um pouco muda [...] a cada aula é diferente, então, também podem acontecer coisas que nunca são previstas. Essa invariabilidade eu gosto, que se cria no momento, uma coisa que nasce naquele dia, naquele momento, só. Mas tem que ter um super conhecimento, e não só do que você vai explicar, mas de tudo, para mim, tudo. Eu gosto de fazer as ligações, por exemplo, entre um livro e outro. Gosto de mostrar que é uma ciência circular que se encontra em várias coisas. Eu gosto de despertar nos alunos a curiosidade de estudar, isso eu gosto. Porque eu quero que eles depois vão sozinhos, eu faço só a abertura, depois é com eles. (PE3).

Conforme os relatos dos professores entrevistados acima, é interessante observar essa premissa de preparação sendo posteriormente adaptada, flexibilizada na medida em que acontece a novidade do encontro com os alunos em sala de aula. Existe uma construção do processo de ensino-aprendizagem que se dá com conjunto com os alunos como menciona PE1, sempre partindo do pressuposto de gerar a autonomia do aluno, despertando a curiosidade por estudar assim como aborda PE5 e PE3.

4.2. Análise dos Alunos

4.2.1. Características de um verdadeiro professor

A fim de verificar as características de um verdadeiro professor, em sentido mais amplo, não necessariamente correlacionando ao docente com formação em Ontopsicologia, foi realizada a seguinte pergunta aos alunos entrevistados: “ao longo de toda a sua vida, passou por diversos professores que contribuíram verdadeiramente com a sua formação (ensino básico, fundamental, médio, acadêmico etc). Quais são as características em comum desses professores?”, pode-se perceber esse aspecto conforme os relatos a seguir:

Para ser professor não é uma coisa que você tem que fazer porque é a única opção. Para você ser professor você tem que ser aquilo, você tem que gostar de ensinar, você tem que gostar de passar o que você sabe para as outras pessoas. (AE3).

Os professores que têm um dom, um talento, uma característica muito específica de quem é professor [...]. Eu tenho para mim de que não existe professores, só existem alunos. Pois se tu tiveres um ótimo, um grande professor, e um péssimo aluno, não adianta nada [...]. O que faz o grande resultado, o grande produto no ensino, por meio da pessoa preparada não é o professor, é o aluno. Então o verdadeiro professor é aquele que te provoca e responsabiliza a ser um bom aluno. (AE5).

Não foram muito os professores que marcaram além da sala de aula, durante todo o percurso [...]. Eu tenho a marca de uma professora [...], ela era um tipo diferente de professor, no sentido que ela não fazia questão de ser amada pelos alunos, ela fazia questão de que a gente amasse o que ela tinha para nos passar. [...] Tive outros professores que fizeram isso, mas todos eles tinham essa mesma característica [...], que mais faziam a gente parar para refletir o que que a gente queria com o que a gente estávamos fazendo [...], acabava criando um vínculo, mas não chegava ser um vínculo afetivo, era um vínculo quase que de orgulho [...]. Então era uma coisa muito bonita [...]. Para mim os melhores professores, um professor de verdade, ele dá uma passagem além do conteúdo de sala de aula, ele dá uma passagem de vida. (AE6).

Um professor de verdade precisa em primeiro lugar, na minha opinião, amar aquilo que ele ensina e amar o ato de ensinar [...]. Como aluno, sempre me cativaram aqueles professores que amaram aquilo que estavam fazendo, porque esse amor ao que está fazendo permite a ele enxergar o potencial daquele que está na frente dele. E quando se enxerga, e você (aluno) é enxergado, é visto por um professor que aceita e deseja desenvolver o teu potencial, e de certa forma, passar o legado da humanidade adiante através do ensino, enquanto aluno você se sente viabilizado e se sente mais humano. (AE7).

4.2.2. A diferença entre professores de Ontopsicologia/FOIL em relação a um professor que não possui essa formação

Para compreender a diferença dos professores com formação em Ontopsicologia, seja os que atuam no ensino da Ontopsicologia ou na Formação FOIL, foi realizada a seguinte pergunta aos alunos entrevistados: “no seu ponto de vista, qual é a diferença da aula de um professor de Ontopsicologia, ou professor FOIL, em relação a um outro professor que não possui essa formação?”. É possível visualizar esses aspectos de distinção conforme os relatos a seguir:

Eu vejo que em uma determinada medida os professores de Ontopsicologia são muito responsáveis pelo o que eles estão falando [...] E uma das características dos professores da Ontopsicologia é a sensibilidade, uma percepção aguçada. (AE1).

A diferença substancial é que o professor de Ontopsicologia tende muito mais a olhar para o aluno, para quem está na frente dele [...] do que um professor que tem uma formação comum. [...] A tendência natural do professor de Ontopsicologia é essa, de olhar para esse aluno naquele impacto. De olhar para ele além daquilo que se apresenta [...], que vai além dos outros professores, é esse de olhar para aquilo que tu és, naquele momento. (AE2).

Eu percebi que ser professor não é só estar ali na frente passando teoria para as pessoas, mas viver tudo aquilo que você explica para as pessoas, senão não vai fazer realidade para quem você fala. Para ser professor de Ontopsicologia, para você impactar cada aluno, e para você falar de verdade para cada aluno, você tem que viver aquilo [...]. A Ontopsicologia em específico precisa ser vivida para que possa impactar uma outra pessoa, porque senão você só vai estar falando teoria e ninguém vai impactar com aquilo (AE3).

Então, eu vejo que a diferença é essa: o professor com a formação em Ontopsicologia, ele colhe o melhor do aluno, ele colhe o melhor do valor humano daquele aluno. E o professor que não tem formação em Ontopsicologia, não sabe fazer essa passagem, muitas vezes. Claro, existem os casos específicos, bem isolados, mas a maioria dos professores que não têm uma formação humanista, por exemplo [...], eles não sabem tocar o aluno, eles veem o aluno como número e não como uma pessoa. (AE6).

A diferença é que quem conhece a Ontopsicologia e trabalha profissionalmente [...] tem uma visão do que é um ser humano, do que é, do que ele precisa, de como se forma, de como se eduza daquele ser humano o potencial que ele tem, é colaborar (com o aluno) para que se realize, se atualize. (AE7).

4.2.3. Exemplos e tipos de aulas que mais tocam verdadeiramente os alunos

É possível notar que, a partir desta distinção dos professores, se manifesta uma nova perspectiva e postura do docente no ato de ensinar, construindo assim um estilo próprio. Esse estilo pautado no conhecimento ontopsicológico, possibilita os professores realizarem aulas que consentem tocar verdadeiramente seus alunos. Para compreender esse aspecto, foi realizada a seguinte pergunta aos alunos: “Quais são os tipos de aulas que mais fazem você aprender e se desenvolver? Se recordas de algum exemplo de aulas que mais te marcou/tocou, que fez como que você buscasse compreender com maior profundidade algum aspecto da sua vida?”, conforme os relatos a seguir:

As aulas que não eram só conteúdo por conteúdo. As aulas que diziam respeito a aspectos muito pessoais, essas são as aulas que mais me motivavam a aprender, pois fazem conexão comigo [...]. Embora tenha momentos que tu não queiras falar, ou momentos que tu estejas mais disponível, a aula é mais forte que a tua contraposição. É uma faca de dois gumes: porque a mesma aula que te faz querer nunca mais ver o professor na tua frente, é a mesma que depois te faz entender aquilo. Às vezes é fazer uma passagem, virar, se aprofundar, dar consistência interna para depois conseguir fazer as coisas e dar outros passos. Então são sempre as aulas que dizem respeito aos aspectos existenciais, a Ontopsicologia exige essa via, só existe essa. Tu não consegues fazer isso, prescindindo dessa via, tu não consegues fazer, estudar, prescindindo dessa via existencial. (AE2).

Eu aprendi a transformar a teoria, que é uma coisa que eu sempre gostei, e fazer na prática. Eu aprendi a fazer isso aqui. Porque eu não aplicava nada, eu tinha medo de fazer tudo. Então é aula existencial mesmo, é filosofia, e eu gosto disso [...]. Eu estou fazendo Ontopsicologia desde 2018 e foi na metade desse ano (2020) que eu comecei a enfrentar as coisas de verdade. (AE3).

Eu acho que uma característica dos professores que conhecem a Ontopsicologia é a de querer sempre trazer uma forma diferente de mostrar aquele conteúdo, que também faz o aluno se cativar e se motivar [...], mas é como se ativasse dentro de ti. [...] Nós, que estamos estudando Ontopsicologia, praticamente toda aula toca lá no fundo, e movimentam algumas coisas que estão adormecidas. (AE4).

Eu aprendo com qualquer formato, o que precisa ter é o entusiasmo, a verdade e o amor que o professor está tendo para passar aquilo para a gente [...]. (AE6).

Eu acho que só existem dois tipos de aulas: a que toca o aluno e a que não toca. Os meios de comunicação são os mais diversos, as dinâmicas são as mais diversas, e cada professor possui um meio de comunicação, ou uma dinâmica completamente distinta, mas todos fazem contato de íntimo para íntimo quando lecionam [...], me sinto estimulado, pois percebo uma necessidade de conhecer algo sobre mim que eu ainda não conheço [...]. (AE7).

4.2.4. Como o aluno vê ou percebe se o professor vive aquilo que ensina

No decorrer das entrevistas, um outro aspecto que é interessante a se observar, foi entender em suas falas, como os alunos reconheciam esse diferencial dos professores, pois percebiam que ao contatá-los eram estimulados a querer ouvir, aprender e estudar. Afim de abrir essa compreensão de como os alunos percebiam esse impacto, uma das perguntas realizadas foi: “como você vê se aquele professor aplica ou vive aquilo que ensina?”.

É no mínimo detalhe que dá para perceber. É no jeito que a pessoa chega na aula, no jeito que ela fala sobre as coisas, até de como está vestida, do jeito que ela comunica e na forma como ela fala que vive o dia a dia. [...] É nas coisas mais sutis que ela faz, que dá para perceber que ela aplica a Ontopsicologia, [...] que parece que sai de dentro a pessoa espontânea. (AE3).

Para mim me parece muito concreto quando eles falam, não fica um ponto solto, uma corda solta. Eu me sinto completo quando eles falam. Ou quando passam algum conhecimento – que no caso eles têm dentro de si –, eu me sinto completo [...], é uma completude de aluno, eu me sinto desse modo. (AE4).

Um dos critérios que uso para saber, para ver se ele (o professor) aplica aquilo que ensina, é o quanto ele já marcou a história [...], o resultado das formações, resultado do trabalho e o quanto essa pessoa fez por ela mesmo [...], mas é sempre atual, tu estás sempre vendo: é como se eles estivessem brilhando, porque tem sempre novidade no que eles falam. (AE6).

Quando se escuta uma pessoa falar, não é difícil de ver se a pessoa vive ou não vive o que ela fala, conhece ou não conhece intimamente. Se ela tem um tipo de emoção quando ela expõe, você identifica se aquilo é uma experiência vivida ou se é uma experiência inventada. É uma evidência. (AE7).

4.3. Análise cruzada: professores e alunos

4.3.1. Análise dos Professores por parte dos Alunos: Características dos Professores com Formação em Ontopsicologia

Para entender qual é o diferencial dos professores com formação em Ontopsicologia, conforme a primeira etapa da pesquisa, no questionário online, foi realizado a seguinte pergunta: “se fosse indicar alguns dos professores(as) FOIL e/ou de Ontopsicologia que você teve, que mais se destacam no ensino e formação de alunos da AMF, quais professores(as) você indicaria? (Observação: que se destacam em estimular o aluno a estudar e compreender mais a si mesmo)”. Conforme o resultado do questionário, os alunos citaram os professores que naquele momento mais se destacavam nesse sentido. Posteriormente, ao encontrar com os alunos para a realização das entrevistas, uma das perguntas realizadas foi semelhante a essa anterior, com objetivo de identificar tais características desses docentes: “com base nos professores que você indicou, quais são as características em comum entre eles? Como são as aulas? Qual é o diferencial desses professores?”.

Ainda que, com base na pergunta acima, a maioria dos alunos descreveram as características dos professores nominalmente, foi realizada uma unificação das análises dos alunos sobre os professores, a fim de pontuar esses aspectos gerais que os diferenciam enquanto docentes. Para ilustrar esses atributos, foi criada uma nuvem de palavras-chave a partir das respostas mais frequentes, com maior tamanho para aquelas mais citadas.

A partir dos relatos dos alunos acima, é possível propor que exista uma intenção consciente por parte do professor em preparar e conduzir as aulas com base nessas características, conforme podemos verificar em alguns relatos dos professores a seguir, grifando em negrito palavras que possam ter essa relação com os discursos dos alunos:

Costumo conduzir os alunos na leitura e análise dos vários textos, tentando "**entrar**" nas palavras e dialogando em conjunto sobre como tudo isso faz sentido e possui uma **aplicação prática na nossa vida**. A maioria dos alunos ficam surpreendidos ao ler em um livro aquilo que vivem dentro de si. Gosto de "**extrair**" do aluno o **conhecimento** que guarda **dentro**, no sentido de **ex ducere**, conduzir fora (do qual nasce a palavra "educação"), para que o possa **conscientizar** e, em seguida, **aplicar**. (PE3).

Eu particularmente, sempre tento **ler tudo** o que o Professor (Meneghetti) disse a respeito daquele **conteúdo** [...]. A partir disso, eu vou vendo: que **atividade** eu vou utilizar? Que recurso **didático** eu vou utilizar? [...]. Isso como **preparação**. Mas depois o como, é só na **interação** com os alunos. E quanto menos eu engesso a preparação, mais **visualizo exemplos vivos** em relação aquele conteúdo. (PE1).

A **teoria** tem que estar **dentro** de mim [...], quando se está em grupo, o professor deve sentir na tangente, **sentir dentro**, e **vai se abrindo**. O escopo não é fazer introspecção profunda, o escopo é fazer o aluno **entrar** em uma **simpatia**, em uma **curiosidade** com o estudo que tu estás **propondo** e dizer: "olha as lógicas, como é lindo enxergar aqui, olha, veja aqui...". Essas que são as aulas mais vivas. (PE6).

4.3.2. A “Fabricação” e a “parte” da Ontopsicologia

No fechamento da pesquisa, buscou-se compreender e aprofundar qual é “a parte” da Ontopsicologia que os professores “fabricaram”, que ao ensinar verdadeiramente “essa parte”, demonstram estarem falando do melhor de si, de seu projeto de vida. Nessa etapa final, foi entregue ao entrevistado(a), em um papel impresso, a seguinte mensagem para ele(a) ler em voz alta ou em silêncio: “o Professor Antonio Meneghetti, antes de partir, nos deixou a seguinte mensagem...”:

Muitos me amaram. Outros me odiaram. Mas o meu último pensamento vai àqueles que me estudaram. É uma ciência muito grande para uma só mente. Mas certamente, para cada um, existe uma parte compreendida mais, uma parte que gerou maior paixão, que suscitou mais prazer. Desejo que cada um leve adiante justamente aquela parte. (MENEGETTI, 2013, s/p).

Após a leitura, o entrevistador realizou a seguinte pergunta aos professores: “qual é aquela ‘parte’ da Ontopsicologia que você compreendeu mais e, portanto, ensina essa ‘parte’ com maior facilidade, profundidade e paixão?”, conforme podemos conferir nos relatos a seguir, destacando-se em negrito os termos principais de relação com tema da pergunta:

A **docência** e a **produção de conteúdo em Ontopsicologia**. Desde que eu conheci a Ontopsicologia é o que eu faço. [...] O que eu tenho compreendido, há pouco tempo, é que isso pode se ampliar com o tempo, qualificar e ampliar [...]. Não é que eu tenha clareza, ou um plano definido, mas a minha busca é sempre estar disponível para aquilo que a minha alma naquele momento intenciona, que naquele momento deseja. [...] (PE1).

Tem muita coisa para aprender ainda, mas as partes que eu gosto mais é o **aspecto epistemológico**, o **problema crítico do conhecimento**, a **fundamentação da física** [...], o **aspecto histórico, nascimento e função da Ontopsicologia**. É muito a **pedagogia ontopsicológica**, que eu gosto também de ver a formação dos alunos da AMF por meio desse método aplicado [...]. E eu nem busco assim uma explicação racional, mas é porque é. Toma conta de mim de modo inteiro [...]. Pode ser que eu vá descobrindo outros daqui para frente [...], e é essa **interdisciplinaridade** que eu gosto muito. (PE2).

Pergunta difícil. [...] Porque não é uma só, mas em geral, mas é muito em geral, não é bem um assunto: **a beleza da inteligência humana**. Sinteticamente é isso, mas **é tudo**. (PE3).

Para mim, eu tenho a **psicoterapia** e a **consultoria** como o que me chamou a estudar [...], e o quanto os meus clientes me impulsionam também muito mais a querer fazê-los crescer [...]. E hoje, lendo agora, tem uma **atualização** [...].

Eu me dou conta que eu me surpreendo bastante com o que eu aprendo na Ontopsicologia. E quando eu olho, eu tenho a sensação de que vai ser compreendida mais [...], também tem o quanto a gente se reconhece ali, **naquele momento** [...]. Se eu estou dando aula, o que eu mais compreendo é a aquilo que eu estou fazendo naquele **aqui e agora**. (PE4).

Tem dois mundos que eu adoro: a **Psicologia da Liderança** e a **Filosofia Ontopsicológica**. Quando tu começa a trabalhar a conexão do homem com o ser, que é a filosofia ontopsicológica, do nexa ontológico, é a primeira passagem, não é o final, é o começo, ali tudo faz sentido. Se não é por isso, nada faz sentido [...]. Então, a Psicologia da Liderança é a economia, a formação do líder é uma economia: eu posso formar milhares de pessoas formando duas ou três. Então, a Psicologia da Liderança, para mim, é a passagem para chegar na Ontologia. Tanto é que **eu montei toda a minha vida para fazer formação de lideranças**. Formação de pessoas é o modo como eu falo, formação de lideranças é o modo que eu vejo. (PE5).

São duas dimensões, que na verdade é **uma unidade**: é a **psicoterapia** e a **psicossomática**. Primeiro, eu me debrucei porque era curiosa e queria saber muito. Segundo, porque me apaixonou ver ele (Antonio Meneghetti) funcionando ali, era uma **paixão comigo** e por identificação muito forte por esse profissional, do que ele nos deixou para nós como humanidade, essa tecnologia. Certo que tem tantas partes simpáticas, a **arte**, a **filosofia** é uma parte que eu amo muito, mas como empenho maior [...], seriam essas duas áreas que são imensas no fundo, que não é fácil dominar tudo delas, mas por ora são as que estão **mais presentes dentro de mim**. (PE6).

Com os alunos foi realizado o mesmo processo, com uma variação da pergunta para compreender a “parte” que o professor na visão dos alunos. Então foi realizada a seguinte pergunta: “qual é aquela ‘parte’ da Ontopsicologia, que na sua visão, você percebe que um professor ensina com maior facilidade, profundidade e paixão?”, conforme se pode conferir nas respostas dos alunos a seguir, sendo grifadas em negrito as palavras de destaque:

Eu vejo que eles vivenciaram, muito vivo tudo que o Professor (Meneghetti) passou para eles [...]. Uma coisa que eu visualizo, e uma opinião [...], é que esses professores saibam **formar outros professores**, outros operadores da Ontopsicologia à nível de **como eles se formaram com o professor Meneghetti** [...]. Eles foram sérios com eles mesmos, e **construíram aquela parte que tocou neles**, cada um foi para a sua área, mas cada um também respeitou o que o projeto de vida pedia [...]. Então, eu vejo que a parte que eles colheram e que levaram para frente foi o **próprio projeto**, [...] e aquela parte que vai fazer sentido é o próprio projeto, é o que vai de certa forma **contribuir também para a Ontopsicologia**. (AE1).

Não sei que parte da Ontopsicologia, eu sei que é **uma parte que diz respeito a eles**. [...] Daquilo que, de como eu percebo um professor, eu percebo também a parte dele nesse encontro. E a parte que ele pegou é a parte dele [...]. Porque

assim, você falando ‘qual é a parte’, me parece que é para eu pegar uma ‘partezinha’ dos instrumentos, e qual foi o instrumento que ele pegou para a sua vida. E eu acho que mais do que um instrumento, eles **pegaram a vida deles na mão** e colocaram: ‘vamos lá’. Eu acho que é isso que certifica um professor, e é isso que eu sinto e que eu percebo na relação com esses professores que eu descrevi, que são esses professores que me tocaram em alguma medida, em algum momento. Eu não consegui ver neles a parte da Ontopsicologia que eles pegaram, eu consegui **vê-los**. E por conseguir vê-los eu consegui olhar para aquilo que eu não queria olhar antes, olhar para aquilo que eu não queria aceitar, rever algumas coisas, destrinchar outras, colocar fora outras, assumir outras, com orgulho daquilo que se é. [...]. Eu consigo vê-los enquanto professores que em si por si, enquanto pessoas, que estão ali a **serviço da ciência**, a **serviço dos alunos**, mas sobretudo, a **serviço de si mesmos**. (AE2).

Eles ensinam que você tem que **construir a sua própria vida**, e basicamente isso. [...] Eu só estou percebendo agora o tanto o que eu posso fazer. E eu percebo que todos os professores de Ontopsicologia, não que eles identificam isso em cada aluno, mas eles percebem aqueles que querem fazer e que podem fazer. E os principais professores de Ontopsicologia são os que mais instigam isso. Esse é o ponto para mim que me **toca** mais. (AE3).

A parte de **conhecer a si mesmo**, de identificar qual é o próprio projeto, a própria identidade, e poder agarrar aquilo, seguir, fazer acontecer conforme é a tua própria identidade [...]. E eles também passam isso porque eles também **têm uma visão da vida** e conseguem passar isso para nós: uma visão de que na vida é possível ser **feliz**, se **realizar**, **conquistar** os objetivos que se tem. Por mais que tenha muitas outras dificuldades que vão aparecer, mas que a vida sim é boa e é possível se realizar estando nessa existência. E é a partir desse **autoconhecimento**, ter um estudo contínuo sobre si mesmo, sobre os aspectos que mais estão interligados à própria identidade, é possível se realizar e ser feliz de modo constante, não parando. (AE4).

É difícil individuar a parte pelo professor [...], é como se a **gente visse aquela pequena parte da Ontopsicologia, individuada em uma pessoa**. E a partir disso a gente consegue sentir o próprio Professor Antonio Meneghetti ali [...] eles (os professores) são aquela parte. (AE6).

Sem dúvida é a **parte que ele vive**. Mas a Ontopsicologia é uma ciência, é um conhecimento circular. A Ontopsicologia estuda a lógica pela qual o ser se faz existência, ou seja, o ser se põe em existência, e essa lógica é única, mas se expressa através de fenomenologias distintas. Então, quando a gente fala em ensinar uma parte da Ontopsicologia, a gente sempre está falando de ensinar a mesma lógica. Se o sujeito conseguiu viver esta lógica e compreendê-la, ele é capaz de ensinar a Ontopsicologia em suas diversas formas de fenômeno, porque a lógica é a mesma, porque ele já viveu essa lógica. Agora, quando ele for falar de um fenômeno, ele ensina melhor, sem dúvida, aquele fenômeno que ele já viveu. Como é o caso, como o consultor empresarial, ele vai ensinar melhor o fenômeno da consultoria empresarial, como o psicoterapeuta vai ensinar melhor o fenômeno da psicoterapia, mas a lógica da Ontopsicologia, que a Ontopsicologia traz como sendo a lógica da vida, **todos eles são capazes de ensinar por evidência**. (AE7).

Como forma de correlacionar e cruzar a análise de Professores e Alunos, o Quadro 9 a seguir mostra a síntese na categoria “A ‘fabricação’ e ‘parte’ da Ontopsicologia”:

Quadro 9 - A “fabricação” e “parte” da Ontopsicologia			
A “FABRICAÇÃO” E A “PARTE” DA ONTOPSICOLOGIA		PROFESSORES	ALUNOS
	A “PARTE” COMO MEIO: SERVIR PARA SER	Docência e Produção de Conteúdo	Formar outros professores e operadores da Ontopsicologia
		Comunicar a Vida	À serviço da ciência, dos alunos, mas sobretudo de si mesmos
		Formação de Pessoas	Instigam os alunos a construírem o melhor de si
		O Problema Crítico do Conhecimento e o Fundamento da Ontopsicologia	Profissionais completos
		A Interdisciplinaridade	A Ontopsicologia individuada em uma pessoa
		A Psicologia do Líder e a Formação de Líderes	Capazes de ensinar por evidência
		Ontologia	
		Psicoterapia e a Consultoria	
		Filosofia	
	Psicossomática		
	A “PARTE” COMO SENTIDO: VIVER PARA SER	Paixão e amor por si mesmo	Construíram a “parte” que foram tocados
		Identificação com um mestre de vida Antonio Meneghetti	São “vistos”, são percebidos de modo diferente pelos alunos
		Desejo de levar a diante (legado)	Conseguem passar uma visão de vida feliz e realizada
		Aquilo que estou fazendo aqui e agora	Eles são aquela parte que escolheram
		A Beleza da Inteligência Humana	A “parte” que os professores vivem

Fonte: elaborado pelo autor (2020).

Conforme o resumo dos professores e alunos acima, é possível observar dois aspectos, mas que acontece tudo junto, conjuntamente. Os professores se observam de um modo e os alunos os observam, de certa forma, do mesmo modo. Os alunos, por exemplo, percebem a “parte” deles, ou da Ontopsicologia, à serviço deles enquanto alunos, e colhem contemporaneamente um sentido de vida. Pois essa parte, dos professores, como lógica de serviço de inteligência, é meio, é mediação de vida. O aluno

ao contatar o professor também experiência e o próprio sentido para viver. Um professor capaz, realizado e feliz, desperta no aluno o potencial que também quer ser.

Então é possível inferir que exista essa relação: uma “parte” como lógica de serviço, como meio: servir para ser, e existe uma “parte” como sentido: viver para ser. Naturalmente acontece holisticamente, ao mesmo tempo, mas o que há em comum é essa lógica de realização, de sentido de vida, de prazer da existência: de ser, saber e fazer. Analisando alguns dos textos de Meneghetti, ele nos traz a seguinte reflexão:

Hoje me perguntava: por que vencer, resolver, se salvar? Qual é a intrínseca necessidade? Todos são formados para resolver uma missão recebida talvez de ‘Deus’ ou poderia ser a missão de amar os outros. Mas quem ou o quê impõe isso? Um outro, para ser o primeiro entre os outros. O que quero indicar é o fato que, analisando toda a vida – a própria e a dos outros – o ser humano é habituado a admitir um dever, isto é, se ele não faz aquilo que deve fazer, é culpado. É como se existisse um subcódigo de constante complexo de culpa: se você não realiza, se você não vence, é reprovado. Reprovado por quem? Pelos outros, pela vida, por Deus. (MENEGETTI, 2016b, p. 159).

Como pode-se perceber, não há uma necessidade, mas existe o prazeroso jogo da existência, o divertir-se pela busca de fazer o melhor de si mesmo, momento a momento, para colher o prazer da existência. Só há o átimo, o aqui, o agora e assim. “O átimo do qual me dou conta e que chamo de presente já é passado. O futuro não o tenho, deve chegar; o presente já passou. O que tenho? Nada”. (MENEGETTI, 2016b, p. 160). Ou seja, Antonio Meneghetti, a partir seus resultados concretos de aplicação de suas descobertas, e da sua vasta formação filosófica, o consentiu fazer uma análise completa da existência, constata que não encontra racionalmente um princípio que justifique esse dever, mas sim um sentido e prazer de viver:

Eu encontrei uma só resposta à pergunta: ‘Por que realizar, vencer?’. A partir do momento que existo – e este é um fato – é belo estar bem, é belo saber a própria vida com prazer, ser sadio, ganhar sempre mais de si mesmo, alcançar uma maior consciência. *O saber aumenta o espaço da própria vida*, o abraço das coisas que existem. Se o homem organiza bem o seu fato existencial, vive mais e melhor, percebe a vida com satisfação. Colhe um prazer utilitarista-funcional à própria individualidade e sociabilidade. O ser humano convive com os outros: se estes o amam, o admiram, ele tem prazer; se o odeiam, ele está mal. Substancialmente, o único significado é que, do momento que homem existe, quanto melhor é organizado, mais a vida é agradável e mais ele aumenta o seu ser. Pensando em mim mesmo individualmente, certamente eu sou feliz e me perguntei *por que* sou feliz: porque *sou aquele que sou e sei aquilo que sei*. (MENEGETTI, 2016b, p. 161).

Ou seja, se formos correlacionar com a lógica que se busca compreender nessa pesquisa, sobre a perspectiva da “parte” da Ontopsicologia, é possível compreender que somos parte dessa dialética existencial, e é nessa “parte” que se dá o próprio projeto de vida, o próprio Em Si ôntico, que se é junto ao Ser. A parte: o Em Si ôntico. O todo: o Ser; ou seja, a parte do todo.

Viver – nós todos vivemos – comporta um sentido, de fato todos pretendem um fim, mais ou menos distante ou mesmo negado: por que um fim ou um sentido? A essência do interrogar de vocês implica a pretensão, a necessidade de um fim. Eu lhes pergunto: “Por que você deveria ter um fim? Por que o homem quer um sentido? Por que deveria tê-lo? Por quê?”. [...] A individuação existente é exatamente o lugar onde o ser media a própria pesquisa. Isso é possível enquanto a individuação é a sua constante resposta. Quem não é já resposta, não poderia nem mesmo pesquisar. Cada um de vocês não poderia discutir sobre o ser, a existência, a vida, se já a vida não o tivesse entre os braços. Não poderia recalcitrar, maldizer, amar ou eludir o sentido último, se esse não lhe fosse já “íntimo”. (MENEGHETTI, 2015b, p. 218).

Aqui adentra-se em uma parte também – subjetividade do pesquisador – a busca por respostas nessa pesquisa, que ao examinar, observar, interrogar os alunos e professores em busca desse sentido, percebeu uma passagem de evolução. Durante a pesquisa, teve um aluno mais experiente de vida e de maturidade sobre o que diz respeito aos aspectos existenciais, que percebeu ao longo de sua trajetória de vida que a resposta da vida o professor não poderia possuir por inteiro, mas que só poderia existir um modo único, baseado em uma postura de aluno como aprendiz, conforme o relato do aluno a seguir:

Os professores me ensinavam o que eles eram, ou o que eles são e, portanto, não me ensinaram o ser quem eu sou. Então até ao longo da vida, eu me dei conta disso, e cheguei a uma conclusão que faz muitos anos que eu tenho para mim: não existe professor, só existe aluno. (AE5).

Resgatando um argumento utilizado na fundamentação teórica desse trabalho, Meneghetti traz essa perspectiva de que é a própria alma do aluno que o ensina como fazer, aprender e vier, conforme o trecho a seguir:

Não é o ontopsicólogo que pode ensinar o que deves fazer, mas é o teu Em Si ôntico que diz qual é o teu projeto. É a semente do feijão que ensina ao biólogo como deve ser cultivada, é a semente do grande carvalho, da grande árvore que ensina ao biólogo como ser cuidada. Não é o cientista que pode ensinar à árvore, a uma célula qual é o código de leitura e de intervenção, é o contrário. (MENEGHETTI, 2002, *transcrição de áudio*).

É possível perceber, portanto, que um verdadeiro professor é aquele que aprende o que a alma do aluno oferece, aprendendo com base nesse critério a cultivá-lo e conduzi-lo ao aprendizado. Ou seja, ambos como *aprendizes* da vida. O que se pode analisar também é que, não é possível ensinar o outro como a ser se antes não se é, mas mesmo que sejas, é tarefa individual do outro, do aluno, ouvir o maior professor que ele possa ter: o seu próprio Em Si ôntico.

Está tudo dentro de você, no Em Si: onde interroga, ali está também a resposta. Se você trai onde é interrogado, trai o seu 'dentro', então perde também a resposta. O Ser propõe à existência a autóctise, como reverberação ou projeção de si mesmo: autóctise pura. Ama as próprias individuações, porque as criou para o próprio prazer. Tudo somado, o que motiva a existência, no Ser, é a vontade de repropor-se e reencontrar-se, desafiando-se continuamente. Diverte-se. Esta é a glória de ser o Ser. *Se antes você não se torna aquilo que é, não sabe aquilo é.* (MENEGHETTI, 2015b, p. 219).

A Ontopsicologia individua e isola esse critério: o Em Si ôntico de cada um. Este processo existencial é construído na medida em que corresponde a essa pergunta onde já se é resposta. É por meio da autóctise histórica que se torna, é construindo e cultivando a si mesmo que viabiliza na existência. “*A autóctise histórica é uma autogênese que faz ontogênese, produção de mais ser, realização de valores, ou seja, quânticos de mais ser, de mais vida, de mais prazer*”. (MENEGHETTI, 2013a, p. 36). Autóctise histórica é a autoprodução de si mesmo, que quando se faz, gera-se também uma ocasião de ontogênese, portanto, mais ser e mais vida também para o outro. Se do quanto encontrado, evidenciado nessa pesquisa, o único e insubstituível critério da Ontopsicologia na educação é o Em Si ôntico. Eis o diferencial das outras formas de pedagogias. Se o professor ou o aluno tornam-se aquilo que distintamente os são, portanto saberão aquilo que distintamente são. O encontro entre os dois é ampliação de contato, de produção de mais ser.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática da educação e da formação de pessoas, de lideranças, sempre foi um grande interesse do autor quando se trata em ser um meio de estímulo de vida em um outro humano. A Ontopsicologia ascendeu de maneira mais intensa esse chamado, ajudando a refinar e qualificar os aspectos existenciais que consentissem olhar para si e perceber o próprio valor e o potencial que se é. Esta sensibilidade foi ganhando forma, espaço, sentido, desde o primeiro contato com a Ontopsicologia, por meio dos livros e dos verdadeiros professores dessa ciência. Esses professores quando falavam, tocavam em nós alunos uma dimensão “desconhecida”, mas quando revelada, se percebia já de certa forma “sabida”. Só que naquele momento era mais do que nunca o sentido de saber o que se é, pois aprender é também se reconhecer: sentir a evidência da presença do próprio Em Si ôntico.

Esse trabalho então foi uma ocasião de empenho e de maturação, e sobretudo de metabolização de como construir essa formação individual. Um estudo que trouxe um aprendizado também técnico com as passagens ilustradas, que só foi possível com a entrega e a generosidade dos professores e alunos entrevistados. Foram entrevistas vivas, intensas, onde os professores relatavam como se fossem alunos, e não apenas professores, pois se percebia a simplicidade e a humildade deles colocando-se como *eternos aprendizes* da Ontopsicologia. Nas entrevistas com os alunos, foi muito bonito, pois foi também um processo técnico, de utilização do método da Ontopsicologia nas entrevistas para fazer abrir a novidade na revelação das falas, e na sua maioria, saíram emocionados e sensibilizados com o tema dialogado. Assim como o autor percebeu, nem eles mesmos deram-se conta da riqueza de novidade de conteúdo do quanto exposto naquele momento. Após a realização das entrevistas, se constatou que esse conteúdo poderia servir de auxílio para tantos alunos e professores de Ontopsicologia que buscam compreender, aprofundar sobre esse tema e se qualificar na arte da docência.

O presente trabalho de pesquisa, de Conclusão de Curso do Bacharelado em Ontopsicologia, teve como objetivo geral analisar qual percurso formativo necessário o professor de Ontopsicologia deve afrontar para “fabricar” a Ontopsicologia, para poder, portanto, ensinar, mediar e transmitir esse conhecimento de modo exato e eficaz aos alunos de Graduação da Antonio Meneghetti Faculdade. Como pode-se verificar, o resultado alcançado foi possível, por meio da fundamentação teórica da pesquisa, com base no autor principal, Antonio Meneghetti, de como realizar uma formação técnica em

Ontopsicologia. Somado a pesquisa realizada com as entrevistas de professores e alunos da Instituição, foi possível verificar a convergência e reversibilidade de aplicação técnica do método ontopsicológico, como também as dimensões práticas e profundas que se abrem acerca da apropriação desse conhecimento como também de recurso didático de ensino.

No que se refere ao primeiro e ao segundo objetivos específicos, analisar como os professores aprendem e aplicam a Ontopsicologia na própria vida (conhecimento técnico e estilo de vida), se verificou que não há uma separação em com o estudar-aplicar-viver essa ciência. Constantemente teoria e prática andam juntas, é uma nova forma de ver o conhecimento, a Ontopsicologia implica essa exatidão de aplicação, e sobretudo o operador exato. Somente assim será possível uma educação mais eficaz, se houver a exatidão de consciência de quem opera, de quem ensina.

No terceiro objetivo, foi verificar como que cada professor entrevistado, com formação em Ontopsicologia, utilizam essa ciência de modo exato e eficaz no processo de ensino-aprendizagem nos cursos graduação da Antonio Meneghetti Faculdade. A novidade que essa pesquisa pode trazer, foi analisar e compreender o método Ontopsicológico utilizado também como técnica didática para ensinar a própria Ontopsicologia: denominada como Didática Ontopsicológica. Notou-se que os professores não veem separado da vida pessoal, profissional do papel do docente, eles se colocam por inteiros sala de aula, pois entendem que a eficiência para passar esse conhecimento se dá pelo quanto se colocam por inteiro. Ou seja, de certa forma, eles são a Ontopsicologia, pois portam dentro de si a Ontopsicologia, a lógica da vida.

A Ontopsicologia quando utilizado de forma consciente, técnico e racional, nota-se que o mesmo método é aplicado principalmente para centrar a si mesmo, e naturalmente, calibrar tudo o que diz respeito na postura e relação professor-aluno: existe um modo pela busca da excelência ao preparar a aula, se impostar diante dos alunos e ler as dinâmicas inconscientes que se manifestam no impacto semântico, sejam os aspectos negativos ou positivos. Pode-se então compreender que esse método pode ser utilizado como um diferencial didático, pois o professor capaz, sabe conduzir o caminho do aprendizado do aluno. Além de que essa técnica possibilita ler as dinâmicas inconscientes, o professor utiliza a Ontopsicologia para saber onde entrar e onde não entrar, pois ele leva em consideração também os possíveis jogos infantis que possam se manifestar, mas o foco dessa condução e manejo técnico é o Em Si ôntico de cada aluno, sempre

considerando a disponibilidade e aceite do aluno. Cria-se então a ocasião para construir com os alunos as passagens necessárias, para que efetivamente e autonomamente consigam buscar por si a compreender, e fazer as suas mudanças, levar a sério a própria vida e construir o primado de realização existencial. Esse é um dos principais objetivos.

E por último, pode-se compreender as duas passagens encontradas no referencial teórico, sobre a “fabricação da Ontopsicologia”, conforme Buonanno (2006), e a “parte da Ontopsicologia” que Meneghetti (2013 s/p) menciona ao deixar esse legado de conhecimento para a humanidade. Foi então uma provocação, um chamado, para identificar qual é essa “parte” da Ontopsicologia que os Professores “fabricaram” em si mesmos. E o que se pode evidenciar, duas possíveis abordagens de compreensão: “A ‘parte’ como meio: servir para ser” e “a ‘parte’ como sentido: viver para ser”. Essas partes no fundo são as mesmas, pois é meio para servir um outro humano, como capacidade de poder dar para ser, que também se retorna em si mesmo como: sentido, como valor, de viver para ser.

Muitos estão querendo também entender esta estrada de formação, deste futuro profissional e, possível docente, de Ontopsicologia. Alguns professores começaram juntos com a formalização dessa ciência em contato direto com este mestre de vida chamado Antonio Meneghetti, na relação de mestre-discípulo, professor-aluno... outros sentiram-se naturalmente convocados para serem braços de ação para semear esse conhecimento para tantas outras pessoas. Antonio Meneghetti deixou esse legado para humanidade: um conhecimento científico que consente tocar o todo do individual potencial humano. É uma responsabilidade comunicar esse conhecimento, mas só é possível se for vivida, com calma, paciência e muita humildade, simplicidade, construindo e realizando dia a dia a si mesmo.

Essa pesquisa não finaliza por aqui, pois dessa experiência abrem-se tantos novos caminhos de constante maturação, para formalizar na prática também como possível projeto de pesquisa, de extensão, para contribuir e desenvolver os futuros profissionais e professores de Ontopsicologia. Ainda há um grande espaço de compreensão e de contribuição dos infinitos estudos teóricos e empíricos sobre a temática da educação, seja para o desenvolvimento científico, mas principalmente como valor e direção ao estudo da maior novidade no que consente a formação humana: a interdisciplinaridade da Ciência Ontopsicológica.

6. REFERÊNCIAS

ANTONIO MENEGHETTI FACULDADE. (Restinga Sêca) (edu.). **Antonio Meneghetti Faculdade: metodologia FOIL**. Metodologia FOIL. 2020. Disponível em: www.faculdadeam.edu.br. Acesso em: 26 jun. 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA. **A Essência da Ontopsicologia**, 2020. Disponível em: http://www.onto.net.br/index.php?title=A_essência_da_Ontopsicologia#4. Acessado em 26 jun. 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA. **Recanto Maestro Lança seu Novo Website**. Disponível em: <http://www.ontopsicologia.org.br/noticias/recanto-maestro-lanca-seu-novo-website/289>. Acessado em: 31 jan. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, PT: Edições 70, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2010.

BUONANNO, Enrico. **A Fabricação da Ontopsicologia**. *Revista Nova Ontopsicologia*, ano XXIV, n. 1. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2006.

CAROTENUNO, Margherita. **A Paideia Ôntica dos Sumérios a Meneghetti**. Recanto Maestro-RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

FNQ. **Mundo VUCA: o que é e qual a influência na gestão das organizações?** São Paulo-SP, 2018. Disponível em: <https://blog.fnq.org.br/mundo-vuca-o-que-e/#:~:text=Entenda%20o%20que%20é%20mundo,complexidade%20e%20ambiguidade%2C%20respectivamente>. Acessado em: 23/06/2020.

ETIMO. **Dizionario Etimologico Online**. 2008. Disponível em: <http://etimo.it/?pag=hom>. Acessado em: 25/06/2020.

TRECCANI. **Enciclopedia italiana Treccani**. 2021. Disponível em: <https://www.treccani.it/>. Acessado em: 20/02/2021.

MENEGHETTI, Antonio. **Ontopsicologia: inteligência superior de serviço** (conferência em vídeo). São Paulo, 2002. Acervo Audiovisual Fundação Antonio Meneghetti. Acessado em 25/10/19.

MENEGHETTI, Antonio. **Jovem e Metafísica** (conferência em vídeo). Recanto Maestro, 2007. Acervo Audiovisual Fundação Antonio Meneghetti. Acessado em 02/10/20.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. **Projeto Homem**. 3. Ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. Recanto Maestro-RS. Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, Antonio. **Os Jovens e a Ética ôntica**. Recanto Maestro-RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013a.

MENEGHETTI, Antonio. **Genoma Ôntico**. 3. ed. Recanto Maestro-RS. Ontopsicológica Editora Universitária, 2013b.

MENEGHETTI, Antonio. **Nova Fronda Virescit: introdução à Ontopsicologia para jovens**. 1. ed. Recanto Maestro-RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, Antonio. **Cultura & Educação: uma nova pedagogia para a sociedade futura**. In: Ontopsicologia e Pedagogia. Associação Brasileira de Ontopsicologia – Recanto Maestro: São João do Polêsine-RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015a.

MENEGHETTI, Antonio. **O Em Si do Homem**. 5ª. Ed. Recanto Maestro-RS. Ontopsicológica Editora Universitária, 2015b.

MENEGHETTI, Antonio. **Residence Ontopsicológico**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2016a.

MENEGHETTI, Antonio. **Antonio Meneghetti sobre... A Riqueza como Arte do Ser**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2016b.

MENEGHETTI, Antonio. **Antonio Meneghetti sobre... Jovens e Realidade Cotidiana**. Recanto Maestro-RS. Fundação Antonio Meneghetti, 2017.

MENEGHETTI, Antonio. **Antonio Meneghetti sobre... Isomaster: como empresário do Ser**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2018.

MENEGHETTI, Antonio. **Antonio Meneghetti sobre... Falando aos Jovens. Volume II**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2019a.

MENEGHETTI, Antonio. **Sistema e Personalidade**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019b.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**, Proposta Preliminar, 2ª versão revista, 2016. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index>.

php?option=com_docman&view=download&alias=40791-bncc-proposta-preliminar-segunda-versao-df&category_slug=maio-2016-pdf&Itemid=30192. Acessado em 22 jun. 2020.

PRIBERAM. In: **DICIONÁRIO da Língua Portuguesa**, 2008-2013. Disponível em <https://www.priberam.pt/DLPO/Default.aspx>. Acesso em 29 mar. 2020.

SCHAEFER, Ricardo. **Empreender como uma forma de ser, saber e fazer: o desenvolvimento da mentalidade e do comportamento empreendedores por meio da educação empreendedora**. 2018. Monografia: Programa de Pós-Graduação em Administração – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

SERAMIM, Ronaldo Jose. WALTER, Silvana Anita. **O que Bardin diz que os autores não mostram? Estudo das produções científicas brasileiras do período de 1997 a 2015**. Administração: Ensino e Pesquisa. Rio de Janeiro-RJ, 2017.

SPANHOL, Carmen. **Formação, Motivos e Sentidos Atribuídos ao método Ontopsicológico por Professores do Ensino Superior**. Ontopsicologia: Ciência Interdisciplinar – Volume IV. Fundação Antonio Meneghetti – Recanto Maestro, São João do Polêsine, RS: Fundação Antonio Meneghetti, 2019.

STONA, Delis. **Vivenciando as Características do Em Si Ôntico: os resultados da Jornada da Vida e do Weekend Life em Jovens estudantes do Bacharelado em Ontopsicologia da Antonio Meneghetti Faculdade e demais Cursos de Graduação**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Ontopsicologia pela Antonio Meneghetti Faculdade – Recanto Maestro, Restinga Sênca, RS, 2019.

VYGOTSKY, Lev. **Psicologia Pedagógica**. Martins Fontes, São Paulo, 2010.

7. APÊNDICES

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES AMF (ONLINE)

1. Endereço de E-mail: _____

2. Nome Completo: _____

3. Para quais cursos você leciona? (múltipla escola)

- Ontopsicologia
- Administração
- Sistemas de Informação
- Direito
- Pedagogia

4. Quando você começou a estudar a Ontopsicologia? _____

5. Quais instrumentos de intervenção da Ontopsicologia você já realizou (enquanto cliente)? (múltipla escolha)

- Psicoterapia individual e de grupo
- Consultoria de Autenticação
- Consultoria Empresarial
- Imagogia
- Cinelogia
- Psicotea
- Melolística
- Melodance
- Hidromúsica Solar
- Residence
- Isomaster
- Nenhum

6. Quando você fez o primeiro *Residence* Ontopsicológico? _____

7. Quando foi o início do seu *training* de autenticação e por quanto tempo você realizou? _____

8. Se você tivesse que indicar alguns alunos que, na sua visão, se destacam no aprendizado e aplicação da Ontopsicologia, quais seriam eles? _____

APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS AMF (ONLINE)

1. Endereço de E-mail: _____

2. Nome Completo: _____

3. Qual(is) curso(s) você está fazendo? (múltipla escola)

- Ontopsicologia
- Administração
- Sistemas de Informação
- Direito
- Pedagogia

4. Em qual semestre/módulo você está? _____

5. Já participou de algum processo de formação existencial? (múltipla escolha)

- Jornada da Vida
- Weekeend Life
- Mentoria na Central de Carreira
- Consultoria de Autenticação
- Residence Ontopsicológico
- Imagogia
- Psicotea
- Melodance
- Melolística
- Cinelogia
- Nenhum

6. Se fosse indicar alguns dos professores(as) FOIL e/ou de Ontopsicologia que você teve, que mais se destacam no ensino e formação de alunos da AMF, quais professores(as) você indicaria? (Observação: que se destacam em estimular o aluno a estudar e compreender mais a si mesmo):

APÊNDICE C: ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES AMF

1. Como se aprende/estuda a Ontopsicologia?
2. Como você aplica a Ontopsicologia na sua vida?
3. Como você descobriu a vocação pela docência?
4. Como você dá aula? Quais são os recursos e práticas você utiliza para ensinar e, sobretudo, tocar verdadeiramente um aluno?
5. Qual o maior desafio ou cuidado que se deve ter ao ensinar a Ontopsicologia para um outro?
6. Como despertar no aluno a busca de conhecer a si mesmo?
7. O Professor Antonio Meneghetti, antes de partir, nos deixou a seguinte mensagem: *“Muitos me amaram. Outros me odiaram. Mas o meu último pensamento vai àqueles que me estudaram. É uma ciência muito grande para uma só mente. Mas certamente, para cada um, existe uma parte compreendida mais, uma parte que gerou maior paixão, que suscitou mais prazer. Desejo que cada um leve adiante justamente aquela parte.”* (MENEGHETTI, 2013, s/p). Qual é “aquela parte” da Ontopsicologia que você compreendeu mais e, portanto, ensina “essa parte” com maior facilidade, profundidade e paixão?

APÊNDICE D: ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS ALUNOS AMF

1. Ao longo de toda a sua vida, passou por diversos professores que contribuíram verdadeiramente com a sua formação (ensino básico, fundamental, médio, acadêmico etc). Quais são as características em comum desses professores? E o que na sua visão faz um professor ser um verdadeiro professor?
2. No seu ponto de vista, qual é a diferença da aula de um professor FOIL ou de Ontopsicologia, em relação a um outro professor que não possui essa formação?
3. Se fosse citar alguns dos professores que mais se destacam ao dar aula, o que eles fazem de diferente? E como você se sente ou se percebe nessas aulas?
4. Quais são os tipos de aulas que mais fazem você aprender e se desenvolver? Se recordas de alguma aula que mais te marcou, que fez com que entendesse com maior profundidade algum aspecto da sua vida?
5. Como você vê que aquele professor aplica aquilo que ensina?
6. O Professor Antonio Meneghetti, antes de partir, nos deixou a seguinte mensagem: *“Muitos me amaram. Outros me odiaram. Mas o meu último pensamento vai àqueles que me estudaram. É uma ciência muito grande para uma só mente. Mas certamente, para cada um, existe uma parte compreendida mais, uma parte que gerou maior paixão, que suscitou mais prazer. Desejo que cada um leve adiante justamente aquela parte.”* (MENEGHETTI, 2013, s/p). Qual é “aquela parte” da Ontopsicologia que você percebe que determinado professor ensina verdadeiramente “essa parte” com brilho no olho, com maior facilidade, profundidade e paixão?